Diário de Lisboa

FUNDADOR JOAQUIM MANSO DIRECTOR: A. RUELLA RAMOS

SÁBADO, 7 DE OUTUBRO DE 1972 — N.º 17885 — ANO 52.º — PREÇO 1$50

ATAQUE SUICIDA A PHNOM-PENH

. Um pelotão suicida comunista atacou hoje a capital do Camboja e semeou o caos e o pânico nos subúrbios setentrionais, numa batalha de ruas que durou seis horas, antes de ser repelido. Com todos os caminhos de fuga fechados, tropas cambojanas dizimaram os restantes homens do pelotão de cerca de 250 guerrilheiros, durante combates de casa em casa que decorreram por volta das 2 e 45, hora de Lisboa. A embaixada francesa foi atacada com fogo de armas automáticas e de bazucas quando, segundo alguns funcionários, um grupo de comunistas se refugiou no edifício. Na altura, não havia pessoal da embaixada no edifício. Quando o tiroteio cessou, cerca de 70 cadáveres juncavam as estradas de saída da cidade. A maioria dos guerrilheiros foi morta durante uma tentativa desesperada para alcançar local seguro em carros blindados roubados. Foram destruídos 12 desses veículos . Do lado cambojano, ficaram feridos 89 soldados e civis. Os comunistas fizeram explodir a maior ponte da capital, sobre o rio Tonle Sap, um dos braços do Mekong. Entretanto, no Vietname do Sul, tropas comunistas ocuparam sete aldeolas e destruíram quatro postos avançados de milicianos nas proximidades de Saigão, criando a «mais crítica ameaça» à capital sul-vietnamita em três anos e meio. Duas das aldeolas foram contudo abandonadas pelos atacantes.O general Ronald Fairfield, conselheiro militar americano para a região de Saigão, e dois ajudantes feridos por fragmentos de morteiro quando visitavam uma das áreas onde se estão a travar combates, a 40 quilómetros a norte da capital. Por outro lado, no Vietname do Norte, dois Phantom F-4 americanos foram atacados ontem por dois, um Mig-19 e outro 21, durante o bombardeamento de uma base de foguetões Sam. Segundo um comunicado do comando dos Estados Unidos em Saigão, o Mig-19 despenhou-se no solo e o Mig 21 desapareceu após o combate aéreo. (ANI, FP, R. DL).

APROXIMAÇÃO LESTE-OESTE

Edward Gierek (à esquerda), primeiro-secretário do Partido Comunista Polaco, despede-se do presidente Georges Pompidou depois de assinado um comunicado conjunto sobre a visita do polaco a Paris. No documento expressa-se a amizade e cooperação entre os dois países. (Telefoto UPI/Telimprensa/DL)

Vitória de Wilson sobre a esquerda

O Congresso do Partido Trabalhista britânico terminou ontem em Blackpool com uma vitória de Harold Wilson, o antigo primeiro-ministro, sobre a esquerda do Partido. Wilson conseguiu fazer aprovar a sua fórmula, segundo a qual um futuro Governo trabalhista deve renegociar os acordos com o Mercado Comum numa base mais favorável. A esquerda pretendia o corte puro e simples com a comunidade europeia. Por outro lado, Wilson conseguiu também consolidar a sua posição na chefia do Partido. A informadora do Partido para assuntos de política interna, Shirley Williams, pediu, entretanto, uma nova iniciativa governamental a respeito da questão da Irlanda do Norte. Os delegados ao Congresso anual concordaram com a sugestão, mas mantiveram a linha geral de que a Irlanda só poderá ser reunificada com o acordo da maioria protestante do Ulster. (ANI/DL).

ACORDO HISTÓRICO SOBRE PETRÓLEO

Um acordo que representa um virar de página na história do petróleo foi ontem anunciado em Nova Iorque. São signatários desse documento os países produtores de petróleo do Golfo Pérsico e as companhias que neles operam. Segundo o acordo, a Arábia Saudita, o Koweit, o Qatar, o Iraque e Abu Dhabi passam a participar no capital das companhias. Essa participação atingirá os 51 por cento, a maioria portanto, em 1980. Estes países exportam mais de 500 milhões de toneladas de petróleo, tendo, por isso, um papel determinante no abastecimento dos países ocidentais industrializados. As negociações que levaram a este acordo — o qual parece pôr fim a uma época de instabilidade nas relações entre os países produtores e as companhias — arrastaram-se durante nove meses. O acordo, dizem os observadores, acaba com o poder quase ilimitado das companhias, mas garante-lhes a estabilidade. Como disse o delegado saudita às conversações: «Trata-se de um casamento católico do qual é muito difícil conseguir um divórcio». Os pormenores do acordo permanecem quase todos secretos. Contudo, pensa-se que o preço do petróleo bruto poderá subir um pouco. A Europa e o Japão parecem ter sido prejudicados em relação aos Estados Unidos. (F. P./DL).

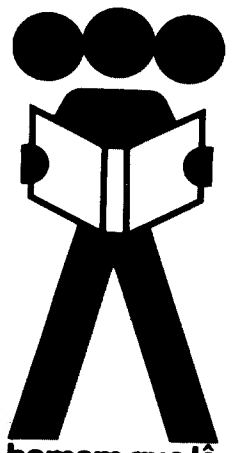
HOJE: 32 PÁGINAS

LEITOR DO "DIÁRIO DE LISBOA"

ATENÇÃO!

É já na segunda-feira!

Começa já depois de amanhã a nova iniciativa «Homem que lê vale por três», promovida pelo «Diário de Lisboa» com o patrocínio do Crédito Predial Português e com a colaboração de alguns dos editores mais prestigiados do país.



Chamamos por isso a atenção de todos os leitores que ainda se não inscreveram como «Leitores do Diário de Lisboa» para a necessidade de o fazerem quanto antes, e aproveitamos a ocasião para pedir aos que ainda não receberam os seus bilhetes de identidade que aguardem pacientemente a sua recepção.

Como já tivemos ocasião de explicar, o volume de cartas que está a chegar diàriamente à redacção ultrapassou todas as nossas expectativas, não nos tendo sido possível, até agora, pôr em dia o serviço de envio dos bilhetes de identidade.

O facto, porém, de alguns leitores ainda os não terem recebido, em nada afecta a sua participação na iniciativa, até porque há muitos leitores já inscritos que perderam os seus bilhetes e que podem concorrer sem que esse extravio os prejudique.

O que conta é o envio do cupão devidamente preenchido. Uma vez esse cupão arquivado, o seu remetente está auto-

Continua na pág. 2

ABRIRAM AS ESCOLAS PRIMÁRIAS!

Com liceus, ciclos preparatórios e escolas técnicas já em actividade, foi agora a vez dos estabelecimentos do ensino primário abrirem as portas. Por elas entraram esta manhã multidões de petizada radiante, a antegozar os nove meses de algum estudo e muita brincadeira — que é no que a seu ver consiste o ano lectivo. Sobre o acontecimento, reportagem na pág.11

DL/GERAL

LEITOR DO "DIÁRIO DE LISBOA"

É JÁ NA SEGUNDA-FEIRA!

Continuação da pag. 1

máticamente habilitado a participar em todas as iniciativas do «Diário de Lisboa», independentemente de ter ou não o «bilhete de Identidade».

O êxito verdadeiramente extraordinário que a nossa iniciativa está tendo junto dos leitores do jornal continua a concretizar-se no envio de cada vez mais cupões — ninguém, aquando do lançamento de «Homem que lê vale por três», podia imaginar o que ia acontecer.

Distribuir mil e oitocentos contos de livros no decorrer de uma actividade promocional, constitui um acto de fé num País que ainda há bem poucos anos tinha um dos mais altos índices de analfabetismo da Europa.

A prova de que esta fé tinha fundamento está à vista — num só dos últimos dias da semana passada, inscreveram-se como «Leitores do Diário de Lisboa» mil e quatrocentos leitores!

Não escondemos a ninguém que o êxito da nova iniciativa nos enche de júbilo e que a nossa alegria não provém apenas do facto de termos ido ao encontro dos desejos da grande maioria dos nossos leitores. O que, verdadeiramente, nos enche de alegria é verificar que o País está a evoluir tão ràpidamente que uma iniciativa certamente votada ao malogro há poucos anos tem, agora, um êxito surpreendente. O que, verdadeiramente nos enche de alegria é verificar que o êxito, a todos os títulos extraordinário, desta iniciativa nos permite encarar o futuro confiadamente.

O período de duração de «Homem que lê vale por três» começa já na segunda - feira.

Estamos, portanto, a dois dias da data em que os «Leitores do Diário de Lisboa» devem começar a coleccionar os cabeçalhos dos seus jornais para ficarem habilitados aos mil prémios instituídos.

Inútil será dizer que os leitores ainda não inscritos têm toda a vantagem em fazê-lo o mais ràpidamente possivel e que os participantes não residentes em Lisboa e no Porto devem assegurar-se da compra dos seus exemplares, dirigindo-se, quanto antes, aos nossos agentes.

Como já tivemos ocasião de dizer mais de uma vez, nada há de mais fàcil do que participar nesta iniciativa.

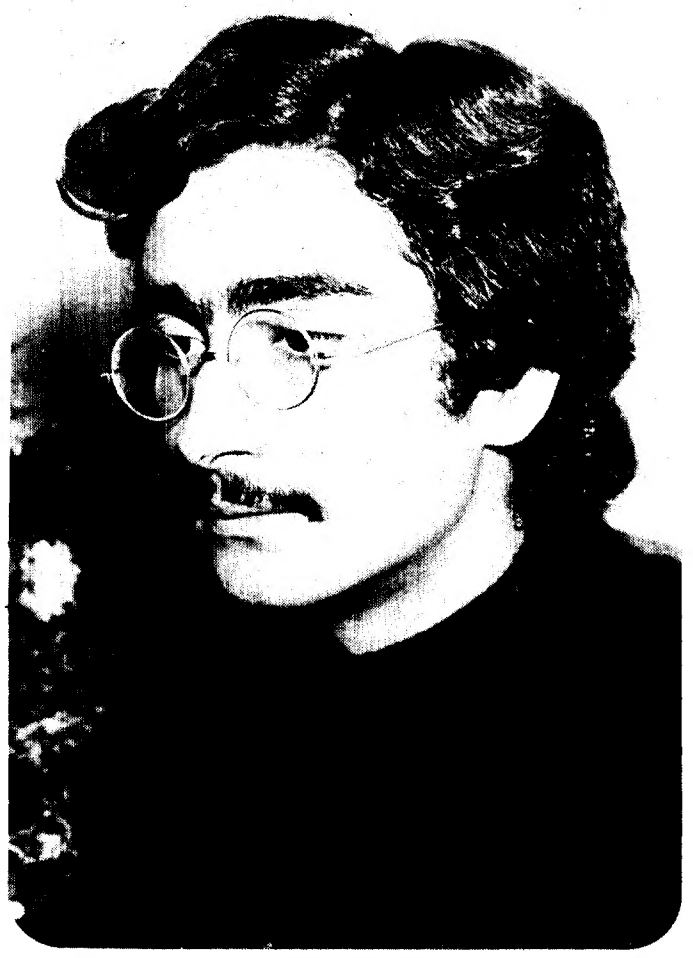
Os leitores que o quiserem fazer — e todos farão bem em não perder esta oportunidade — apenas têm de preencher um dos cupões que publicamos diàriamente e enviá-lo, com um selo de correio de 1$00, a «Homem que lê vale por três», Diário de Lisboa, Rua Castilho 185 - 1.º Lisboa.

Posto isto, apenas têm de coleccionar os cabeçalhos dos jornais publicados a partir de 9 de Outubro para formarem as colecções que terão de mostrar ou de enviar ao «Diário de Lisboa» conforme lhes for pedido.

Haverá coisa mais simples? O que é incontestável é que, inscrevendo-se, os leitores ficam habilitados a prémios constituídos por colecções de valiosíssimos livros!

O ENVIO DO SELO

Quem pretenda que lhe enviemos pelo correio o cartão de Identidade de Leitor do «Diário de Lisboa» deverá juntar ao seu cupão um selo de correio de 1$00.



Manuel Joaquim Gandra, da Minerva:
A iniciativa do «Diário de Lisboa» está destinada ao êxito, a que a Editorial Minerva se associa tendo em mente a maior difusão do livro num país em que ler custa caro.

ASSINATURAS PARA A INICIATIVA

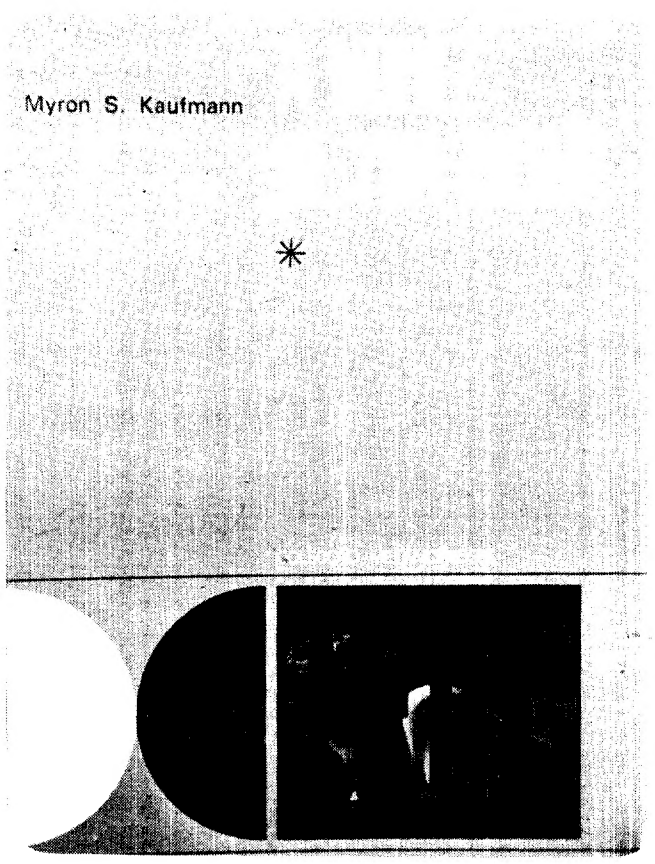
Aceitam-se desde já asssinaturas pelo período da iniciativa que garantem aos interessados os exemplares pretendidos, ao preço de:

45 dias — 67$50

ASSINATURAS NORMAIS

3 meses — 130$00
6 meses — 250$00
12 meses — 485$00

Pagamento adiantado, em vale de correio cheque ou selos.



Uma das numerosas obras contemporâneas com que a Editorial Inova enriqueceu a lista dos prémios

ATENÇÃO: O QUE TEM DE FAZER PARA SE HABILITAR AOS PRÉMIOS INSTITUÍDOS

LEITOR DO "DIÁRIO DE LISBOA"
3.ª FASE

NOME: _____

MORADA: _____

LOCALIDADE: _____ TEL: _____

PROFISSÃO: _____

Os leitores já inscritos que tenham mudado de residência, para concorrerem a esta 3.ª fase, têm obrigatòriamente de renovar a sua inscrição preenchendo este cupão e indicando que ele se destina a substituir o anterior. Para o fazerem basta-lhes indicar a sua morada antiga na linha que segue

_____

Os Leitores que ainda não estejam inscritos preenchem sòmente a parte de cima.

. 1.º) Se já se inscreveu como «Leitor do Diário de Lisboa» no decorrer de qualquer das iniciativas que este jornal dedicou aos seus leitores, não precisa de fazer mais nada e não deve preencher este cupão, porque já é «Leitor do Diário de Lisboa» e já está, portanto, habilitado aos prémios instituídos para a nova iniciativa, mesmo que tenha perdido o seu «Bilhete de Identidade», desde que, a verificar-se a hipótese de ser premiado, tenha em seu poder uma colecção dos cabeçalhos dos jornais que sairem durante o período de duração da iniciativa.

2.º) Se já se inscreveu como «Leitor do Diário de Lisboa» no decorrer duma das iniciativas anteriores, mas mudou de residência desde a sua inscrição, deve preencher novamente este cupão indicando no mesmo, a sua antiga morada, para que possamos substituir a sua antiga ficha por uma nova.

3.º) Se nunca se inscreveu como «Leitor do Diário de Lisboa» e deseja aproveitar esta oportunidade para o fazer, deve preencher este cupão, recortá-lo e enviá-lo, juntamente com um selo de 1$00, a «Homem que lê vale por três», Serviços Administrativos do Diário de Lisboa, Rua Castilho, 185-1.º, Lisboa. O selo de 1$00 será usado pela organização da iniciativa para lhe enviar o seu «Bilhete de Identidade de leitor do Diário de Lisboa».

CORRESPONDÊNCIA

. Não nos é possível responder a todos os leitores que se nos dirigiram nos últimos dias pedindo esclarecimentos ou fazendo sugestões acerca da nossa nova iniciativa. Para o fazermos, teriamos de montar uma secção especialmente incumbida, porque estamos a receber cerca de 300 cartas por dia!

Isto não quer dizer que as cartas não sejam todas lidas ou que não lhes prestemos atenção. Na medida do possível, vamos tentar responder a todas, mas, como é evidente, agrupando tanto quanto possível os leitores que nos fazem as mesmas perguntas ou oferecem sugestões análogas.

Carlos Manuel Duarte, Francisco Pereira Rodrigues, Paulo Migueis, Ana Tavares, José Duarte Colega e Laurinda de Jesus:

. . Já dissemos não ser possível a um participante habilitar-se aos prémios com mais de uma colecção de cabeçalhos. Os motivos que nos levaram a tomar esta decisão foram expostos num dos últimos números do «Diário de Lisboa». No que se refere à pergunta feita pela leitora Laurinda de Jesus: não há qualquer inconveniente em que os premiados procedam a trocas de livros depois de terem recebido os seus prémios, mas não dispomos de qualquer serviço para esse efeito. Terminada a iniciativa, dirija-se aos seus organizadores que farão o possível por auxiliá-la.

Opinião

AS SUAVES ÁGUAS DO MONDEGO

Devagar que tenho pressa, dizem, e dizem também que devagar se vai ao longe. Falam assim os prudentes, os cautelosos, os que não dão ponto sem nó, para que não se desfaça o alinhavo, os que só movem um pé quando o outro dá garantias de firmeza. Nada mais louvável. Quando se pretenda construir para o futuro, convém não descurar os alicerces, verificar os planos, tirar a prova real às contas, enfim, fazer obra sólida para que não se queixem os vindouros.

Contudo, não é raro que o tempo jogue contra o tempo, e do muito pensar e amadurecer pode resultar que as soluções encontradas venham a mostrar-se incapazes de resolver problemas que entretanto cresceram e se agravaram. Não diremos que seja este o caso que hoje trazemos aqui à consideração dos leitores, mas é pelo menos intrigante que o relógio tenha precisado dar tantas voltas até à hora do trabalho visível. E nem sequer temos a certeza de que a solidez da obra, deste modo, se garantisse melhor.

O caso começa em 1940, com o «Projecto do aproveitamento hidro-agrícola da bacia do Mondego». Mais de vinte anos depois, em 1962, a Direcção-Geral dos Serviços Hidráulicos, na sequência daquele e de outros estudos anteriores, elaborou o «Plano geral do aproveitamento hidráulico da bacia do Mondego», o qual, como tinha de ser, depois de submetido aos pareceres do Conselho Superior de Obras Públicas e do Conselho Superior de Agricultura, veio a ser aprovado pelo Ministério das Obras Públicas em Abril de 1963 e pelo Secretário de Estado da Agricultura em Março de 1964. Em 28 de Janeiro de 1965 a Câmara Corporativa dava o seu parecer. Tinham passado vinte e cinco anos sobre o «Projecto»...

Ora, não é ocioso recordar que «a defesa contra as cheias dos campos do Baixo Mondego ocupa o lugar de primeira importância entre os objectivos do plano, pois o assoreamento progressivo dos leitos e o enfraquecimento das matas têm provocado o agravamento da frequência das inundações e dos respectivos malefícios. Os terrenos marginais, de grande fertilidade, estão hoje sujeitos a frequentes submersões, quer por pequenas cheias, quer pela impossibilidade de escoamento das àguas pluviais».

A transcrição foi longa, mas valeu a pena para que o leitor possa ajuizar da gravidade da situação e da urgência dos remédios necessários. Por isso mesmo se tornará mais clara a estranheza provocada pela distância entre estas duas datas: 1940, quando foi dado a público o «Projecto de aproveitamento», e 1972, quando enfim, se dá início às obras... Durante trinta e dois anos, os invernos executaram a sua obra destruidora, metòdicamente, implacàvelmente, enquanto os textos do «projecto» e do «plano» recolhiam despachos e pareceres, sem dúvida indispensáveis, mas morosos mais do que as necessidades imploravam...

Pessoas a quem bastem os resultados, dirão que é já inútil repisar as demoras passadas, uma vez que vai ser posto em execução o plano de aproveitamento hidráulico do Mondego. E dirão também que nada remedeia lamentar o leite derramado. Assim é. Mas esse leite derramado foi perda para o País, prolongada durante dezenas de anos enquanto as secretarias alinhavam números e palavras. Por isso entendemos que este comentário, assim traçado, não vem a despropósito: nele se pede que procuremos aprender com a experiência, dado que o tempo é pouco para que nos demos ao luxo de o desbaratar, e que as riquezas naturais do País têm de ser defendidas a todo o custo. Com prioridade absoluta.

Informação para escolher

O «Le Monde» transcreveu há dias uma carta de um leitor húngaro ao seu jornal, o «Elet Es Irodalom». Protestava o leitor, irònicamente aliás, contra o facto de os depuatados de Budapeste discutirem os problemas da cidade sem que o público tomasse conhecimento dos assuntos discutidos e das opiniões expressas. O leitor, com razão, pretendia que os debates fossem mais divulgados, de forma a que ele, nas próximas eleições, tivesse a possibilidade de, em consciência, escolher um candidato. O pequeno «fait divers» tem em si muito sumo para se lhe extrair. Despaquemos, em preimeiro lugar, a consciência cívica daquele habitante de budapeste que não quer abrir mão dos seus direitos e que pretende cumprir os seus deveres com conhecimento de causa. Em seguida, apontemos que o «Elet Es Irodalom» não se eximiu a publicar o escrito do cidadão indignado. Estes dois pontos parecem-nos os mais importantes para se fazer uma ideia de como se passam certas coisas na distante Hungria, que cada vez conhecemos menos. Mas podemos também notar que os relatos dos encontros dos parlamentares húngaros se resumem, pelo menos desta vez, a pequenas frases dizendo que a reunião se ocupou disto ou daquilo. Por outro lado, é também significativo que o correspondente voluntário do jornal queira estar de posse de suficiente informação para poder escolher em consciência nas próximas eleições. O desejo pressupõe que há por onde escolher.

Um veto de Allende

O presidente Salvador Allende opôs o seu veto a uma lei aprovada no Parlamento chileno que tornava gratuito o fornecimento de electricidade aos jornais, revistas e estações de rádio da província. O presidente justificou o seu acto afirmando que não era justo que os contribuintes tivessem de pagar impostos que, ao fim e ao cabo, iriam beneficiar algumas empresas privadas. A luta entre o governo de Allende e o parlamento teve mais episódios. Este só se torna relevante por envolver a informação. O governo sempre tem afirmado que continuará a defender o livre direito à informação e a consequente liberdade de expressão, apanágio da democracia chilena. Este incidente poderá levar a pensar que a Unidade Popular pretende dominar a imprensa não-socialista, estrangulando-a pela via económica. Contudo, também se poderá pensar que a oposição pretende financiar a sua imprensa com dinheiros oúblicos, o que, na verdade, não parece ser muito correcto.

A Suécia para a esquerda?

O socialismo sueco, tão polémico no seu processo, está a passar por um período de viva discussão, para não utilizar uma expressão que dê um colorido mais escuro à situação. O primeiro-ministro e presidente do Partido Social-Democrata, Olof Palme, tem sido recentemente acusado de utilizar a questão vietnamita para ganhar votos, tentando rodear, com uma questão estrangeira, as reivindicações da esquerda do seu partido. De qualquer maneira, o recente XXV Congresso do Partido Social-Democrata teve um tom muito mais radical do que o costume e, mais importante, do que aquilo que o primeiro-ministro aparentemente desejaria. O tom radical da maior parte das 500 moções aprovadas parece ter suscitado grandes temores na comunidade dos negócios e da livre empresa.

MARIA JUDITE DE CARVALHO

CONTENTES

Olhamos para eles — não são pucos como isso — e eis-nos, nós longe da meta, nós descontentes com o que fizemos e sem grande esperança no que vamos fazer, estáticos de pura admiração. Como é póssível, Senhor, como? Este, por exemplo, é baixinho, atarracado, feio, desagradável à vista, inculto, nada esperto. Nem um pouco de sol nem um pouco mais de azul lhe solucionariam o problema. Se problema houvesse, porque...

Conheço-o de vista. Ocupa um lugar modestíssimo na vida, tem uma família grande e um ordenado pequeno, mas hoje, quando o encontrei, mudara, por assim dizer, o fato de trabalho, fato que não é só roupa de semana mas também cara apagada, mas também voz contida, mas enfim maneira discreta de estar no mundo. Mudara-o e entrara ali no restaurante.

Avança de mãos nos bolsos, à frente da mulher e dos filhos, com o ar de quem pode, de quem sabe, de quem vale. Com esse ar. Olha em redor com o olhar muito especial de quem toma posse da paisagem. Como se de repente — só de repente? — fosse importante, melhor do que isso, se sentisse feliz por existir e ser como é, **ele**, aquele saco de ossos e de carne, nada de muito formidável para os outros, porque para ele...

Depreendi erradamente, sem contar com a coisa maravilhosa de sermos nós que aquele homem, manso, modesto e medíocre, devia ser também contente consigo, consciente — dolorosamente consciente — da sua qualidade de vulgar criatura da classe média (classe média física e mental, quero dizer). E ei-lo, de súbito, exibindo aquele ar.

Imagino-o numa roda de amigos ou nem isso, talvez na tabacaria da rua onde mora, a propôr soluções definitivas para consertar este mundo torto de nascença, para lhe sarar as chagas. Se ele mandasse... Ele no lugar de Fulano... Ele acha que... Ouco-o — julgo ouvi-lo — passeando-se por este vale de lágrimas com a alegria de saber tudo ou a frustração de não ser ouvido, ele que tanto sabe.

O homem, ali adiante, comendo o seu frango dominical com a família, tem uma expressão tão constante que, na verdade, chega a incomodar.

MAURICE DUVERGER "LE MONDE"/DL

O PREÇO DA LIBERDADE

Num sistema capitalista, em que as empresas privadas cada vez mais poderosas exercem um poder económico cada vez maior, é inútil esperar que se possa separar totalmente a política e os negócios. As somas à sua disposição são demasiado importantes, e os seus interesses demasiado essenciais, para que as empresas renunciem a exercer pressões financeiras sobre os governantes, os deputados, os administradores, e para que todos estes tenham a virtude necessária para resistir a tentações tão constantes e vivas. Tanto mais que certas retribuições não possuem um carácter imoral do ponto de vista privado: as que são atribuídas às organizações políticas e congéneres, por exemplo, as que têm muito mais importância do que luvas, gratificações, presentes, etc., distribuídos a quaisquer ovelhas ranhosas do Parlamento e da administração, ou metidas à algibeira por hábeis intermediários.

As propostas de Poniatowski tendendo a separar a política e os negócios têm pois uma importância limitada. Nunca se separará inteiramente a política e os negócios num regime em que ambos estão necessàriamente enredados, estreitamente ligados, pela própria estrutura da «tecnodemocracia» contemporanea. Mas pode-se em todo o caso suprimir alguns abusos mais escandalosos, e tornar menos imoral e sobretudo mais democrático o funcionamento das eleições, dos partidos e do Parlamento. Sobre este ponto, as sugestões do secretário-geral dos Independentes são todas elas interessantes em diversos graus, e deles se poderia fazer um consenso sob condição de algumas rectificações indispensáveis.

As sugestões em questão deverão ser separadas em duas partes; umas melhorariam o funcionamento do regime sem o modificar grandemente. Assim, a criação de um defensor dos cidadãos do tipo «ombudsman» escandinavo, sob condição de ser mais bem designado do que certos membros do Conselho Constitucional. E também a multiplicação das comissões de inquérito parlamentares, com a condição do governo não tomar para si a parte de leão (na Alemanha Federal, é bom saber-se, várias das comissões ordinárias são presididas por um deputado da oposição).

Não se trata de reformas menores. Mas são secundárias em relação às medidas propostas por Poniatowski acerca das despesas eleitorais. Com efeito, esse problema tende a tornar-se primordial nas democracias do Ocidente, à medida que as comunicações de massa e a publicidade demonstram a sua eficácia nas eleições, aumentando-lhes o custo.

Calcula-se, por exemplo, que só a publicidade feita pelos partidos alemães no plano nacional, com vista ao escrutínio de Novembro próximo, virá a custar-lhes 120 milhões de marcos (ou seja, cerca de um milhão de contos). Isto torna impossível a partidos populares financiarem campanhas com as quotizações dos seus filiados: estas atingiam 23 milhões de marcos em 1970 para o Partido Social-Democrata, uma das organizações mais poderosas da Europa Ocidental. A esquerda e a direita encontram-se assim em situação de desigualdade crescente frente às eleições, a primeira beneficiando menos do que a segunda das subvenções das grandes firmas privadas, que, só elas, permitem fazer face a tão consideráveis despesas de campanha.

A democracia é deste modo atingida nos seus próprios fundamentos. Por outro lado, a importância das somas entregues pelas empresas capitalistas coloca os organismos e os homens políticos sob a sua directa dependência. As vantagens oferecidas em França a certos grandes promotores são ninharias comparadas com os privilégios de que parece ter gozado a firma I.T.T. nos Estados Unidos em troca dos subsídios entregues ao Partido Republicano: condescendências na aplicação da lei anti-trusts, incluindo até um discreto apoio governamental para defender os seus interesses no Chile. Para essas pequenas áreas visíveis dos «icebergs», quanta massa invisível dissimulada pelas águas! Se não se prestar muita atenção, a democracia será bloqueada por semelhantes gelos.

Algumas nações do Ocidente começam a preocupar-se a valer com o assunto. Sejamos gratos a Poniatowski por haver proposto que a França imite esse exemplo. O seu ponto de vista é que a França siga ao mesmo tempo as duas vias que outros começaram a tomar: a via inglesa, da limitação das despesas eleitorais, e a via alemã, do financiamento público dos partidos. Não são contraditórias, com efeito, e a sua combinação parece possível. Mas são desigualmente eficazes. A limitação das despesas eleitorais pressupõe um controlo rigoroso da contabilidade dos partidos, acompanhada por uma avaliação científica das suas despesas reais, que se pode fazer com uma aproximação suficiente se for confiada a um organismo independente, dotado de meios de investigação convenientes. E também necessário que as sanções sejam severas, e que seja possível uma intervenção no decurso da própria campanha.

Mesmo que todas estas condições sejam preenchidas, será difícil impedir os sindicatos e os grupos de pressão de apoiarem os partidos e os candidatos. E, se se restringir demasiado a propaganda eleitoral favorece-se a despolitização dos cidadãos, o que seria um outro modo de ameaçar a democracia. O mérito da República Alemã é ter compreendido que as eleições são uma actividade pública essencial, que não deve ser abafada, e que exige um financiamento... público. E conseguiu-o apesar dos obstáculos postos a essa acção pelo Tribunal Constitucional, inspirado na altura por um espírito jurídico assaz estreito de que felizmente noutros campos se libertou.

Poniatowski comete um erro ao julgar que os partidos alemães beneficiam de sub-

Continua na pág. 11

DL/GERAL

TERMINA AMANHÃ NA FIL O CONGRESSO DE "DESIGN"

O «design» interessa virtualmente a uma economia que, como a nossa, está empenhada em melhorar, em robustecer, em modernizar as suas estruturas industriais ao serviço da vida colectiva — disse o secretário do Estado da Indústria, na FIL, durante os preliminares da abertura do congresso de «design», que com a presença de cento e dez especialistas se iniciou ontem. Em agradecimento às palavras do secretário, falou o sr. Robert Falk, presidente da «Design and Industries Association» que salientou a importância dos contactos entre os especialistas portugueses e britânicos. Durante a tarde de ontem apresentaram comunicações os arquitectos Nuno Simões e o dr. Kitt Pedler sobre o tema: «**Gostos, Necessidades e Rentabilidade**» e o arquitecto Sena e Silva e dr. David Medd, sobre o tema: «**Onde Vivemos e Aprendemos**».

Hoje de manhã realizaram-se mais duas conferências: uma, às 9 e 30 pelo prof. Geophrey Shuttewort e outra pelos arquitecto João Ruela Ramos, submetidas ao tema: «**Onde Trabalhamos**». Os debates que têm acompanhado todas as conferências deram aos temas uma vivacidade e um interesse extraordinários. Também às 11 e 45 houve uma discussão de grupo em torno dos temas «**Onde Vivemos e Aprendemos**» — esta presidida por «sir» Misha Black — e «**Onde Trabalhamos**» — presidida por Leslie Julius. Hoje à tarde haverá uma recepção dada pelo presidente da Câmara Municipal de Lisboa aos congressistas e, à noite, terá lugar, no restaurante «Montes Claros», o jantar da conferência anual. Amanhã, continuarão as discussões de grupo (9 e 45), seguindo-se a apresentação das conclusões pelos relatores dos Grupos I e II (11 e 15) e outra comunicação: «**Súmula-Indústria**», por «sir» Roger Falk e F. Seixas (presidente da Metalúrgia da Longra. Os delegados britânicos partirão de Lisboa, para o seu regresso a Gatwick (Inglaterra), às 21 horas de amanhã.

DIÁLOGO LUSO-BRITÂNICO

A «DIA» (Design Industries Association), é uma associação multiprofissional que congrega industriais, «designers» e artistas de todo o Reino Unido. Desde a sua fundação, em 1915, tem desenvolvido uma muito relevante actividade relacionada com a promoção de um «design» atractivo e funcional. A sua actividade e interesses cobrem pràticamente todos os domínios do «design»: da indústria pesada ao ordenamento paisagístico, da arquitectura ao equipamento doméstico ou dos locais de trabalho e aos transportes e às várias formas de comunicação visual.

A «DIA» tem sido uma associação que sempre se preocupou em manter os seus sócios atentos aos problemas culturais suscitados pela nova sociedade industrial, realizando, anualmente e com esse fim, um grande encontro geral, além de vários encontros regionais.

E a primeira vez que um encontro desta natureza se realiza fora do Reino Unido, devendo-se tal facto à cooperação iniciada entre a «DIA» e a Secretaria de Estado do Comércio, através do Fundo de Fomento e Exportação. Este encontro anual foi, assim, programado como um diálogo luso-britânico, proporcionador de uma excelente troca de impressões. É evidente, no entanto, que esta oportunidade, se outras vantagens não tivesse, desde logo proporcionaria a de colocar bom número de técnicos portugueses relacionados com os problemas do «design» (industriais, dirigentes de empresas, «designers», professores, estudantes) em contacto com os problemas que, neste específico sector, defronta um grande país industrial, problemas esses que, em última análise, tendem à alteração dos padrões culturais da sociedade.

TERMINOU A VISITA ÀS BEIRAS DO ENG. RUI SANCHES

O ministro das Obras Públicas e Comunicações, eng.º Rui Sanches, terminou hoje a sua visita de dois dias ao concelho de Penacova e Miranda do Corvo, no distrito de Coimbra, e a Santa Comba Dão e Mortágua, no distrito de Viseu, durante a qual conferenciou com as autoridades locais com vista à resolução dos problemas mais urgentes daqueles concelhos.

Esta manhã, realizou-se uma sessão de trabalho nos Paços do Concelho de Santa Comba Dão, durante a qual o presidente do Município expôs as principais necessidades daquela área, cuja satisfação exige comparticipações e subsídios do Estado, dada a exiguidade de receitas municipais. Estão neste caso o arranjo do edifício dos Paços do Concelho e da zona envolvente, reparação de vários edifícios e estradas, pavimentação de ruas e criação de redes de esgoto e abastecimento de água.

Seguidamente, o ministro dirigiu-se para Mortágua, onde presidiu a uma sessão de trabalho durante a qual foram pedidos subsídios e comparticipações para a construção e reparação de estradas. À tarde visitou Miranda do Corvo, regressando, de seguida, a Lisboa.

GOVERNADOR MILITAR DA MADEIRA

FUNCHAL, 7 (ANI) — Foi designado para exercer o cargo de Governador Militar da Madeira o brigadeiro Luis Frederico Pinto Tavares de Figueiredo, que desempenhou até há pouco tempo o cargo de segundo comandante da região militar da Guiné.

Marido morto e mulher ferida

Por o automóvel em que seguia se ter despistado, próximo de Rio Maior, deram entrada no hospital de S. José, José Henriques Parreira Nunes, de 35 anos, tipógrafo e sua mulher, Maria Isabel Dias, de 27 anos, residentes na Rua das Adelas, 10-r/c, em Lisboa. O marido chegou já morto ao hospital, tendo recolhido ao Instituto de Medicina Legal. Maria Isabel ficou internada, muito traumatizada.

DESCONHECIDO

Recolheu também ao Instituto de Medicina Legal, por ter chegado morto ao hospital de S. José, um indivíduo do sexo masculino de identidade desconhecida, aparentando cerca de 20 anos, que foi atingido por um desmoronamento quando trabalhava na abertura de caboucos na Estrada de Munique, Vinha da Galega, à Charneca do Lumiar.

ATROPELADO

Recolheu ao hospital de S. José, muito traumatizado, Manuel Tavares, de 57 anos, trabalhador, residente numa barraca junto à estação de Queluz, que foi atropelado por um automóvel naquela localidade.

Reunião ordinária no L.N.E.C.

A 8.ª reunião ordinária do Conselho Superior dos Laboratórios de Engenharia Civil terminou hoje, ao fim da manhã no Laboratório Nacional de Engenharia Civil de Lisboa. Após o fecho dos trabalhos foi elaborada a acta a enviar aos ministros do Ultramar e Obras Públicas para a respectiva apreciação e aprovação.

O Conselho Superior é o órgão de coordenação geral das actividades dos Laboratórios de Engenharia de Lisboa, Angola e Moçambique.

Entrepostos comerciais luso-brasileiros

RIO DE JANEIRO, 7 — (A. N. I.) — O grupo financeiro Moreira Sales vai participar na administração dos entrepostos aduaneiros a instalar em Angola e Moçambique para a armazenagem de produtos exportados pelo Brasil — informa o «Jornal do Brasil».

A administração dos entrepostos estará a cargo de uma empresa a criar, com a participação da União de Bancos Brasileiros e do Banco Português do Atlântico, actualmente associados. A UBB participa em Portugal em vinte por cento do capital do Banco Português do Atlântico, ocorrendo a recíproca no Brasil.

A instalação de entrepostos em Angola e Moçambique decorre do acordo assinado entre os dois Governos. Cabe ao Brasil, em contrapartida, permitir a instalação de entrepostos no Rio e em São Paulo para produtos portugueses.

CRÂNIO ESMAGADO morte imediata

Atingida pelo rodado de uma camioneta que fazia marcha atrás, na Praça do Areeiro, teve morte imediata, por esmagamento do crânio, Maria da Glória Santos, de 71 anos, moradora na rua 1, porta 1, em S. João da Talha, Loures. O cadáver foi removido para o Instituto de Medicina Legal.

ESTRANGEIRO: últimas

TRYGRE BRATTELI DEMITIU-SE

OSLO, 7 — (FP) — Trygre Bratteli, primeiro-ministro da Noruega, anunciou hoje oficialmente a sua demissão. Bratteli indicou em seguida que o grupo «anti-Mercado Comum» do Parlamento o tinha informado da sua decisão de propôr a candidatura de Lars Korvald, dirigente parlamentar do Partido Cristão — democrático, como chefe do Governo.

COMUNICADO

A SEGURADORA INDUSTRIAL
Companhia Nacional de Seguros
S. A. R. L.

Companhia de Seguros
P R E V I S Ã O
S. A. R. L.

Comunicam que provisòriamente e enquanto não estiver concluído o edifício-sede, os seus serviços em Lisboa terão a seguinte localização, a partir do próximo dia 9 do corrente:

RUA AUGUSTA, 27-2.º E 3.º — **Telefones 34111/5 30772/6**

Administração
Direcção
Secretaria
Economato
Pessoal
Contencioso
Comerciais
Informática
Actuariado
Ramos:
Vida
Acidentes Pessoais
Viagens

AVENIDA D. CARLOS I, 126-R/C. — **Telefones 69 01 45/7**

Ramos:
Acidentes de Trabalho
Automòveis
Incêndio
Agrícola
Responsabilidade Civil
Roubo
Cristais
Marítimo
Transportes Terrestres
Avarias de Máquinas
Aéro
Postal

Os carros usados que mais se parecem com carros novos.
J. MENDES COELHO, LDA
R. Gomes Freire, 7-C Lisboa
Ford

TV DL/ESPECTÁCULOS

ESTA VERGONHA DE SER TELESPECTADOR...

Joaquim Meirim posa mais uma vez para a eternidade diante das câmaras da televisão, aproveitando-se de um privilégio que muitos grandes portugueses não tiveram e foi bem feito, porque se atreveram a escolher outros caminhos que não o de treinador de futebol.

Meirim esteve agora na televisão poucos dias depois de lá ter estado. E com a graça de Deus ainda o havemos de ver muitas e muitas vezes. Porque Joaquim Meirim é inesgotável. Qualquer dia aparece-nos aí a contar-nos as suas aventuras em Angola, onde vai treinar o Futebol Clube de Luanda. Nesse dia talvez o vejamos não no «Frente a Frente», mas no **Telejornal**.

Que lindo par faziam Meirim e Mensurado! Como entrevistado e entrevistador, nasceram um para o outro. O segundo, não sabe perguntar; o primeiro, para falar não precisa que lhe perguntem. É a isto que se chama uma autêntica vida em simbiose.

Agora, quem não assistiu ao **frente a frente**, imagine a delicadeza dos dois homens. Mensurado rende as suas homenagens ao Meirim, porque este aceitou a entrevista sem regatear questionário; o Meirim a homenagear Mensurado pela sua «categoria indesmentível».

Como depois soubemos, o treinador aceitou questionar sem aviso prévio porque tem grande confiança em si próprio, confiança que deriva disto e daquilo e que é, além disso hereditária. De qualquer modo, precisa-se de uma dose de coragem para se expor assim às inclemências de uma agenda tenebrosamente desconhecida. Sim, sabe lá uma pessoa as perguntas diabólicas que um Mensurado, ou mesmo dois, são capazes de fazer?

O treinador «corajoso» enfrentou, portanto, o quarto escuro dos terrores frentafrentistas. As perguntas vieram carregadas do suor do mistério e da ousadia.

Por exemplo: como é que chegou a treinador de futebol? Você pratica o cabotinismo? É verdade que você é desumano para os jogadores?

Tais perguntas não foram, até hoje, postas ao treinador nem uma, nem duas vezes: foram **milhares** de vezes, umas, muitas vezes, outras. Ele está, pois, completamente desprevenido. O que é lamentável. Porque, se não estivesse, poderia, com a maior calma desenvolver as questões. A sua auto confiança, no entanto, resolveu o problema de maneira satisfatória para os milhões de portugueses que estão interessados nas questões íntimas e na biografia daquele treinador.

Bom. Sempre ficamos a saber que chegou ao mediante cursos feitos em Buenos Aires e Lisboa, que não senhor, não é cabotino e que, quanto à desumanidade, **«nós, os treinadores, somos humanos»**.

Assistimos, então, a um dos mais estranhos depoimentos prestados na televisão portuguesa.

MEIRIM SOBE DE POSTO

Podemos fàcilmente esquecer tudo quanto Meirim disse, se é que disse alguma coisa, como é seu hábito. Podemos esquecer a sua afirmação, não fundamentada, de que o futebol português está muito perto do abismo — até podemos esquecer as suas sugestões para salvar o futebol do pélago. Podemos e devemos. Porque as sugestões tocam apenas a aparência ou a ilusão das coisas.

Por exemplo: porque é que a juventude se afasta do futebol? A resposta é fácil: porque não há reclamo, não há propaganda da modalidade. Imagine-se (diz-nos) um cabaré. A malta de 16, 17, 18 anos vai ao cabaré, porquê? Porque o dono do cabaré faz propaganda, enquanto que a propaganda do futebol, nicles. Bastará que se reclame, como se pratica em relação ao minibasquete e ao miniandebol, para que o futebol se engrandeça e se fortaleça no coração da juventude.

Torna-se mais do que evidente a fraqueza do truque e da argumentação. Torna-se, sobretudo, evidente a situação de um Meirim totalmente remetido à defesa, os dentes quebrados pelo fracasso das teorias, das posições assumidas, das loucas profecias. Estamos já longe do Messias de Belém; estamos já longe do homem lançado ao ataque a usar e abusar da mezinha da mentalização, a garantir-nos, igualmente pela televisão, que em breve estaria a dirigir os futebois de uma grande equipa e que estava no seu caminho a preparação da selecção para o campeonato mundial.

Estamos longe de tudo isso. Tamanho afastamento produz indiferença. Qualquer homem, para bem merecer este nome, precisa de um grãozinho de loucura. Para despertar algum interesse, Meirim não precisa de um grão: precisa de um celeiro. A filosofite melancólica, o jogo à defesa (com ferrolho) destrói o mito Meirim, por muito que este Mensurado e todos os Mensurados deste mundo louco em que vivemos louvem e sublinhem o seu «desassombro».

Podemos esquecer isso. Podemos esquecer não por uma atitude natural de respeito pelos que cairam e todos podem atacar na certeza da impunidade. Visse eu Joaquim Meirim nessa situação e não levantaríamos, contra ele, tanto como uma pedra. A não ser, talvez, uma pedra-pomes.

Felizmente, tal não é o caso. Certo Meirim abandona a Metrópole e certo que vai ingressar num clube da terceira divisão angolana. Isso, no entanto, é apenas um passo. São maiores as ambições, no seu plano entra, não um clube, mas todo o Estado de Angola. Encontramo-nos, portanto, em frente de um Meirim mais poderoso. Não é um treinador: é um mentor. Não treinifica: planifica. Deixou de ser um motivo de irrisão: passa a ser um orgulho para a Nação.

Meirim é assim. Se calamos muito da sua entrevista é porque aconteceu algo de muito grave. De muito mais grave.

AS VIDAS A PERDER E O IDEAL A DEFENDER...

Falava-se da sua pretensa desumanidade em relação aos jogadores. O treinador desmentiu. Boatos. Coisas que se dizem. E contou o facto que parece estar na origem de tamanha acusação.

Estava ele a treinar o Oriental. O Oriental ocupava o último lugar na tabela. Tinha que se safar, desse por onde desse. Jogava com o Lusitano. E só lhe interessava a vitória. A vitória ou nada. A vitória ou morte.

De súbito, e no mesmo lance, três jogadores do Oriental ficam gravemente lesionados. Três dos seus melhores jogadores; o Marques, com o malar esquerdo fracturado; o Cordeiro, com fractura do supracílio; e o Moita com a perna partida. Destes, apenas o Moita saiu imediatamente para o hospital. Quanto aos outros, Meirim, inflexìvelmente, manteve-os em campo. O pai do Marques protestou, o irmão do Cordeiro protestou. Em vão. Meirim: «Dentro do campo, quem dirige estes homens, sou eu».

Quando o jogo acabou, os dois jogadores, saíram do campo para o hospital. Lá ficaram duas semanas.

Mensurado, tìmidamente, quis saber se a vitória é assim tão importante. O treinador respondeu que sim. Que era. Na vida do desportista, da nação, da Humanidade. Nada se faz sem sacrifício. Entre a conquista de um segundo, nos 100 metros, e a vida de um atleta, a prioridade deve dar-se ao primeiro termo da opção. E recorda a aviação. Quantos homens morreram para que a aviação seja o que é? A vida humana, no seu entender, perde significado perante um ideal que a transcenda.

O ideal diante do qual a vida nada signifique pode ser, por um exemplo, meter um golo, ganhar um simples desafio de futebol, ao derradeiro lugar de uma tabela. A vitória do Oriental sobre o Lusitano vale bem a saúde e a vida de dois homens...

Quando chegamos aqui, parece que nada mais fica por dizer. A monstruosidade basta-se a si própria para justificar a repulsa e o nojo. O que espanta não é que um qualquer e pobre Meirim tenha contado a sua aventura como se se tratasse de um gesto heroico: o que espanta é que um qualquer e pobre Meirim possa ter feito o que fez. Não espanta que o venha dizer na televisão portuguesa, onde se dizem, habitualmente, tantas enormidades: o que espanta é que tal afirmação haja passado sem um grito, sem um protesto, ao menos sem uma discussão. E quem ia discutir, protestar, gritar? Era o Mensurado? Deixem-me rir.

... Pois Meirim vai-se embora. Não desesperem, meus amigos. Ele há-de soltar, porque Mensurado já disse: «Homens como você fazem falta ao nosso desporto...»

Ai que bom par fazem os dois!

— Uma simples nota: raras vezes me tenho sentido tão envergonhado, como desta vez, de ser teoespectador. Apetece tomar logo, mas logo, um duche. Um duche que arrastasse da minha memória os Mensurados, os Meirim, os afins...

Kryztof Penderecki na nova temporada da Gulbenkian

Inicia-se no próximo dia 13 do corrente a nova temporada de Música e Bailado da Fundação Gulbenkian.

Dois temas principais dominam a programação dos concertos: a obra de R. Schumann e a Música Medieval e da Renascença.

Do grande compositor alemão vão ser apresentadas, entre outras obras, os três concertos para violino, violoncelo e piano que terão como intérpretes respectivamente ISIDOR LATEINER; ERMING BLONDALBENGTSSON e JORG DEMUS. Quanto ao segundo daqueles dois temas, assinalam-se as actuações dos agrupamentos «ATRIUM MUSICAE» de Madrid, «MÚSIC DA CAMERA» de Amsterdão e «SEGRÉIS» de Lisboa. Assim como o recital de J. LIEBNER, em viola de arco «baryton».

De entre os intérpretes de grande prestígio que darão a sua colaboração nesta nova série de concertos destaca-se o nome de compositor KRZYSTOF PENDERECKI que fará a sua primeira apresentação pública como maestro, dirigindo obras de sua autoria no concerto inaugural da temporada, à frente da Orquestra Gulbenkian. Neste concerto colaboram também o maestro WERNER ANDREAS ALBERT e FELICJABLUMENTHAL, solista em piano e em cravo. De destacar ainda os nomes de Maurice Gendron que se apresentará como maestro e como solista, de MICHEL TABACHNICH, MATHIAS VOGEL, ADOLF SCHERBAUM; SEQUEIRA COSTA, LILI COOKASIAN, MARIA JOÃO PIRES, GERARDO RIBEIRO, NELLA MAISSA e JEAN GUILLOU.

Entre as obras mais importantes incluídas na temporada que agora se inicia, assinalem-se a Missa em dó menor de Mozart, sob a direcção do maestro THEODOR GUSCHLBAUER, o «Magnificat» de Bach sob a direcção de MICHEL CORBOZ, o «Requiem» de Fauré e a Missa de Glória de Puccini, sob a direcção de WERNER ANDREAS ALBERT, todas elas com a colaboração do Coro e Orquestra Gulbenkian e de notáveis elencos de solistas cantores.

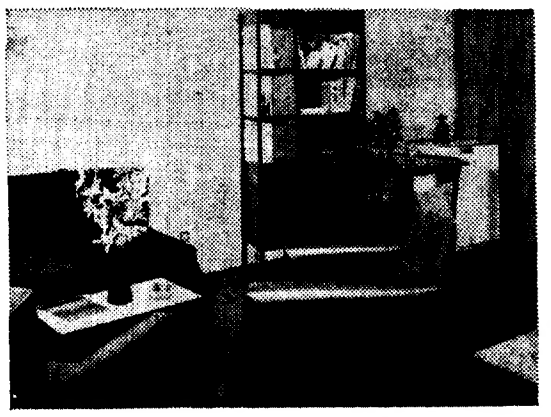
A música contemporânea estará representada por grande número de obras e compositores dos mais representativos, entre os quais se destacam, além de PENDERECKI, os nomes de W. HENZE, B. MADERNA, BOULEZ, e BOUCOURECHLIEV e várias primeiras audições, nomeadamente de obras encomendadas pela Fundação Gulbenkian aos compositores portugueses JORGE PEIXINHO e EMANUEL NUNES.

À semelhança dos anos anteriores realizar-se-á também um ciclo dedicado à música de órgão, assim como um novo ciclo de Conferências-debates sobre temas de música e de bailado.

Quanto à temporada de Bailado, assinale-se a reposição de «Giselle» e de «As Sílfides», a primeira apresentação, pelo Grupo Gulbenkian de Bailado, dos «Catalli Carmina» de John Butler/Orff, novas coreografias de M. Sparemblek, M. Descombey, L. Lubovitch, Carlos Trincheiras e Águeda Sena, e quatro espectáculos «Giselle tomorrow» com Graziela Martinez e Jacob Le Levreur.

comprando propriedades em J.Pimenta SARL

o seu dinheiro valoriza—se



APARTAMENTOS MOBILADOS DESDE 200 CONTOS

PARA. UMAS FÉRIAS ECONÓMICAS E INESQUECÍVEIS PREFIRA OS NOSSOS APARTAMENTOS TURÍSTICOS

J.Pimenta, SARL

Informaçoës:
Lisboa-Pr.Marquês de Pombal,15-Telefs 45843-47843
Queluz-Edificio Sede-Av.António Enes,25-Telef 952021/2

DL/ESPECTÁCULOS

JAZZ EM CASCAIS A 11 E 12 DE NOVEMBRO

Este é Dave Brubeck, um nome que é, de si, uma garantia para quem esteja, um pouquinho que seja, ligado ao Jazz. Dave actuará no próximo dia 11 de Novembro em Cascais, no decorrer do II Festival de Jazz que, à semelhança do ano passado, durará dois dias.

O I Festival de Jazz de Cascais, que se realizou há um ano, obteve extraordinário êxito, quer em nível musical quer pela afluência de público. Para isso devem ter contribuído em muito os preços dos bilhetes, principalmente os descontos para menores de 21 anos relativamente ao preço dos bilhetes de bancada. Pois, para já, podemos anunciar aos nossos leitores que esse preço e esse desconto se mantêm.

Os bilhetes estarão à venda, nas discotecas Sassetti, Universal e Sinfonia, na Livraria Ulmeiro e na Agência Abep, nos Restauradores.

LONG JOHN BALDRY: Pausa para o chá

Crítica DE DISCOS
JOSÉ JORGE LETRIA

No panorama externo da música «rock» britânica Long John Baldry é, simultâneamente, uma das figuras mais antigas e mais interessantes. Com efeito, antes de Elton John e de Rod Stewart terem atingido a fama, já Baldry compunha as suas canções registando-as depois em disco. Mesmo assim, continuaram a privar uns com os outros regularmente, a ponto de colaborarem em quase todas as gravações.

Muito menos ambicioso que Stewart e que Elton John que, pelos vistos, parecem empenhados em conquistar ràpidamente um lugar confortável nas tabelas de vendas, Long John continua enfeudado a alguns processos tradicionais que incluem nomeadamente o uso do banjo e um certo tipo de vocalização. Isso é evidente, por exemplo, em dois ou três títulos de «Everything Stops for Tea», o último trabalho do cantor, que já se encontra à venda em Portugal, se não estamos em erro.

Evidente neste disco, com selo Warner, é, também, a participação activa dos amigos Elton John e Rod Stewart que produziram, respectivamente, a primeira e a segunda partes. Nem por isso, no entanto, o disco deixa de ser obra pessoalíssima de Long John que, ao longo dos seus onze títulos, põe claramente em evidência os seus recursos como compositor e como intérprete. Aqui será talvez oportuno abrir um breve parentesis: apesar da sua qualidade como autor de melodias, Long John nunca se viu consagrado como tal. Pelo contrário: as suas músicas só conheceram, de um modo geral, a popularidade depois de terem sido registadas por outros cantores. Baldry, como se calcula, não ficou, por isso, na penúria, só que merecia, como intérprete dos seus próprios temas um prestígio superior ao que até agora conquistou.

Responsável por esta situação é, em larga medida, um certo sector da imprensa musical britânico que, nunca lhe dedicou a atenção que noutras circunstâncias beneficiou profissionais do mesmo ofício. Como se depreende pela publicidade feita a certos cantores em Inglaterra é, de uma extrema importância, o apoio que parte da imprensa musical. Sem ele a popularidade é sempre problemática tanto mais que os critérios de selecção musical estão, em larga medida, condicionados pelas prioridades estabelecidas por essa mesma imprensa. De realidades como esta temos em Portugal normalmente uma percepção muito limitada tanto mais que a indústria musical começa entre nós a ensaiar os primeiros passos.

Deste modo, em «Everything Stops for Tea», um trabalho de coesão e um testemunho de amizade entre três cantores importantes, Long John Baldry não se mostra muito preocupado com a construção de sonoridades especiais. O seu objectivo é outro: ao longo do disco ele prepara uma verdadeira antologia, na qual se destacam inesquecíveis passagens de «blues», temas na linha tradicional, onde se evidencia a importância do banjo e ainda propostas rítmicas ligadas ao rico folclore das Caraíbas. Baldry não esteve, para além disso, muito interessado em fazer uma obra sumptuosa. Contentou-se com um sinal de presença carregado de sinceridade e bom gosto que o torna ainda mais simpático ao lado de vedetas como Elton John e Leon Russel que do ponto de vista musical, serão até, quem sabe, mais representativos.

A suspeita de Hitchcock

A crítica de
LAURO ANTÓNIO

TÍTULO: Despertar para a Vida (Red Sky at Morning)
REALIZAÇÃO: James Goldstone, 1972 (EUA)
INTÉRPRETES: Richard Thomas, Catherine Burns, Richard Crenna, Claire Bloom, John Colicos, etc.
DISTRIBUIÇÃO: Filmes Lusomundo
ESTREIA: Cinema Berna (29-9-1972)

TÍTULO: Suspeita (suspicion)
REALIZAÇÃO: Alfred Hitchcock, 1941 (EUA)
INTÉRPRETES: Gary Grant, Joan Fontaine, Cedric Hardwich, Nigel Bruce, etc.
DISTRIBUIÇÃO: Leo Filmes Studio
ESTREIA (cópia nova) Cinema Alvalade (29-9-1972)

Pouco a dizer de **Despertar para a vida.** James Goldstone, o seu autor, havia despertado certas simpatias com um filme inteligente e muito bem conseguido: **A Grande Competição** (Winning). Parece, no entanto, que grande parte do interesse do filme lhe adivinha da colaboração de Paul Newman. A restante filmografia de Goldstone (quer os títulos anteriores, como os posteriores) parece desmentir as promessas de **Winning. Que dizer que Sigo o Meu Caminho, LSD-Droga Aluicnante, O Estranho John Kane** e deste **Despertar Para a Vida** persegue o êxito (mas não a qualidade) de **Verão de 42.** Trata-se dos anos 40, trata-se do «despertar para a vida» de um adolescente, trata-se de uma atmosfera difusa como aquela proposta no belo e trágico filme (romântico? sim) de Robert Mulligan (que, aliás, se encontra em reposição no **444**, e para o qual voltamos a chamar a atenção, apesar do estado em que se encontra a cópia apresentada em Portugal, que reduz o filme em mais de quinze minutos) **Red Sky at Morning** não ultrapassa nunca a visão superficial e balofa das coisas e das pessoas, sem um mínimo de lirismo, sem um chavo de lucidez. Entretanto desenterrado dos autênticos anos 40 (data de 1941) é **Suspeita,** filme discreto e muito bem construído de Alfred Hitchcock cineasta que volta a documentar uma maestria inegável (ainda que consideremos **Suspeita** um filme menor no conjunto da sua obra desta época, ao lado de um **Sob o Signo do Escorpião**, de uma **Rebeca,** de tantos e tantos outros, para só falarmos deste período, seguramente o mais fértil e o de maior fôlego). Suspeita joga com a posição de duas figuras, com desenhos diversos, e com a pintura de uma atmosfera impressionante bem sugerida, através de meia dúzia de planos. Estamos em Inglaterra, numa província palaciana, onde vamos assistir ao casamento de Johnnie, um oportunista de boas maneiras, com Lina, a filha de um general reformado, de aristocrática ascendência. Johnie é muito dado à boa vida e as apostas de cavalos, Lina começa s descobrir várias aldrabices do marido e começa a suspeitar que havia casado com um homem que lhe quer arrebatar ùnicamente a fortuna. Daí em diante, a obra está espectacularmente conduzida, de forma a fazer o espectador andar para a frente e para trás, caminhar no encalce de uma pista que logo se desfaz, para iniciar de seguida nova caminhada que de novo ruí. As suspeitas de Lina levam-nos em prodigiosos saltos para a frente: o comportamento de Johnnie obriga-nos a não menos sensacionais recuos dedutivos até que... **Suspeita** chega ao seu fim. Mais uma vez Hitchcook saboreia o gosto amargo de perseguir o «falso culpado». Razão de quase todo o seu cinema. Fulcro de grande parte da sua longa filmografia. Tudo isto com uma ironia fina e brilhante, com um sensualismo velado (Joan Fontaine tão depressa se aproxima de Ingrid Bergman, como de Grace Kelly, ajudando a definir o ideal deminino por excelência para o olhar vagamente distante de Hitch) e um rítmo pausado. Resumindo um filme que se recomenda, constituindo, afinal, a única película a não perder deste fim de semana desastroso.

VÁ AO TEATRO!!!

TEATRO Telef. 555133
MONUMENTAL
2 SESSÕES
20.45 e 23 h.
Domingo, à tarde às 16 h.
RAUL SOLNADO
na famosa revista
P'RA FRENTE LISBOA!
com
FLORBELA
os artistas convidados
IRENE ● JOSÉ de ISIDRO CASTRO
LINDA SILVA
a fadista
ANA ROSMANINHO
e o extraordinário
BALLET PICCADILLY STARS BALLET
4.º MÊS
GRUPO D — M/ 18 anos

TEATRO Telef. 326037
VARIEDADES
2.as, 3.as e 5.as-Feiras
às 21.45 h.
6.as, Sáb. e Domingos
2 sessões 20.45 e 23 h.
Domingo, à tarde às 16 h.
SIMONE e RUI
na divertida comédia
A CAMA DOS COMUNS
com
IO APOLONI
CANTO e CASTRO
ARMANDO CORTEZ
F. BORSATTI
MANUELA MARIA
4.ª SEMANA
GRUPO C — M/ 14 anos

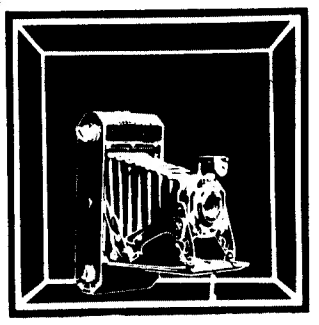
TEATRO Telef. 538586
VILLARET
2 SESSÕES
20.45 e 23 h
Domingo, à tarde 16 h.
JOSÉ VIANA
numa espantosa comédia
SUA EXCELÊNCIA O PENDURA
com
DORA LEAL
HENRIQUE VIANA
MANUELA CASSOLA
LUÍS SANTOS
e a participação de
MARIA PAULA
7.ª SEMANA
GRUPO C — M/ 14 anos

TRÊS ESPECTÁCULOS APRESENTADOS POR VASCO MORGADO

TEATRO
VASCO SANTANA
Tel. 768609 HOJE Às 21.45
TESTEMUNHO INADMISSÍVEL
DE
JONH OSBORNE
António Montez, Francisco Nicholson, Benjamim Falcão, Catarina Avelar, Ermelinda Duarte, Helena Félix, Ana Paula, Lídia Franco
Grupo D — 18 anos

UAP

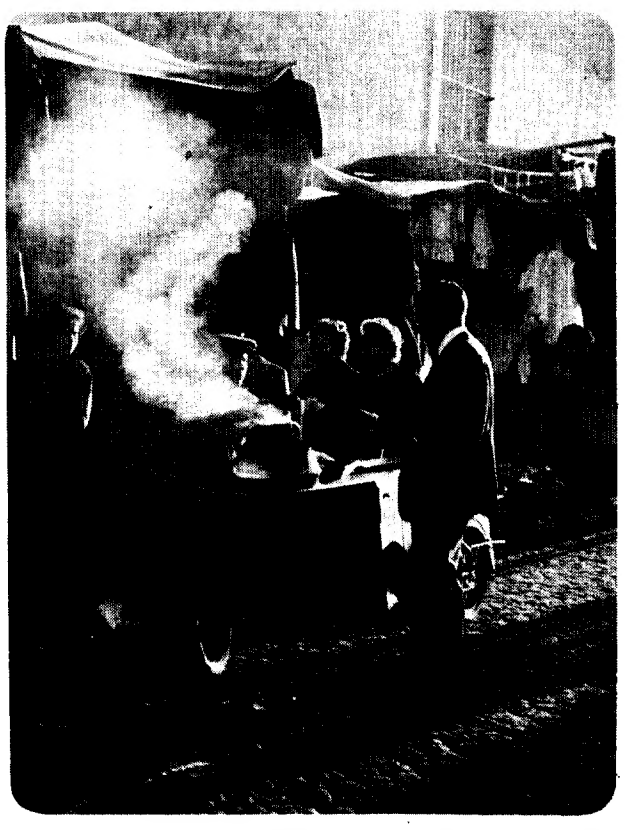
restaurante 1900
uma cozinha de «grand prix»
(no autódromo do estoril)
Marcações: 241-559 • Encerrado à 2ª feira



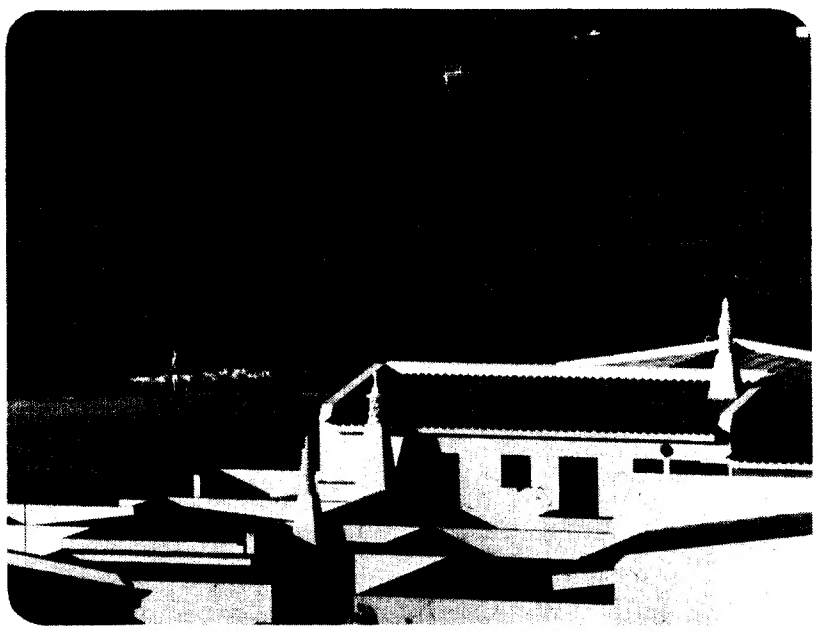
a melhor fotografia turística da semana

1º PREMIO

ANTÓNIO DA CONCEIÇÃO MATOS
Av. de Roma, 107 - 2º Esq. LISBOA



1



2

MENÇÕES HONROSAS

1 - AMADEU JARDIM DA SILVA GRAÇA
Travessa da Pereira, 22 r/c. Esq. LISBOA

2 - MANUEL E. A. SOUSA
Praça do Conde de S. Bento SANTO TIRSO

REGULAMENTO

As fotografias a preto e branco no formato 18×24, reproduções brilhantes, têm de ter por tema motivos turísticos, em toda a extensão do tema e independentemente das estações do ano.

As fotografias serão identificadas no verso por título (facultativo), nome e morada do autor (obrigatórios).

As fotografias serão enviadas até ao último dia de cada mês, ficando classificadas por semanas, para Sociedade Nacional de Belas Artes, Rua Barata Salgueiro, LISBOA, não se devolvendo reproduções.

As fotografias ficarão propriedade da Torralta que se lhes quiser dar utilização em anúncios de publicidade só o fará mediante acordo particular com o autor.

O júri, constituído por membros da Sociedade Nacional de Belas Artes, atribuirá quatro ou cinco prémios e oito ou dez menções honrosas, conforme o mês tenha quatro ou cinco semanas.

O júri, terá que obrigatoriamente conceder em cada mês dois premios e quatro menções honrosas.

As decisões do júri são inapeláveis.

O primeiro prémio é constituído por uma estadia completa de 3 dias para 2 pessoas nas instalações da Torralta e as menções honrosas por um dia em Tróia — viagem de «hovercraft» almoço no restaurante Troiamar ou Bico das Lulas.

O mesmo concorrente pode ganhar vários e sucessivos prémios.

Os prémios têm que ser efectivados em qualquer mês até três meses depois da sua atribuição.

Um concorrente que ganhe vários e sucessivos prémios não os poderá gozar cumulativamente.

A Torralta promoverá, em Janeiro, uma exposição de todas as fotografias a que foram atribuídos os primeiros prémios e de número limitado de menções honrosas escolhidas pelo júri.

O GRANDE PRÉMIO TORRALTA DE FOTOGRAFIA TURISTICA, constituído por 1 quilograma de ouro, será atribuído ao concorrente mais premiado ao longo do ano ou, em caso de igualdade de circunstâncias, a melhor fotografia escolhida pelo júri.

O PRÉMIO TORRALTA, constituído por viagem aérea e estadia de dez dias para duas pessoas, em Londres, Paris ou Roma, a escolha do premiado, será atribuída por aquele júri, a melhor fotografia relacionada com os empreendimentos da Torralta no Algarve ou em Tróia.

Todos os Sábados, o «Diário de Lisboa» publicará as fotografias premiadas na semana anterior.

TORRALTA

CAIEM AS FOLHAS E...OS PREÇOS NA FABULOSA CAMPANHA DO OUTONO EM TODOS OS MODELO Supermercados

ARROZ AGULHA MOÇAMBIQUE	11$80	EM VEZ DE	15$00
NESQUICK — 0,450	22$20	»	30$00
LEITE EM PÓ PENSAL — DUPLO	19$80	»	24$00
SORTIDO RIVIERA 32	13$90	»	18$50
SALSICHAS ISIDORO — 4 PARES	7$30	»	10$00
SORTIDO IMPERIAL TRIUNFO	26$40	»	35$00
SORTIDO INGLÊS VILARES	26$40	»	35$00
AZEITE MARIALVA — FINO	25$70	»	26$10
ANANÁS RODELAS TRIUNFANTE	13$90	»	17$50
ERVILHA CONGELADA 0,500	9$80	»	12$00
FARINHA MAIZENA — GIGANTE	10$90	»	16$00
PURÉ BATATA KNORR	6$80	»	9$00
CALDOS FAMILIAR KNORR	6$90	»	10$00
GRÃO COZIDO COMPAL — GR.	9$40	»	12$50
TOFINA FAMILIAR	22$70	»	30$00
» INSTANT. NORMAL 0,090	19$80	»	28$00
ATUM TONECA — TOMATE	7$40	»	9$00
» » POSTA	7$40	»	9$00
ALIMENTOS ESP. BEBÉS — NESTLÉ	7$50	»	10$00
ESPUMANTE CANCIONEIRO	24$90	»	35$00
VINHO MAD. GONÇALV. BRANCO	7$40	»	9$00
» » » TINTO	7$40	»	9$00
» » » ROSÉ	7$40	»	9$00
CERVEJA CERGAL	3$30	»	4$00
BRANDY CAPA NEGRA	43$20	»	55$00
SUMOL LARANJA	2$60	»	4$00
» MAÇÃ	2$60	»	4$00
» ANANÁS	3$00	»	4$50
WHISKY JOHNNY WALKER	147$00	»	180$00
OMO PACOTÃO	11$90	»	16$00
SONASOL LÍQUIDO	4$40	»	6$00
CERA EMÚLSIO	18$40	»	25$00
PÓ LIMPEZA AJAX	4$90	»	7$00
SABÃO CLARIM	3$60	»	4$00
SHAMPOO DOP — GRANDE	14$80	»	20$00
GRELHADOR INDUFER	42$50	»	55$00
PRATOS RASOS VISTA ALEGRE	9$70	»	15$00
PRATOS SOPA VISTA ALEGRE	9$70	»	15$00
PRATOS SOBREM. VISTA ALEGRE	9$30	»	14$00

MAIS UMA DAS FAMOSAS PROMOÇÕES DOS MODELO Supermercados

ARTIGOS ESCOLHIDOS NAS MELHORES PROCEDÊNCIAS. ALIMENTOS EMBALADOS AUTOMATICAMENTE NAS MELHORES CONDIÇÕES DE HIGIENE,E.., OS FAMOSOS PREÇOS MODELO

DL/GERAL

Aspecto de uma das sessões

MUTUAL COMPANHIA DE SEGUROS encontro semestral da divisão comercial

A MUTUAL — Companhia de Seguros, como corolário lógico da expansão que vem dando aos seus serviços (e que começou já em 1961 - ano que se verificou a sua transformação de Sociedade Mútua em Sociedade Anónima) levou a efeito umas jornadas de trabalho nas instalações da Ordem dos Engenheiros, no Porto, nas quais participaram os responsáveis dos 18 Escritórios montados em diversos pontos do país, de Chaves a Faro e do Fundão a Aveiro e ainda todos os Empregados de Serviços Externos e o elenco de chefia e direcção da Séde.

Numa época em que os sistemas de comercialização e venda, ao contrário do que acontecia em épocas ainda não muito distantes, sofre os impactos duma imposição de constantes alterações, torna-se factor primordial a actualização permanente dos conhecimentos técnicos desse pessoal.

Assim, ao longo de 4 dias de trabalho intenso para debate duma ordem de trabalhos assaz vasta, chegaram a estar reunidos mais de meia centena daqueles colaboradores da Companhia que vivamente intervieram na análise, discussão e tomadas de posição sobre problemas da maior importância e actualidade, como: aspectos gerais da dustria de Seguros, proble relativos à produção, meação, de agentes e sua dadosa preparação e a tência, para além da pe nente preocupação que te existir da divulgação cons te da utilidade do se análise correcta dos ri rápida e eficiente liquid de sinistros, etc..

O último dia foi preenc com um pequeno curso m trado pelo sr. dr. Mário de sa Borges, o que deu en a debates de que result conclusões bem objectiva aliás facto já registado dias anteriores.

Para além do trabalh momentos livres foram apr tados por todos para fort mento de uma sã ami ponto de partida para a c cução dum trabalho cole realmente proveitoso. N aspecto a utilização da Ca do Pessoal deu um contr valioso pelos momentos d cero convívio humano que porcionou.

Por fim, no sábado, zou-se um passeio às La de Quiaios que reuniu pa ma de trezentos empreg e familiares em franca e a confratenização.

Convívio nas Lagoas de Quiaios

Conjunto Cénico Caldens

Prosseguindo com as representações da peça «Morte e Severina» de João Cabral de Melo Neto, o Conjunto C Caldense exibir-se-á amanhã na Usseira de Óbidos, a c no Bombarral (Teatro Eduardo Brazão) e por último no dia e um, em Évora, integrado no II Festival de Teatro Amador.

PROTECÇÃO DOS FUMADORES

Existe já no mercado português um cigarro com baixo teor de nicotina e alcatrões

Embora ainda pouco divulgada existe já no mercado uma marca de cigarros — os «Negritas» — que apresentam valores de nicotina e de alcatrões nìtidamente mais baixos do que a média dos cigarros comercializados.

Esta afirmação encontra-se confirmada por análises comparativas feitas em todas as marcas de maior consumo no nosso país que demonstram que a percentagem de nicotina nos «Negritas» é de menos de metade da existente nas outras marcas e que os alcatrões provocados pela combustão dos vários cigarros, foram, nos «Negritas», reduzidos de um terço.

Estes dois factores que representam um avanço muito importante em relação à protecção dos fumadores derivam das características próprias do tabaco utilizado bem como do tratamento a que é submetido. Além disso, os cigarros «Negritas» são fabricados com uma mortalha especial, conhecida por mortalha peitoral, cujas características são superiores às da mortalha de papel vulgar.

Dotados ainda de um filtro eficaz, os cigarros «Negritas», que oferecem um sabor e um aroma muito agradáveis, são sem qualquer dúvida os cigarros que recomendamos aos fumadores esclarecidos.

O JULGAMENTO DO DR. ARTUR SANTOS SILVA

No 3.º Juízo Correcional, no Tribunal de S. João Novo, no Porto, iniciou-se o julgamento de quatro pessoas, entre as quais figura o conhecido advogado portuense dr. Artur Morgado Ferreira dos Santos Silva. Os outros três arguidos são: Adriano Nunes Pereira, de 34 anos, casado, actual guarda da P.S.P., morador em Rio Tinto, José Vieira Marques, de 38 anos, casado, agente da Polícia Judiciária, de Gaia, e Madail Semblano Correia, de 31 anos, empregado bancário, da Travessa da Calçada, 26, no Porto.

À excepção do dr. Santos Silva, todos os outros três (à altura agentes da Polícia Judiciária) são acusados de, no dia 29 de Julho de 1969, terem agredido e ferido, na sede da subdirectoria da P. J., o estudante Alberto Brochado Santos Silva, filho do advogado agora a ser julgado, e que fora àquela corporação para ser ouvido no caso dum acidente de viação. Adriano Pereira ter-se-á intrometido por o jovem usar os cabelos compridos, agredindo-o em seguida.

O ofendido, pelo telefone, deu conhecimento do sucedido a seu pai, que logo se deslocou aquela polícia com o intuito de participar o sucedido a quem de direito. Contudo, encontrando à porta o agente que o filho indicara, o dr. Santos Silva ter-se-ia atirado a ele. Gerou-se confusão e foi então que os outros dois acusados agrediram o filho do dr. Santos Silva.

O dr. Santos Silva constituiu-se parte acusadora no processo contra os três agentes, um dos quais, Adriano Pereira foi demitido daquela Polícia em consequência dos factos em causa.

Ao julgamento preside o juiz dr. Sá Coimbra e a acusação pública está a cargo do dr. Augusto Vasconcelos. Pela acusação particular e defesa do dr. Santos Silva, intervém o dr. Leite de Faria. Dois dos arguidos são defendidos oficiosamente.

Na primeira sessão do julgamento foram ouvidos os declarantes dos arguidos, destacando-se o prof. Eduardo Correia, de Faculdade de Direito de Coimbra, que fez um depoimento sobre a personalidade do dr. Santos Silva.

A próxima sessão deste caso, que está a despertar o mais vivo interesse no foro de todo o País, foi marcada para o dia 12, às 14 e 30.

DL/NACIONAL

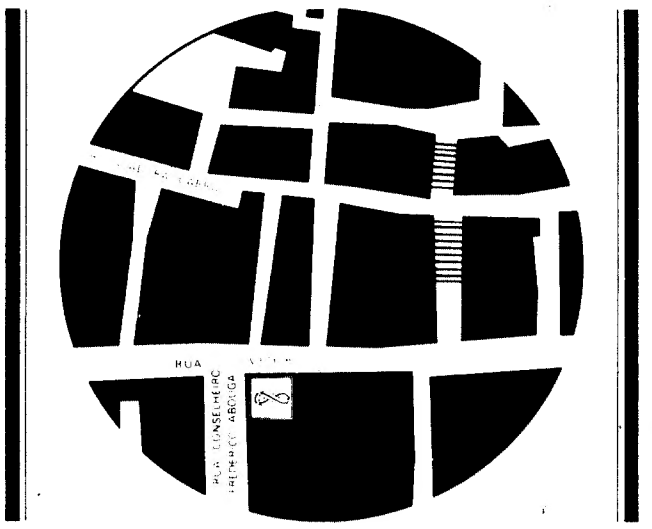
A Dra. TERESA LOBO NO CONGRESSO DAS MULHERES DA ÁFRICA DO SUL

A dr.ª Maria Teresa Lobo, subsecretário de Estado da Saúde e Assistência parte para L. Marques onde se desloca a fim de participar, a convite do Centro Moçambicano de Estudos Cooperativos e do Governo Geral de Moçambique, no III Congresso das Mulheres da Africa Austral que decorre naquela cidade entre 9 e 14 do corrente. A dr.ª Maria Teresa Lobo será recebida em Luanda, onde fará escala, pelo governador-geral de Angola e em Lourenço Marques pelo governador-geral de Moçambique, outras autoridades locais e entidades ligadas ao Congresso.

AZAMBUJA AZAMBUJA AZAMBUJA AZAMBUJA

O Banco Totta & Açores
comunica a inauguração,
em 9 de Outubro
da sua nova Agência na
Rua Victor Cordon-Telef. 42226

AZAMBUJA



BANCO TOTTA & AÇORES

DL/REPORTAGEM

REMÉDIO RUSSO: A CURA POSSÍVEL?

O «Phenigram» tornou-se, sùbitamente, conhecido, quando um apelo andou nas colunas dos jornais e na boca dos locutores de alguns programas da rádio e da televisão. E um remédio russo, o que dava, ainda, um atractivo maior a esta «ave rara».

E o homem? O inanimado, para quem foi pedido o medicamento, quem é? Porquê um medicamento russo? O que é o medicamento?

A estas perguntas responde o enfermo, já refeito da crise que motivou o pedido, José António da Cruz, de 26 anos, carteiro central auxiliar. No leito, em casa de seus pais, ele aguarda, sete dias após a crise, que o «Phenigram» chegue.

Uma pergunta: um epiléptico não tem direito à vida?

DE CABELEIREIRO A CARTEIRO

No dia 15 de Janeiro, o carteiro, desde recente data, José António da Cruz, dirigia-se para o serviço. Tinha abandonado o seu anterior emprego, de cabeleireiro, porque as lacas têm na sua composição pez louro, que lhe ia agravar o mal de que sofre desde criança: bronquite asmática.

— **«Em consequência do desastre apareceu-me esta doença. O mal foi-se agravando e, um dia, um senhor inglês que andava num barco russo, amigo da nossa família, deu-me este medicamento que ele tinha trazido de lá. Dei-me muito bem, mas agora acabou-se.»**

De sábado para domingo o estado do doente agravou-se. Daí o apelo para que fosse imediatamente conseguida a especialidade.

Entretanto, José António da Cruz, pai de uma criança com três anos, casado com uma cabeleireira começou a ter problemas nos Correios. À queda e aparecimento da doença seguiu-se um período de «baixa». Na verdade, no estado em que se encontra, o carteiro não pode comparecer ao serviço.

— **«Já fui a diversas juntas médicas dos Correios. Já me disseram que, ou me vou embora, ou eles serão obrigados a pôr-me na rua. O senhor veja, eu arranjei a doença quando me dirigia ao emprego, mais hora antes da entrada ao serviço e parece que isto já e de considerar.»**

Carteiro há pouco tempo (um ano) ainda não tem quaisquer garantias no que respeita à continuidade no serviço. Depois de um emprego deixado por doença, o despedimento pelo mesmo motivo?

MEDICAMENTO QUE É UMA ALEGRIA

A 21 de Agosto de 1967 um jornal soviético trazia um texto sobre um medicamento descoberto pelo prof. Vfevolod Perekadine, de Leninegrado. E o nosso doente quem nos fornece a tradução que ele mesmo conseguiu obter. Título: «Medicamento que é uma alegria». Texto: «O professor Vfevolod Perekadine, de Leninegrado, apresentou um novo medicamento que garante e suscita a boa disposição, suprime a irritação e o cansaço. O novo preparado, que tem o nome de «Phenigram», é extraído de substâncias que entram na composição do organismo humano, produzidas pelo metabolismo, nas células do cérebro. As experiências já mostraram que cura certas formas de esquizofrenia, epilepsia e dissipa as sensações de medo e de apreensão. Também é fomnífero e nada tem de tóxico».

— **«Este medicamento não é para ir tratando, como os que eu estou a tomar, receitados pelos médicos de cá. Este é mesmo para curar e eu gostava de poder ir à Rússia a fim de fazer um tratamento com o professor que o descobriu. Mas a verdade é que não tenho disponibilidades económicas para o fazer.»**

Com medo do futuro, uma pergunta o assalta: como ir tratar-se para no futuro trabalhar normalmente? Quem o ajuda a ter um emprego, ainda que como este, onde ganha dois mil e duzentos escudos (com baixa: 1 770 escudos)?

GRANDES
STOCKS
P/ ENTREGA
IMEDIATA

SEFIREX
RUA VOZ DO OPERÁRIO, 64 - 1.º • LISBOA
TELEFONE 86 76 39

Desperdiçar não é grandeza. Coloque as suas economias em objectos que valham.
GRANDE OURIVESARIA DA MODA
RUA DA PRATA, 257

INCRÍVEL QUE PAREÇA... MAS É VERDADE!

ESTE É UM DOS 8 MODELOS DA NOVA LINHA 72

QUE MÓVEIS BAÍA TEM EXPOSTO A UMA PROVA DE RESISTÊNCIA A TODAS AS INTEMPÉRIES

MÓVEIS AO SOL, À CHUVA E AO VENTO. DESDE O DIA 23-9-72 NA **FEIRA COMERCIAL e INDUSTRIAL DO BARREIRO.** PATENTE AO PÚBLICO ATÉ ÀS 24 HORAS DO PRÓXIMO DIA 8 DO CORRENTE.
ONDE SE CONVIDA TODAS AS PESSOAS A VISITAR A NOSSA E X P O S I Ç Ã O.
M Ó V E I S B A Í A UM CASO CONCRETO DE QUALIDADE

DL/GERAL

Chefe do Estado visita Famalicão

O Presidente da República aceitou ontem um convite para se deslocar em Dezembro próximo à freguesia de Louro a fim de inaugurar alguns melhoramentos nomeadamente um centro pastoral, edifícios da Casa do Povo e da Junta de Freguesia, uma residência paroquial e diversas obras de urbanização num custo total de 20 mil contos. O convite, feito numa audiência ontem concedida pelo Chefe do Estado ao comendador Cupertino de Miranda, ao governador civil do distrito de Braga e ao presidente da Câmara Municipal de Vila Nova de Famalicão, inclui uma visita a Famalicão a fim de inaugurar na Fundação Cupertino de Miranda a biblioteca, uma exposição camoniana, o museu e a I Bienal Nacional dos Artistas Novos.

LUTO NO MÉXICO

A PONTE ABATEU À PASSAGEM DO COMBOIO

CIDADE DO MEXICO, (r). — Um comboio repleto de passageiros descarrilou e morreram cerca de 100 pessoas.

O desastre ocorreu ontem, perto da cidade de Saltillo, no norte do México e, segundo a Polícia, ficaram feridas 280 pessoas.

Foi este o pior desastre ferroviário até hoje registado no México.

A maior parte dos passageiros do comboio regressava de uma festa em Saltillo.

A Polícia disse que uma ponte cedeu sob o peso do comboio e quatro das 18 carruagens da composição precipitaram-se por uma ravina e incendiaram-se.

Desconhece-se o número exacto de pessoas que ficaram no interior das carruagens destruídas pelas chamas.

Segundo a Polícia, foram já recolhidos pelo menos 100 cadáveres e os feridos mais graves têm estado a ser transportados para esta capital, 600 quilómetros a sul de Saltillo.

Bombeiros e soldados ocorreram imediatamente ao local do desastre, a fim de participarem nas operações de socorro.

O comboio era uma das várias composições especiais que estiveram hoje ao serviço para transportar as pessoas que foram assistir à festa.

A ponte, que abateu devido ao peso do comboio, era uma velha estrutura em madeira, segundo informadores da Polícia.

O desastre registou-se pouco depois da meia noite local e as brigadas de socorro tiveram de usar maçaricos para cortarem os ferros retorcidos das carruagens e libertarem algumas das vítimas.

Foi este o segundo desastre ferroviário de grandes proporções ocorrido no México, desde há pouco mais de três meses.

No dia 2 de Julho, uma explosão num comboio que transportava tanques com gás causou 20 mortos e numerosos feridos em Ciudad Jimenez, também perto de Saltillo.

2.º SEMINÁRIO INTERBANCÁRIO COM A PRESENÇA DE TÉCNICOS DA BANCA DE 19 PAÍSES

Atingidos os objectivos propostos pelo Banco Português do Atlântico

● NA CASA SANDEMAN, NA RÉGUA, A ÚLTIMA SESSÃO DE TRABALHO

Os participantes no 2.º Seminário Interbancário promovido e organizado pelo Banco Português do Atlântico continuaram os seus trabalhos no Norte do País, com uma visita ao Alto Douro, até onde se deslocaram numa automotora fretada especialmente para esse efeito. Os técnicos da Banca estrangeira que se deslocaram a Portugal para se identificarem com os aspectos mais salientes da nossa economia tiveram, assim, oportunidade de apreciar não só uma das regiões turísticas de maior interesse do País, como puderam, também, contactar directamente com um sector — o do Vinho do Porto — de importância fundamental para o nosso desenvolvimento económico.

Acompanhados pelos srs. Victor Hugo Martins, director do Banco Português do Atlântico; dr. Luiz de Oliveira Dias, assistente do Conselho de Administração; drs. Carlos Monjardino e José Palla e Carmo, directores - adjuntos; e dr. Carlos Pinho, gerente da Agência na Régua daquela prestigiosa Instituição de Crédito, os banqueiros estrangeiros fizeram uma demorada visita de estudo às modelares instalações da Adega da Pacheca, propriedade de Sandeman & Cia Ld.ª. Recebidos e guiados, durante essa pormenorizada visita, pelo sr. Hubert Jennings, administrador daquela empresa, os visitantes puderam assistir a todo o processo de produção do Vinho do Porto, ali executado sob as mais modernas técnicas, tendo recebido, igualmente, ampla informação sobre a actividade de Sandeman & Cia Ld.ª e, de um modo geral, a respeito de tudo quanto o precioso néctar representa para a economia portuguesa.

Nas instalações da Adega da Pacheca, na Régua, foi oferecido um almoço aos técnicos estrangeiros e às individualidades que os acompanhavam, no fim do qual usaram da palavra os srs. Hubert Jennings (que saudou os visitantes e pôs em relevo o extraordinário interesse que iniciativas como esta do Banco Português do Atlântico têm para o incremento económico do País), Victor Hugo Martins (que agradeceu a preciosa colaboração oferecida pela Casa Sandeman a este 2.º Seminário Interbancário)e os representantes do Barclays Bank e do Dai-Ichi Kangyo Bank, ambos para manifestarem o seu agrado pelo que haviam visto e, também, a evidenciarem a firme vontade de colaborarem o melhor possível na expansão das relações económicas entre os seus países e Portugal.

Aliás, esta foi a nota dominante deste 2.º Seminário Interbancário: todos os que nele participaram, após as sessões de trabalho realizadas no Sul e no Norte do País, fizeram questão de vincar a sua satisfação pelo que lhes tinha sido dado ver e ouvir, ao mesmo tempo que referiram o seu interesse em contribuirem para o estreitamento das ligações comerciais entre Portugal e os seus países.

E se acrescentarmos que neste Seminário estiveram representados bancos de grande dimensão ao nível mundial — Credianstalt, da Austria; Kredietbank, da Bélgica; Banco do Brasil; Canadian Imperial, do Canadá; Dendanske, da Dinamarca; Foreningsbanken, da Finlância; Banque Française du Commerce Extérieur, da França; Deutch Bank, da Alemanha Ocidental; Barclays Bank, da Grã-Bretanha; Algemene Nederland, da Holanda; Banca Nazionale del Lavoro, da Itália; Dai-Ichi Kangyo, do Japão; Arab Bank, do Líbano; Den Norske Creditbank, da Noruega; Banco Exterior de España; Société de Banques Suisse; Handelsbanken, da Suécia; National Bank & Trust e Manufacturers Hanover Trust, dos EUA — poder-se-á concluir que esta iniciativa do Banco Português do Atlântico pode constituir um marco de extraordinária importância para o progresso económico do País.

Um momento da visita dos banqueiros estrangeiros à Casa Sandeman

VISITAS À FUNDAÇÃO CUPERTINO DE MIRANDA E AO CLUBE RESIDENCIAL DA BOAVISTA

Durante a sua estadia no Norte, os participantes no 2.º Seminário Interbancário tiveram, também, a oportunidade de visitar a Fundação Cupertino de Miranda, em Vila Nova de Famalicão, obra que, pela sua dimensão e objectivos, em todos deixou a mais agradável das impressões.

No Paço de Palmeira, foi-lhes, ainda, oferecido um jantar pelo Presidente do Conselho de Administração do Banco Português do Atlântico, sr. eng.º João Meireles, que, no final, brindou pelo êxito deste Seminário, fazendo votos para que todos os que nele participaram retirassem os melhores resultados deste seu contacto directo com a economia portuguesa. Em nome dos técnicos da Banca estrangeira, falou o representante, do Dai-Ichi Kangyo, do Japão, para agradecer a magnífica hospitalidade que a todos havia sido dada pelo Banco Português do Atlântico e para salientar o interesse que realizações deste género podem ter para a valorização económica dos países que nelas intervêm.

Antes de abandonarem o Norte, os banqueiros estrangeiros estiveram ainda, no Clube Residencial da Boavista, no Porto, onde foram recebidos pelo administrador da Sociedade de Construções William Graham, sr. Alberto Pimenta, tendo percorrido, interessadamente, as instalações do modernissimo complexo que está a ser erguido na Avenida da Boavista.

O preço da liberdade

Continuação da pag 3

venções do Estado para as suas despesas de funcionamento. Este sistema, posto a funcionar em 1966, desapareceu a seguir à decisão do Tribunal Constitucional de 19 de Junho de 1966, proibindo o financiamento das actividades globais dos partidos pelo Estado. Foi substituído a partir de 1967 pelo financiamento apenas das despesas eleitorais. Mas os partidos recebem prestações de pagamento escalonadas segundo a duração da legislatura. Receberam assim 10 por cento de prestações em 1970, 15 por cento em 1971, e 35 por cento em 1972. Receberão o resto, ou seja, 40 por cento, depois das eleições, variando a soma recebida por cada um deles em função dos resultados.

As despesas totais do Estado estão calculadas na base de 2,50 de marcos alemães por eleitor, o que representa um total aproximado de 100 milhões de marcos. A repartição entre os partidos faz-se na base do número de sufrágios obtidos por cada um nas eleições no Bundestag, o que é o único modo de cálculo conforme aos princípios democráticos. A proposta de Poniatowski, de repartir o auxílio do Estado às eleições pelo número de lugares parlamentares, é inadmissível num país em que o sufrágio maioritário vem a dar em desigualdades consideráveis de representação, ainda agravadas no Senado por um sufrágio indirecto aplicado de maneira escandalosamente injusta. Fazer subvencionar pelos eleitores comunistas e socialistas uma parte das despesas eleitorais da U.D.R. e dos republicanos independentes seria uma inadmissível desonestidade, que os cidadãos suportariam menos fàcilmente do que a desonestidade análoga na repartição do período para falar dado aos partidos na O.R.T.F., por exemplo. E preciso jogar lealmente o jogo democrático, se se quer confortar a democracia.

Neste campo, a República Federal dá um exemplo que se ganharia em seguir. As prestações dos pagamentos representam 60 por cento do total das subvenções eleitorais do Estado. A quota-parte recebida por cada partido é calculada em relação aos sufrágios obtidos nas últimas eleições no Bundestag (na ocorrência, as de 1969). Os 40 por cento que restam no conjunto das subvenções são repartidos de modo a que o conjunto recebido por cada partido seja proporcional aos sufrágios por ele obtidos nas eleições, deste modo ajudadas no seu financiamento (as de 1972). Acrescentemos que é preciso ter-se obtido pelo menos 0,5 por cento do total dos sufrágios expressos para participar na repartição) o Parlamento teria preferido que esta percentagem se elevasse a 2,50 por cento) e que os Länder possam atribuir um auxílio para as eleições regionais nas mesmas condições, na base de 1,50 marcos por eleitor inscrito.

O sistema que acabamos de descrever é aceite por todos os partidos da República Federal como perfeitamente justo. Graças a ele, mais dos três quartos das despesas da publicidade poderão ser cobertas pelo Estado para as eleições de 1972, já que as quotizações dos aderentes, as subscrições e as contribuições voluntárias permitem fàcilmente colmatar a diferença. Assim, todos os partidos serão colocados em pé de igualdade relativa na campanha eleitoral. Os cidadãos alemães aceitaram pagar o preço da democracia, o qual custa à roda de 20$00 a cada um deles. Os cidadãos franceses aceitariam de certo um sacrifício tão mínimo (4 F.), e que menor se torna ainda se pensarmos na importância das suas consequências. Será Poniatowski realmente partidário de que se lhes peça esse sacrifício, e estarão os seus amigos da maioria prontos a apoiá-lo? No caso contrário deveriam poupar-nos às suas indignações sobre o conluio da política e do dinheiro. Porque as eleições francesas de Março de 1973 custarão provàvelmente tão caro como as eleições alemães de Novembro de 1972, e se o dinheiro não vier do Estado, virá fatalmente das empresas privadas — que não o oferecerão gratuitamente...

PROBLEMAS EM DEBATE NA ORDEM DOS MÉDICOS

Pelas 17 horas, médicos de Beja, Caldas da Rainha, Evora, Faro, Portalegre, Santarém, e Setúbal, bem como os da comissão respectiva das duas regionais de Coimbra e do Porto, reunem-se na sede da Ordem, em Lisboa, com os corpos gerentes da Secção Sul da sua comissão para o Estudo da Previdência dos Médicos. O tema é a integração das diversas emendas propostas em assembleias realizadas em Maio e Julho passados, durante as quais foram eleitos os membros das comissões distritais atrás referidos.

Entretanto, mais de uma centena de médicos das Caixas de Previdência pediu a convocação de uma assembleia geral extraordinária, realizando pelas 21 e 30, um primeiro encontro preparatório da mesma. O assunto em discussão é o Estatuto do Pessoal Médico das Instituições de Previdência. Assistirá o Conselho Regional e outros gerentes da Secção Regional de Lisboa.

DL/DESPORTOS

AMANHÃ:

BENFICA-SPORTING
e mais bola de Norte a Sul

Prossegue amanhã, com a realização da jornada n.º 5, o campeonato maior do futebol português. E, como não podia deixar de ser, todas as atenções se concitam sobre o «jogo grande» do dia, aquele que movimenta maior quantidade de assistentes e que (mercê de comentários que nunca mais acabam) torna a semana desportiva muito mais longa: o jogo que poê em acção os maiores nomes do futebol português, aquele em que se defrontam o Benfica e o Sporting, sempre de difícil prognóstico.

A jornada, no entanto, tem (marginalmente ao grande «derby») outros jogos de muito interesse. Vejamo-la: Leixões-Boavista, Montijo-Beira-Mar, Atlético-U. Coimbra, V. Guimaraês-Barreirense, Farense-Belenenses, U. Tomar-V. Setúbal e C. U. F.-F. C. Porto. A classificação está da seguinte forma:

	J.	V.	E.	D.	G.	P.
BENFICA	4	4	—	—	22- 1	8
Sporting	4	4	—	—	10- 1	8
«Os Belenenses»	4	3	1	—	8- 4	7
V. Setúbal	4	3	—	1	14- 5	6
V. Guimarães	4	2	—	2	7- 4	4
Montijo	4	2	—	2	5- 5	4
C. U. F.	4	2	—	2	7- 8	4
Boavista	4	2	—	2	7- 8	4
Un. de Tomar	4	2	—	2	4- 7	4
Barreirense	4	1	1	2	5- 9	3
Beira Mar	4	1	1	2	4-13	3
F. C. Porto	4	—	2	2	1- 5	2
Farense	4	1	—	3	5-18	2
Un. Coimbra	4	1	—	3	2- 8	2
Leixões	4	1	—	3	3-11	2
Atlético	4	—	1	3	3- 8	1

Também o campeonato secundário está em movimento, com a realização da terceira jornada. Os jogos a efectuar e as respectivas classificações são:

ZONA NORTE: Covilhã-Gil-Vicente; Lamas-Penafiel: Oliveirense-Fafe; Académica-Braga; Vila-Novense-Sanjoanense; Tirsense-Riopele; Salgueiros-Espinho, (nas Antas) e Famalicão-Varzim.

CLASSIFICAÇÃO:

	J.	V.	E.	D.	G.	P.
SP. BRAGA	2	2	—	—	7-2	4
Gil Vicente	2	1	1	—	3-1	3
Salgueiros	2	1	1	—	1-0	3
Famalicão	2	1	1	—	3-2	3
Fafe	2	1	1	—	3-2	3
Un. de Lamas	2	1	—	1	3-3	2
Académica	2	1	—	1	3-3	2
Varzim	2	1	—	1	1-1	2
Penafiel	2	1	—	1	1-1	2
Sanjoanense	2	1	—	1	1-1	2
Sp. Espinho	2	1	—	1	1-1	2
Oliveirense	2	—	1	1	0-1	1
Riopele	2	—	1	1	0-1	1
Sp. Covilhã	2	—	1	1	2-4	1
Vila-novense	2	—	1	1	1-4	1
Tirsense	2	—	—	2	1-4	—

ZONA SUL: Marinhense-Torres Novas; Peniche-Oriental; Cova da Piedade-Olhanense; Sesimbra-Portimonense; Tramagal-Almada: Sacavanense-Seixal; Sintrense-Caldas e «Os Nazarenos»-Leiria.

CLASSIFICAÇÃO:

	J.	V.	E.	D.	G.	P.
PORTIMONENSE	2	2	—	—	6-1	4
Almada	2	2	—	—	4-0	4
Peniche	2	1	1	—	2-0	3
Oriental	2	1	1	—	2-1	3
Nazarenos	2	1	—	1	4 3	2
Un. de Leiria	2	1	—	1	1-1	2
Torres Novas	2	—	2	—	0-0	2
Olhanense	2	1	—	1	2-2	2
Marinhense	2	1	—	1	2-3	2
Sintrense	2	1	—	1	2-3	2
Caldas	2	1	—	1	2-3	2
Tramagal	2	1	—	1	3-5	2
C. da Piedade	2	—	1	1	0-1	1
Sesimbra	2	—	1	1	1-3	1
Seixal	2	—	—	2	1 3	—
Sacavenense	2	—	—	2	0-3	—

Todos os jogos se iniciam às 15 horas, nos campos dos clubes indicados em primeiro lugar.

Inicia-se, por seu turno, o campeonato nacional da terceira divisão, com os clubes agrupados em quatro zonas. Eis o calendário:

ZONA A

Aves-S. Pedro Cova, Chaves-Vianense, Vila Real-Avintes, Lamego-Vizela (em Moimenta da Beira), Torre Moncorvo-Régua, Leça-Valpaços, Esposende-Freamunde e, Limianos-Lourosa.

ZONA B

Naval-Febres, Mangualde-Valecambrense, Feirense-Vilar-Formoso, Anadia-Gouveia, Motágua-Alba, P. Brandão-Acad. (Viseu), Marialvas-Ala Arriba e Ovarense-D. Cast. Branco.

ZONA C

Vilafranquense-Marrazes, Amiense-Casa Pia, Cartaxo-Elvas, Almeirim-Santarém, Campomaiorense-Odivelas, Bombarrelense-Alcobaça, Portalegrense-Torriense e, Alverca-Alhandra.

ZONA D

Paio Pires-Juventude, Luso-Vasco da Gama, Lagos-União Sport, Moncarapachense-Estoril, Silves-Lusitano (V. R.), Aljustrelense-C. Caparica, Lusitano (Évora)-Beja e Amora-Estrela.

Jogos igualmente a partir das 15 horas, nos terrenos dos clubes inicialmente indicados.

SETÚBAL NOS TEMPLÁRIOS

Depois de ter participado na festa de homenagem a Luis Mira, o «plantel» setubalense teve folga. Ontem, os jogadores da turma de José Maria Pedroto compareceram no Estádio do Bonfim mas sòmente para banhos e massagens. O embarque para Tomar foi esta manhã: a comitiva ficará hospedada no Hotel dos Templários, tendo feito a viagem os jogadores Vaz, Rebelo, Cardoso, José Mendes, Carriço, Câmpora, Octávio, José Maria, Duda, José Torres, Jacinto João (escalados para alinharem inicialmente) Joaquim Torres, Correia, Praia, Arcanjo e Guerreiro.

BIANCHI DE CAMA

O Montijo fez ontem à tarde um ligeiro treino («peladinha») seguido de banhos e massagens. Mas a sessão foi dirigida pelo «capitão» da equipa (Espírito Santo», uma vez que Bianchi, a contas com um ataque de reumatismo, tem estado retido no leito. Aliás, na festa de Mira já foi Espírito Santo quem orientou o seu grupo.

Uma «baixa» no «team»: Francisco Mário, que sofre de uma lesão na região lombar. Foi radiografado: o exame provou que não há qualquer fractura, mas o jogador necessita de repouso, estando (portanto) ausente do embate contra o Beira-Mar.

Curiosidade: por falta de alojamento (hotéis com quartos disponíveis) a turma montijense não terá estágio.

Formação que deve alinhar ante os aveirenses: José Martins; Celestino, Moreira, Sabino e Simplício; Bambo, Espírito Santo e Rachão; Afonso, Gijo e Porfírio. Suplentes: Luis Filipe, Carolino, Evaristo, Raúl Victor e Rangel.

UNIÃO DE COIMBRA NO FUNCHAL

O Marítimo (do Funchal) vai receber a visita, na próxima semana, do União de Coimbra, em jogo de futebol que servirá para apresentação de Joel e Uribaldo, dois reforços brasileiros que o público madeirense ainda não viu em acção.

SUBIDA DE POSTO

Johan Cruyff, o famoso dianteiro do Ajax, foi promovido a «capitão» da sua equipa.

Piet Keizer, que ocupava há alguns anos tal posição, renunciou a estas funções **«que se lhe tinham tornado demasiado difíceis»**.

Futebol na ordem do dia

CAIADO PENSA

A contas com diveros problemas: Fernando Caiado não é, de modo nenhum, um treinador tranquilo. Castro, Américo e Esteves continuam lesionados e, portanto, fora do trabalho. Mas, optimista por natureza, o técnico cufista disse-nos:

— **«O jogo contra o Porto vai ser igual a qualquer outro: com as responsabilidades absolutamente idênticas às de qualquer encontro para o campeonato. Só com um aspecto: o Futebol Clube do Porto tem excelentes jogadores, melhores que os que desfilam pela maioria das outras equipas: e a turma tem necessidade absoluta de pontuar. No entanto, a nossa situação é mais preocupante: ainda não conseguimos ganhar nenhum jogo em nossa casa e isso alarma os associados, os dirigentes e os jogadores.»**

Sobre outro horizonte (a eliminatória contra os alemães para a Taça U.E.F.A.) Caiado afirma:

— **«O sorteio foi muito ingrato para a CUF. Apesar de não conhecer directamente o grupo, sei que ele deve estar dentro do panorama geral do futebol do seu país: duro, atlético, possante. Mas, vamos lá a ver: a fé é que nos salva e eu tenho sempre esperança até aos últimos minutos de cada partida.»**

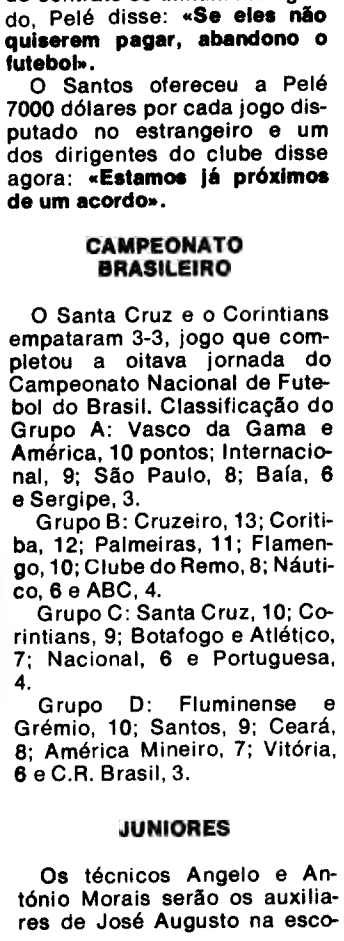
A semana cufista foi intensa. Terça-feira: trabalho no pavilhão, banhos e massagens. Quarta: pequena «pelada» e exercícios físicos de relaxamento e descontracção. Quinta: «pelada» para os que não alinharam na festa de Luis Mira. Ontem: banhos, massagens e sessão ginástica, com remates por toda a equipa às balizas defendidas pelos guarda-redes do «plantel». À noite: inicio do estágio, em Vale de Lobos, que se prolonga até às 12 horas de amanhã. Jogadores convocados: Conhé, José António, Rodrigues, Vítor Marques, Vieira, Arnaldo, Fernando, Vítor Gomes, Manuel Fernandes, Monteiro, Juvenal, Guimarães, Vítor Pereira, Quaresma, Capitão-Mor e Eduardo.

BRASILEIROS

Os jogadores brasileiros que o empresário Luis Campos trouxe para Lisboa querem ficar em Portugal. Depois de terem feito uma ou duas sessões de treino no Restelo, parecem encaminhados para outro clube: também das margens de um rio, podemos acrescentar. As negociações estão quase em «papo firme»: Silva, o chutador-mor do trio, entrará «de caras» no grupo principal desse clube. É só esperar uma semana e já se conhecerá a cor da camisola do trio Silva - Rui - Vicente.

PELÉ VOLTA AO DIÁLOGO

Segundo informa a «Reuter», Pelé voltou ontem à noite a entrar em negociações com o seu clube, o Santos, com vista a um novo contrato, após ter pedido 8000 dólares por cada jogo em que participar no estrangeiro.



Dante Bianchi está de cama

A semana passada, ao declarar que as negociações acerca do contrato se tinham malogrado, Pelé disse: **«Se eles não quiserem pagar, abandono o futebol».**

O Santos ofereceu a Pelé 7000 dólares por cada jogo disputado no estrangeiro e um dos dirigentes do clube disse agora: **«Estamos já próximos de um acordo».**

CAMPEONATO BRASILEIRO

O Santa Cruz e o Corintians empataram 3-3, jogo que completou a oitava jornada do Campeonato Nacional de Futebol do Brasil. Classificação do Grupo A: Vasco da Gama e América, 10 pontos; Internacional, 9; São Paulo, 8; Baía, 6 e Sergipe, 3.

Grupo B: Cruzeiro, 13; Coritiba, 12; Palmeiras, 11; Flamengo, 10; Clube do Remo, 8; Náutico, 6 e ABC, 4.

Grupo C: Santa Cruz, 10; Corintians, 9; Botafogo e Atlético, 7; Nacional, 6 e Portuguesa, 4.

Grupo D: Fluminense e Grémio, 10; Santos, 9; Ceará, 8; América Mineiro, 7; Vitória, 6 e C.R. Brasil, 3.

JUNIORES

Os técnicos Angelo e António Morais serão os auxiliares de José Augusto na escolha e preparação de equipa nacional de juniores.

ROCHA QUER CHUTAR

Joaquim Rocha, o luso-brasileiro do Sporting que tem estado afastado de Alvalade por causa do serviço militar, voltou ao jogo na festa ao casapiano Raul e marcou um belo golo. Esta manhã treinou no relvado do Lumiar e declarou: **«Quero provar que tenho valor suficiente para ser um dos primeiros jogadores do Sporting».**

PORTO NA LINHA

Ainda desfalcado de Bené (lesionado) o «plantel» portista tomou a Costa do Sol de assalto e estagia no Estoril até ao encontro contra a CUF. Esta manhã o grupo (com Flávio e Rui recuperados) efectuou uma «pelada» no campo do Cascais.

FRAGUITO É CASO

Esta tarde, são ouvidos na Federação de Futebol dirigentes do Boavista. Motivo: a transferência de Fraguito para o Sporting impugnada pelo Belenenses. É natural que tudo fique como está, embora o jogador possa sofrer um castigo.

ERNESTO VOLTA

Enquanto Gonzalez e Luís Carlos se podem considerar perfeitamente recuparados para o jogo contra o Farense, o técnico Scopelli recebe outro futebolista: Ernesto, curado da sua lesão, já está ao dispor do técnico argentino.

RUI RODRIGUES JOGARÁ?

Hagan não se abre: mas, nos círculos ligados ao departamento de futebol benfiquista, existe a convicção de que Rui Rodrigues defrontará o Sporting, pelo menos em metade do tempo do jogo.

ATLÉTICO DESFALCADO

Ainda sem Durand e Semedo (que continuam sem treinar) Ted Smith não deve alterar a linha que, com Zeca no comando da defesa, arrancou na semana passada uma melhor exibição.

TOMAR CALMA

No União de Tomar já reaparecem Nascimento e Fernando, embora Caetano e Silva Morais continuem concentrados, às ordens de Medeiros.

Silva: goleador quer ficar em Portugal

HOSPITAIS CIVIS DE LISBOA

CONCURSO DE PROVAS PRÁTICAS PARA OFICIAIS DE 2.ª CLASSE DE OFICINAS (ESPECIALIDADE DE VIDRACEIRO)

Nos Hospitais Civis de Lisboa — Secção de Pessoal — Hospital de S. José — aceitam-se inscrições até ao dia 13 de Outubro futuro, para o concurso de provas práticas para oficiais de 2.ª classe de oficinas com a especialidade de Vidraceiro.

Os interessados deverão obedecer às seguintes condições:

1 — Idade: mais de 18 e menos de 35 anos;

2 — Habilitações literárias: 2.º Grau de Instrução Primária.

Micronotícias

NATAÇÃO: Hoje e amanhã, na Piscina dos Olivais, a partir das 21 e 30, realiza-se o Campeonato de Natação das Forças Armadas, em que estarão presentes cerca de 40 atletas do Exército, Marinha e Força Aérea.

ALGÉS E DAFUNDO: Na próxima 2.ª feira, reabrem as aulas de ginástica educativa e desportiva no Sport Algés e Dafundo, iniciando-se, no dia seguinte, as aulas de ballet e judo. O respectivo horário está patente na Secretaria do Clube, na Rua Luís de Camões, 23, onde podem ser efectuadas as inscrições.

CICLISMO: Amanhã realiza-se na Rampa de Cheleiros, em Mafra, a segunda e última prova do Campeonato Regional de Rampa para as categorias de profissionais e amadores, no sistema de contra-relógio.

Stand Albertino Henriques da Silva, Lda.

Esta Firma comunica que tem dezenas de carros dos últimos modelos, rigorosamente como novos, em praços excepcionais.

Recebem-se trocas e facilita-se o pagamento.

Para seu interesse não compre nem venda o seu carro sem consultar o nosso Stand.

Rua do Garrido, 73-A—Tels.: 727201-728793-725196

BENFICA-SPORTING — DL/ DESPORTOS

ADIVINHEM COMO VAMOS JOGAR

«Leões» para a Luz: correndo

Quem durante a semana, se dirigisse ao técnico do Sporting para saber a linha para a Luz, receberia a resposta que nos deu ontem: **«Não sei, ainda é cedo e há muitas coisas a rever. No entanto, é possível que faça uma ou duas mudanças»**.

Tirar mais do que isto ao inglês Allen, já seria proeza: e o mesmo certamente aconteceria em relação ao seu compatriota Hagan que lá por terras de Angola, fez treinar e jogar elementos pouco utilizados, quiça a aumentar ainda mais o número de incógnitas para o jogo de amanhã.

E, se isto acontecia em relação à linha, muito mais acontecia acerca das indagações sobre o modo, o esquema ou a abreviadamente dita «táctica» para o jogo. Talvez os ingleses acrescentassem um sorriso para dizer: advinhe como vamos jogar...

Seguimos-lhe aqui o conselho equacionado as dúvidas possiveis e adiantando uma advinhação-prognóstico de como vai ser o embate da Luz.

Para já, quanto à linha do Benfica não tem problemas, nem carências. Só excesso. Abundância. Riqueza. Estará lá o Artur Jorge? Não acreditamos. Talvez entre lá para o final. Mas, de começo, a influência do jogo de Eusébio e o conhecimento das opções de Hagan nos ultimos tempos devem conduzir à «solução Jordão». A não ser que se regressasse ao trio atacante Néné-Artur Jorge-Jordão. O que não cremos, pois no miolo, mais do que a «hipótese Eusébio» (sem Toni) o trio deve ser constituido por Graça, Simões e Toni. Ou seja: tudo como dantes (um antes muito próximo, mas já a tornar-se hábito).

Na defesa: Rui Rodrigues no banco? Talvez sim, talvez não. Tem sido normal: e já que Messias ainda não comprometeu, demora o regresso de pedra e cal. E, tocar em Humberto nem é bom pensar...

Logo (e como Henrique é o senhor da rede) fácil é jogar no «team» José Henrique, Malta da Silva, Humberto, Messias e Adolfo, Toni, Graça e Simões; Néné, Eusébio e Jordão.

E a táctica? Já um craque famoso no grupo, dizia há uma semana:« **«É o que a coisa der: e nos lá dentro veremos»**. E evidente que a propensão atacante com os médios a entrarem no ataque em roda viva que destroi até o mais forte. Graça pela direita, Simões pela esquerda e Toni pelo centro. A jogar, a rematar (quem sabe?), e marcar golos, como últimamente tem acontecido.

Na defesa, a linha do costume. Até porque, se Hagan ler as crónicas, verá que os atacantes do Sporting não se entendem com esse obstáculo: como ficou provado contra a defesa de Mário Wilson. A não ser que, por portas e travessas, se saiba que jogam Dinis e Chico; e aí a velocidade dos dois extremos leoninos, em certa medida votados ao ostracismo nas partidas anteriores, pode obrigar a pensar duas vezes.

Duas curiosidades: a luta Néne-Carlos Pereira (ganha pelo primeiro na América) e em que o jovem «leão» vai ser obrigado a revelar (definitivamente) todas as suas possibilidades. A tarefa do ex-junior do Sporting pode ser dificultada se Jaime Graça por alí aparecer muitas vezes a fazer o um-dois, como tão bem sabe. Não, não queiramos estar na pele de Carlos Pereira... Mas, pode acontecer também que Dinis entre na ponta e dê ajuda e combate quando a equipa defenda. Então, tarefa aliviada para o lateral esquerdo preferido por Allen.

UMA QUESTÃO DE EXTREMOS

Vamos ao Sporting, para tentar entrar no mundo de preocupações do teu técnico certamente sabedor, que, nos últimos anos, na Luz «aquilo» tem sido muito feio: e os jogadores leoninos têm regressado a penates com fartos motivos para descontentamento. Recorde-se (por exemplo) os 5-1 de há tempos apesar da exibição magnificente do melhor guarda-redes português, um **senhor** chamado Vitor Damas. Recorde-se (também) a derrota do grupo de Iino, quando um Sporting ambicioso atacou e esteve de vitória na mão para ver os sonhos desfeitos no poste (Yazalde) e na trave (Nando), em colaboração com um monumental fíasco de Manaca, junto à rede de Damas.

Jogará o inglês Allen à defesa? Não deve ser possível. **«Nós atacamos sempre»** disse ele antes dos 6-1 de Edimburgo. Logo, é possível que amanhã ataque também. Só que há atacar e atacar. Ir lá para a frente, à doida: ou ir sorrateiramente, em súbitos, que aproveitem a velocidade de Dinis e Chico e a extensão de passe de Vagner e Fraguito. Mas, falamos em Dinis e Chico sem cuidar de quem substituirão. Pois, lá vai um palpite. Joga um de início (talvez Chico) com Márinho no outro lado: e entra o outro mais tarde (com a possível. E claro que isto são hipóteses, pois até pode acontecer que joguem os mesmos de domingo passado. Mas isso (perdõe-se o arrojo da previsão) seria a «morte do artista...» Pelo menos se o Sporting jogar apenas como se exibiu contra o Vitória de Guimarães. A ordem normal será para pagar uma derrota cara e bem cara, às mãos de Eusébio e seus colegas chacinadores. Mas, agora nos lembramos que um camarada que foi a Coimbra, assistir ao encontro União-Benfica, a primeira coisa que disse ao entrar na redacção foi só: **«A jogar assim contra o Sporting, ai do Benfica!»**. Logo, dúvida adensada.

Duas particularidades para o espectador fixar: como se vai sair Pedro Gomes da sua tarefa, de braçadeira no braço, frente ao onze contrário, o igualmente pequeno, igualmente «capitão», mas maestro, Simões? E a primeira vez que ambos se encontram como «capitães», após haverem jogado dezenas de vezes frente-a-frente, como defesa e avançado. Simões amanhã irá menos vezes à ponta esquerda: mas, quando fôr... o número onze ainda relampejará.

A outra particularidade a observar mais detidamente (e a destacar da globalidade do jogo) é a luta de Yazalde com os dois centrais do Benfica. A mobilidade do argentino chegará para abrir as imprescindíveis clareiras ante José Henrique? O ano passado chegou, tendo marcado um golo e dado um «lençol» e Messias que foi das coisas mais belas que o argentino já fez em campos lusos. A tal jogada que morreu no poste. Mas, nesse tempo havia extremos no Sporting. Extremos que brilhariam mais tarde no Brasil. E o Sporting era ambicioso, com trunfos para o ser. Agora, não arriscaríamos tanto. O futuro daqueles moços pode ser promissor. Mas é futuro. E, para amanhã à tarde, o jogo será sentido bem em termos de presente.

DANIEL REIS

Benfica: após o Ultramar, repouso até às três em ponto da tarde

UAP

portas Valdorém
Ap. 76 Tomar - Portugal

REABERTURA SENSACIONAL
DAS TARDES DANÇANTES
NO
CLUBE ORIENTAL LISBOA
Praça David Leandro da Silva, 22 (Poço do Bispo)
Telef. 38 10 55
BAILE
TODOS OS DOMINGOS À TARDE ÀS 16 H.
com o Conjunto «IPANEMA+2»
com o seu Cantante «José António»
Organizações:
Manuel + Tinita = Êxito
Grupo A — (M. 6 anos)

LUSTRES
Se está interessado na sua compra, não o faça sem visitar a Fábrica: Av. 5 de Outubro, 203-r/c, Esq. (ao Campo Pequeno). Telefone 77 16 39.
VENDA AO PÚBLICO

COMPRA
A FIRMA ALBERTINO HENRIQUES DA SILVA, LDA., está sempre compradora de carros de boas marcas, até 100 contos ou mais a pronto pagamento. Transacções em 20 minutos.
RUA DO GARRIDO, 73-A

Escova com Flexy ESPUMA

B.S.M.O., LDA.
TEL 367731
R. DA BOAVISTA 80-LISBOA

companhia colonial de navegação

PARTIDAS	DESTINOS

LINHA DE AFRICA

«PÁTRIA» — a sair em 18 de Outubro às 16 horas
Com escala prévia por Leixões, para: FUNCHAL, LAS PALMAS, LUANDA, LOBITO, MOÇAMEDES, CIDADE DO CABO, LOURENÇO MARQUES, BEIRA, NACALA e PORTO AMÉLIA (*).

«INF. D. HENRIQUE» — a sair em 23 de Outubro às 12 horas
Com escala por Funchal, para: LUANDA, LOBITO, CIDADE DO CABO, LOURENÇO MARQUES e BEIRA.
Carrega de 19 a 21 de Outubro.

«BENGUELA» — a sair em 24 de Outubro
Vindo dos portos do Mediterrâneo, com escala prévia por Leixões, para: S. TOMÉ, LUANDA (*), LOBITO (*), MOÇAMEDES (*), CIDADE DO CABO, DURBAN, LOURENÇO MARQUES, BEIRA E NACALA.
Carrega de 20 a 23 de Outubro

«MALANGE» — a sair em 25 de Outubro
Vindo dos portos do Norte da Europa, com escala prévia por Leixões, para: LUANDA (*), LOBITO (*), MOÇAMEDES (*), CIDADE DO CABO, PORT ELIZABETH, EAST LONDON, DURBAN, LOURENÇO MARQUES, BEIRA, MOÇAMBIQUE (*), NACALA e PORTO AMÉLIA (*)
Carrega de 21 a 24 de Outubro

«UÍGE» — a sair em 25 de Outubro às 16 horas
Com escala prévia por Leixões para: LAS PALMAS, CABINDA (*), LUANDA, LOBITO e MOÇAMEDES
Carrega de 16 a 18 de Outubro.

LINHA DA AMÉRICA CENTRAL

«SANTA MARIA» — a sair em 26 de Outubro e 25 de Novembro, às 18 horas
Com escala por Vigo e Funchal para: TENERIFE, LA GUAIRA, CURAÇAU e PORT EVERGLADES (MIAMI).

(*) SE NECESSÁRIO.
Chama-se a atenção dos Senhores Passageiros para o que está regulamentado sobre o transporte de bagagens.

LISBOA — Rua de S. Julião, 63 — Tel. 369621/8 * PORTO — Rua Infante D. Henrique, 9 — Tel. 23343

DL/DESPORTOS

BELGAS SÃO PRIMEIROS NOS CÉUS DE PORTUGAL

Texto de ALEXANDRE PAIS nosso enviado especial

COIMBRA, 7 — Continua em maré de pouca sorte a quarta Volta Aérea a Portugal. Ontem, de manhã, ficou tudo como dantes: competição, nicles. Telefonema para aqui, chamada para acolá, resolveu a Organização anular o voo que levaria os concorrentes até Monfortinho: as previsões climatéricas não ofereciam garantias de viagem feliz.

Com esse imprevisto, dificilmente se conformou o eng.º António Quina (inscrito na Volta com o n.º 15) e que «acumularia» essa condição com a de anfitrião em Monfortinho... Prova da «falta de pulso» da Organização, foi a decisão derradeira: **«quem quiser, vai; quem não quiser, fica».** E houve quem não ficásse: o par francês Berger-Hubert que, voando até Monfortinho, teve recepção «formidable», almoçou «divinement» e encontrou um tempo «impecable»... Traiçõezinhas da sorte que nos reteve em Espinho, entregues à «boa vida» e ao velho bife com batatas fritas...

De tarde, realizou-se o programa (mais ou menos) previsto: passagens ao segundo sobre a Lousã e o aeródromo de chegada em Coimbra. Após esta segunda jornada, a classificação ficou como segue: 1.º, Berger-Hubert (854 pontos); 2.º, Vassalo e Silva-António Quina (828); 3.º, Joaquim Silveira-Prista Caetano (818); 4.º, Pepito-Bernardo de Oliveira (807) e 5.º, João Fernandes-Henrique Pinto (787). A equipa feminina Annelise Pinto-Lionilde Silveira subiu ao 12.º posto, somando agora 724 pontos. Como nota curiosa, salienta-se que o par belga (formado por André Goethals e esposa) que não tinha alinhado à partida, apareceu ontem em Coimbra: e por cá anda.

Esta quarta Volta Aérea a Portugal está a constituir, acima de tudo, uma festa de confraternização. Veremos se, até amanhã (data do seu final, em Tires) ainda surgirá o indispensável calor da competição.

Para finalizar, mencione-se a dificuldade com que lutam os elementos dos órgãos informativos (esquecidos pela Organização da prova) lutam para obter informações. Face a isso, resta-nos o colorido inigualável deste chão português, comodamente desfrutado de bordo do brinquedinho tipo «Hislander», propriedade da Torralta. Festa é festa: aproveitemo-la, então.

O insólito e o tradicional

O EX-CUBANO E ACTUAL ESPANHOL Jose Legra (o escurinho da foto) campeão da Europa dos «meios-leves», conservou o seu título ao bater o francês Daniel Vermandere, aos pontos, em 15 «assaltos», ontem à noite, no Palácio dos Desportos de Madrid, perante cerca de 6000 espectadores

MONIZ PEREIRA: ADEUS, SPORTING

Mário Moniz Pereira, o «fazedor de campeões», deixa o atletismo do Sporting, depois de também ter deixado de ministrar a preparação física aos futebolistas do «leão».

A saída (esperada) deu-se em face da aceitação pelo prestigioso técnico de cargo que poderá ser fundamental no desenvolvimento do atletismo no nosso país: constituído um Gabinete Técnico pela Federação de Atletismo, Moniz Pereira será o principal responsável por esse órgão «revolucionário», e a ele vai dedicar o melhor da sua atenção.

Ao lado de Moniz Pereira estará outro nome grande da modalidade: Eduardo Cunha, igualmente professor de vários recordistas portugueses. Do trabalho de ambos há (agora) que esperar muito.

FESTA "AZUL"

Festa bonita, este encontro de seus campeões que o Belenenses ontem à noite promoveu. Centena e meia de amadores, dos 1200 que representam o prestigioso clube do Restelo, reuniram-se com os mais altos expoentes do grémio «azul» e receberam, não apenas medalhas e troféus que ficam a perpetuar títulos conquistados para o Belenenses mas, ainda, palavras bonitas e sinceras de oradores como o major Baptista da Silva que, a certa altura, disse:

— **Este é o maior treino de conjunto já feito pelos representantes amadores do Belenenses, que querem que o ano de 1973 vinque a reconquista de um lugar distinto no Desporto português. E, no fim de 1973 (tenho a certeza) bem mais de 150 campeões estarão numa reunião idêntica. O momento de euforia que vivemos neste 53.º aniversário «azul» será prolongado com feitos que poucos ousavam sonhar!**

Aquário Vasco da Gama

O director do Aquário Vasco da Gama pede-nos que noticiemos os novos horários de visita da Aquário que passam a ser os seguintes: dias úteis e feriados, das 12 às 18 horas; domingos, das 10 às 18 horas.

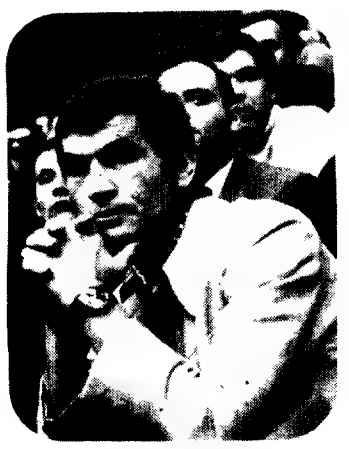
Safanão no hoquei?

A notícia foi posta a correr ontem ao princípio da noite: Joaquim Meirim, em vésperas de abalar para Angola, teria contactado uma série de excelentes hóquistas (nomeadamente da equipa do Sport Lisboa e Benfica) indagando se eles estariam dispostos a aceitar uma viagem até Luanda: para servirem de monitores em diversos clubes.

E vieram à baila (até) diversos nomes: Livramento, Casimiro, Ramalhete e Américo, estariam nos projectos (verdadeiramente audaciosos) de Meirim. Entretanto, Livramento (abordado no seu emprego) foi categórico na afirmação:

— **Não falei com ninguém a esse respeito: e ninguém também me falou no caso em termos claros e oficiais. De qualquer modo, não encaro qualquer hipótese de sair do Benfica.**

Portanto: ficção ou antecipação? Tempo ao tempo...



Meirim no Pavilhão, a espreitar o hóquei...

AERONÁUTICA CIVIL: MAIOR COLABORAÇÃO ENTRE PORTUGAL E O BRASIL

Os responsáveis portugueses e brasileiros da Aviação Civil reunem-se em Lisboa a partir da próxima segunda-feira destinando-se às conversações a assegurar uma maior colaboração na exploração do tráfego aéreo dos dois países.

A delegação portuguesa é chefiada pelo director-geral da Aeronáutica Civil, sendo constituída pelos representantes do Ministério dos Negócios Estrangeiros, da direcção-geral da Aeronáutica Civil e da TAP. Na delegação brasileira estão representados pelos representantes do Ministério das Relações Exteriores, da Comissão de Estudos relativos à Navegação Aérea Internacional e da Varig, sob a chefia do major-brigadeiro Deoclécio Lima de Siqueira.

TEATRO MARIA VITÓRIA

GRUPO D/18 ANOS

Giuseppe Bastos - Vasco Morgado apresentam

HOJE: 20.45 e 23 HORAS

AMANHÃ MATINÉE ÀS 16 HORAS

A SUPER-REVISTA POPULAR

CÁ VAMOS PAGANDO E RINDO...

TRIUNFO DUMA GRANDE COMPANHIA

EUGÉNIO SALVADOR • IVONE SILVA • NICOLAU BREYNER

VICTOR MENDES • ANABELA • CARLOS QUEIROZ

• BARROSO LOPES •

Atracção nacional: CIDÁLIA MOREIRA

Atracção internacional: VERA SANDERS

UM GRANDE ÊXITO NA ESTREIA

PASSAPORTES

WASTIS EXPRESS

EM LISBOA:

Av. Ant. Augusto Aguiar, 88-C

R. Caminhos de Ferro 62-C

Explicações de Físico-Químicas e Inglês para o 3.º ano liceal

Rua do Salitre, 77, 1.º, dt.º — Lisboa-2

Falar das 18,30 às 19,30

Joalharia Mergulhão

Fornecedora do Corpo Diplomático Fundada em 1895

A MAIOR VARIEDADE EM PRATAS ARTÍSTICAS

162, Rua de S. Paulo, 162-B

Telefone 30013 — LISBOA

AUTO INDUSTRIAL, S.A.R.L.

AV. DUQUE DE LOULÉ, 93-95

LISBOA

CONCURSO: *«Por uma experiência ...um Rádio para um Táxi»*

Comunicamos que no referido concurso foi premiada no sorteio efectuado em 4/10/72, a ficha de inscrição 0001 subscrita pelo Ex.mo Sr. Victor Martins, residente em Lisboa na Av. dos Estados Unidos da América, 132, 4.º, Dt.º, que no decorrer do concurso experimentou um VAUXHALL-VIVA PERKINS.

O prémio deverá ser levantado no prazo de seis meses a contar da data do sorteio.

FUNDAÇÃO CALOUSTE GULBENKIAN

TEMPORADA DE MÚSICA E BAILADO DE 1972/73

OUTUBRO A ABRIL

Grande Auditório, Auditório Dois, Sé Catedral, Igrejas da Graça e São Vicente de Fora

OUTUBRO

13 ASOCIAÇIÓN CORAL DE SEVILLA
Direcção de IGNACIO OTERO
Cancioneiro de Medinaceli, Victoria, Bach, etc.

18 ORQUESTRA GULBENKIAN
Maestros: LRZYSTOF PENDERECKI
WERNER ANDREAS ALBERT
Solista: FELICIA BLUMENTAL, cravo/piano
Mozart, Penderecki

19 GRUPO DE MÚSICA CONTEMPORÂNEA E SEGREIS DE LISBOA

20 KARLHEINZ BOETTNER, guitarra eléctrica

25 ORQUESTRA GULBENKIAN
Maestro: WERNER ANDREAS ALBERT
Solista: ISIDOR LATEINER, violino
V. Williams, Schumann, Beethoven

27 ISIDOR LATEINER, violino
EDITH GROSZ, piano
Tartini, Bach, Brahms, Debussy, Webern

30/31 «MUSICA DA CAMERA» (Amesterdão) Sweelinck Geminiani, Bach, Telemann, Haendel, etc.

NOVEMBRO

1 CORO E ORQUESTRA GULBENKIAN
Maestro: THEODOR GUSCHLBAUER
Solistas: F. GIRONÉS, J. SMITH, F. SERAFIM, A. MALTA, canto
«Missa em dó menor K. 427» de Mozart

3 MARTHA NOGUEIRA, piano
Bach, Liszt, Ravel, Ginastera

8 ORQUESTRA GULBENKIAN
Maestro: FREDERICO DE FREITAS
Solistas: GERARDO RIBEIRO, violino
CARLOS FRANCO, flauta
F. Freitas, Paganini, Jacques Ibert

11/12 TRIO SCHERBAUM (A. SCHERBAUM, Trompete/G. FETZ, órgão/I. SEEMAN, violoncelo)
Vivaldi, Corelli, Purcell, Buxtehude, Torelli, etc.

15 ORQUESTRA GULBENKIAN
Maestro: JOHN LUCIANO NESCHLING
Solista: ADOLF SCHERBAUM, trompete
Mozart, Haydn, Britten e Prokofieff

22 ORQUESTRA GULBENKIAN
Maestro: CHARLES KETCHAM
Solista: MALCOLM BINNS, piano
Webern, Rawsthorne, Beethoven, J. S. Bach

24 MALCOLM BINNS, piano
Haydn, Beethoven, Schumann, Rawsthorne

25 GRUPO GULBENKIAN DE BAILADO
Coreografias de John Butler («Catulli Carmina»), Águeda Sena, Milko Sparemblek
Este programa repete-se nos dias 26, 27 e 28

29 ORQUESTRA GULBENKIAN
Maestro: JANOS FURST
Solista: DUO WEISS, violino e piano
Geminiani, Kodaly, Mendelssohn, Haydn

DEZEMBRO

1 DUO WEISS, violino e piano
Beethoven, Prokofieff, Schumann

6 ORQUESTRA GULBENKIAN
Maestro: MANUEL IVO CRUZ
Solista: JEAN GUILLOU, órgão
Haendel, Beethoven, Stravinsky, Thomas Arne

9/10 JEAN GUILLOU, órgão

11/15 TRIO MÚSICA (O. NÖTH, E. ARIZCUREN, M.ª JOÃO PIRES)
Audição integral dos trios de MOZART para violino, violoncelo e piano

13 ORQUESTRA GULBENKIAN
Maestro: VAROVJAN KODJIAN
Solista: SEQUEIRA COSTA, piano
Stravinsky, Beethoven, Rossini, Schubert

16 GRUPO GULBENKIAN DE BAILADO
coreografia de John Butler, Sparemblek, Lar Lubovitch
Este programa repete-se nos dias 17, 18 e 19

20/21 CORO E ORQUESTRA GULBENKIAN
Maestro: MICHEL CORBOZ
Solistas: J. SMITH, H. SCHAER, B. SCHERLER, PH. LANGRIDGE, J. OLIVEIRA LOPES, canto
J. S. Bach: Magnificat, Cantata n.º 41
Monteverdi: Sonata Sopra Sancta Maria

JANEIRO

5 QUARTETO ARTIS (G. MAESTRI e GIL SHARP, violino / ANTONIETA ANJES, viola / JOHON SHARP, violoncelo)
Mozart, Beethoven, Dvorak

6 GRUPO GULBENKIAN DE BAILADO
«Giselle»
Este programa repete-se nos dias 7, 8 9, 11, 12, 13, 14 e 15.

10 ORQUESTRA GULBENKIAN
Maestro: WERNER ANDREAS ALBERT
Solista: JÖRG DEMUS, piano
H. Werner Henze, Poulenc, Schumann

12 JÖRG DEMUS, piano
Recital Schumann

17 ORQUESTRA GULBENKIAN
Maestro: WERNER ANDREAS ALBERT
Solista: LILI CHOOKASIAN, contralto
J. S. Bach, Gluck, Max Bruch, R. Strauss

19 LILI CHOOKASIAN, contralto
SAHAN AZROONI, piano
Gluck, R. Strauss, Wolf, Brahms, canções arménias, etc.

20/21 ANTOINE SIBERTIN-BLANC, órgão
RICARDO RAMALHO, flauta
J. S. Bach, Seixas, Fr. Martin, Haendel, Messiaen, etc.

22 ESPECTÁCULO DE BAILADO
«Giselle tomorrow»
Graziella Martinez / Jacob Le Levreur
Este programa repete-se nos dias 23, 25 e 27

24 ORQUESTRA GULBENKIAN
Maestro: WERNER ANDREAS ALBERT
Solista: NELLA MAISSA, piano
Frank Martin, Saint-Saens, Mendelssohn

26/29 JANOS LIEBNER, viola de arco «baryton» c/ acompanhamento de cravo
Henrique VIII, Beethoven, Haydn, etc.

31 ORQUESTRA GULBENKIAN
Maestro: OTHMAR MAGA
Solista: MATHIAS VOGEL, barítono
Haydn, J. S. Bach, W. Vogel, Schubert

FEVEREIRO

2 MATHIAS VOGEL, barítono
THEODOR PARACIVESCU, piano
Schubert, Schumann

7 ORQUESTRA GULBENKIAN
Maestro: MICHEL TABACHNIK
Solista: SONIA MONOSOFF
Haydn, Bruno Maderna, Emanuel Nunes, Mozart

9 SONIA MONOSOFF, violino
RUDOLF SCHEIDEGGER, piano
Marini, Biber, Corelli, J. S. Bach

10 GRUPO GULBENKIAN DE BAILADO
Coreografias de Sparemblek, Jorge Garcia, Carlos Trincheiras
Este programa repete-se nos dias 11, 12 e 13

14 ORQUESTRA GULBENKIAN
Maestro: MARIO BENZECRY
Solista: CLAUDE HELFFER, piano
J. S. Bach, Roussel, Schönberg

16 CLAUDE HELFFER, piano
Boulez, Boucourechliev, Beethoven

19 ANA LAGOA, soprano
OLGA PRATS, piano

21 ORQUESTRA GULBENKIAN
Maestro e solista (violoncelo): MAURICE GENDRON
Mozart, Haydn, Beethoven

23 «ATRIUM MUSICAE» (Madrid)

24/25 ISABEL FERRÃO, órgão
MADALENA VAN ZELLER, cravo
Padre Soler, W. Fr. Bach, J. S. Bach, Buxtchud, etc.

28 ORQUESTRA GULBENKIAN
Maestro: ÁLVARO CASSUTO
Solista: LUDWIG STREICHER, contrabaixo
Schubert, Webern, Wanhall, Cassuto, Haydn

MARÇO

2 LUDWIG STREICHER, contrabaixo
c/ acompanhamento de piano
Max Bruch, J. S. Bach, Boccherini, Ravel, etc.

7 ORQUESTRA GULBENKIAN
Maestro: WERNER ANDREAS ALBERT
Solista: KARL-BERNHARD SEBON, flauta
Haydn, Stamitz, Jacques Ibert, J. Peixinho

9 KARL-BERNHARD SEBON, flauta
c/ acompanhamento de piano
C. Halffter Donizetti, Prokofieff, Martinu. etc.

10 GRUPO GULBENKIAN DE BAILADO
Coreografias de Michel Descombey, Sparemblek, A. Rodrigues, J. Hughes, P. Hurde

12 GRUPO DE MÚSICA CONTEMPORÂNEA DE LISBOA

14 ORQUESTRA GULBENKIAN
Maestro: WERNER ANDREAS ALBERT
Solista: E. BLONDAL-BENGTSSON, violoncelo
Viivaldi, Beethoven, Schumann

16 CAIO PAGANO piano
Haydn, Beethoven, Alban Berg, Schönberg, Boulez

17/18 J. SIMÕES DA HORA, órgão
HELENA CLÁUDIO, mezzo-soprano

21 ORQUESTRA GULBENKIAN
Maestro: WERNER ANDREAS ALBERT
Solista: MARIA JOÃO PIRES, piano
Brahms, Mendelssohn

23 SEGRÉIS DE LISBOA
Música medieval e da Renascença

28/29 CORO E ORQUESTRA GULBENKIAN
Maestro: WERNER ANDREAS ALBERT
Solistas: E. BAYAN, H. CLÁUDIO, W. JOHNS, H. GRIMM, baixo
«Missa de Glória» de Puccini / «Requiem» de Fauré

ABRIL

7 GRUPO GULBENKIAN DE BAILADO
Coreografias de Fokine («As Silfides»), Norman Walker, Michel Descombey
Este programa repete-se nos dias 8, 9 e 10.

PREÇÁRIO

GRANDE AUDITÓRIO	1.ª Plateia	2.ª Plateia	Balcão
Espectáculos de Bailado			
Avulso — Estreias e dia 11 de Janeiro	80$00	60$00	35$00
Outros espectáculos	60$00	40$00	25$00
Assinaturas — Estreias	400$00	300$00	175$00
(6 espectáculos) — Outros espectáculos	300$00	200$00	125$00
Concertos da Orquestra Gulbenkian			
Avulso	40$00	30$00	20$00
Assinaturas completas (22 concertos)	750$00	560$00	370$00
» 1.ª série (10 »)	360$00	270$00	180$00
» 2.ª série (12 »)	430$00	320$00	210$00
Concertos de Órgão			
Avulso	15$00	10$00	10$00
Assinaturas	60$00	40$00	40$00

AUDITÓRIO DOIS	Plateia
Espectáculos de Bailado	50$00
Concertos	
Avulso	30$00
Assinaturas completas (26 concertos)	630$00
» 1.ª série (11 concertos)	270$00
» 2.ª série (15 concertos)	400$00

SÉ CATEDRAL, IGREJA DA GRAÇA E S. VICENTE	Avulso	Assinatura
Transepto	30$00/15$00	65$00
Nave central	20$00/15$00	65$00
Nave lateral	10$00	45$00

Beneficiam de desconto de 50 %: Crianças dos 6 aos 12 anos, quando acompanhadas ● Jovens até aos 18 anos ● Estudantes

CALENDÁRIO DA BILHETEIRA

	Antigos assinantes	Novos assinantes	Avulso
Concertos da Orquestra Gulbenkian, Concertos Recitais e Concertos de Música de Câmara no Auditório Dois e Recitais de Órgão	6 e 7/Outubro	8 a 10/Outubro	12/Outubro
Espectáculos de Bailado	2 a 4/Novembro	6 a 8/Novembro	13/Novembro

ATENÇÃO: Consideram-se «antigos assinantes» os portadores das capas de assinaturas respeitantes aos concertos e espectáculos realizados no primeiro semestre de 1971/72. Os assinantes do segundo semestre da temporada de 1971/72 têm prioridade na compra de assinaturas, não se garantindo, porém, os mesmos lugares.

PROGRAMAS PORMENORIZADOS (COM INDICAÇÃO DE PREÇÁRIO) EM DISTRIBUIÇÃO NA BILHETEIRA A PARTIR DE 6 DE OUTUBRO

Espectáculos da tarde e sábado à noite: Grupo A/maiores de 6 anos ● Restantes espectáculos: Grupo B/maiores de 10 anos
Classificação dos espectáculos de bailado sujeita a alteração

DL/ESTRANGEIRO

MÉXICO: cerca de 150 mortos num desastre ferroviário

CIDADE DO MÉXICO, 7 (R.) — Sobreviventes do pior desastre ferroviário que ocorreu no México desde há 20 anos narraram hoje cenas horripilantes de mortandade, após um comboio de 22 carruagens, cheio de turistas, descarrilar, incendiando-se e provocando a morte de 149 pessoas e 781 feridos.

«Vi carruagens desfeitas, labaredas, cadáveres, crianças chorando e mães aos gritos procurando os filhos» — disse Juanita Glória Roman, de 47 anos.

Essa senhora era uma de 1.500 pessoas que regressavam aos lares, vindas de uma festa, quando o desastre ocorreu às primeiras horas de ontem perto da cidade setentrional de Saltillo.

Declarou ainda que ouvira uma explosão. «Depois, o comboio começou a dançar nos carris antes de descarrilar».

Equipados com machados, picaretas e maçaricos de acetilene, soldados e polícias continuavam hoje a proceder cuidadosamente a buscas no meio dos destroços, receando fazer cair umas sobre as outras as carruagens empilhadas.

«Qualquer movimento falso pode provocar a morte por esmagamento de quaisquer sobreviventes», afirmou o comandante da Polícia de Saltillo, Genaro Gutierrez. Membros de alguns dos sobreviventes presos no meio dos destroços tiveram de ser amputados para os retirar dos escombros.

EXCESSO DE VELOCIDADE

A Polícia revelou que o comboio descarrilara quando descrevia uma curva numa colina íngreme e funcionários dos caminhos de ferro disseram que a composição circulava com demasiada velocidade.

Oleo Diesel das duas locomotivas que puxavam o comboio jorrou sobre algumas das carruagens voltadas.

Passageiros, que se encontravam presos no meio dos destroços, tentaram, aos gritos, livrarem-se da terrível situação em que se encontravam e, para isso, acenderem fósforos e velas, provocando o incêndio de quatro carruagens.

Aumentaram as esperanças de haver mais sobreviventes após as brigadas de socorro salvarem uma menina de três anos, que apenas sofreu ligeiras escoriações. As suas primeiras palavras, após ser retirada do meio dos destroços, foram: «Papá... Mamã».

Soldados tiveram que erguer uma barricada no local da catástrofe, situado entre ricos pomares, a fim de evitarem que parentes se aproximassem dos escombros para procurarem familiares desaparecidos.

Esses parentes vagueavam à volta da área inspeccionando roupas, sapatos e malas de mão, sujos com sangue, que se encontravam espalhados no local.

Cerca de 5.000 pessoas cercaram o hospital principal de Saltillo procurando parentes desaparecidos entre os corpos mutilados e sangrentos trazidos pelas ambulâncias, carros da polícia e automóveis particulares.

Uma jovem professora salvou seis alunas fugindo aos raptores

MELBOURNE, 7 (R.) — Uma jovem professora, raptada sob a ameaça de armas de fogo juntamente com seis das suas alunas de uma escola em Faraday, a 112 quilómetros a noroeste desta cidade, conseguiu abrir, a pontapé, a porta de um camião onde se encontravam fechadas e levar ao alvorecer de hoje as crianças até lugar seguro, atravessando o mato.

As raparigas, entre os 5 e os 11 anos, julgaram primeiro que o rapto era uma brincadeira quando dois homens, armados com uma metralhadora de cano serrado, entraram na sua aula. A sua professora, Mary Gibbs, de 19 anos, dava no momento a lição de música de sexta-feira.

Todas as sete raptadas foram metidas no camião vermelho e levadas para um local a cerca de 160 quilómetros da escola, tendo passado a noite fechadas dentro do veículo, que ficou sem guarda.

Os raptores deixaram uma nota na secretaria da escola exigindo um resgate de um milhão de dólares (cerca de 31500 contos). O ministro da Educação do Estado de Vitória, Lindsay Thompson, encontrava-se a caminho de Faraday, levando uma pasta cheia de notas de banco, para negociar a libertação das raptadas quando foi conhecida a informação de que se tinham libertado.

Mary Gibbs e as seis alunos foram encontradas no mato pela sra. Patrícia Hayward, que caçava coelhos na companhia do marido e de dois amigos.

As crianças, que se mostravam sorridentes e felizes a despeito do que tinham passado, juntaram-se finalmente aos pais aflitos quando a Polícia iniciava hoje investigações em grande escala para prender os raptores.

Antes, cerca de 500 polícias, pessoal de ambulâncias e voluntários da defesa civil procederam a pesquisas durante toda a noite, para encontrar a professora e as alunas, até ter sido conhecida a informação que se encontravam salvas.

Conclusão trágica do primeiro desvio de avião em Itália

TRIESTE, 7 (FP) — O primeiro desvio de um avião das linhas internas italianas teve uma conclusão trágica no aeródromo de Ronchi dei Legionari (Trieste) com a morte do pirata, um rapaz novo, que obrigou o Fokker da carreira Trieste-Bari a voltar para trás logo depois de ter levantado voo do referido aeródromo.

Foi ontem à tarde que o passageiro-pirata se introduziu na cabina da pilotagem de revólver em punho e disse ao comandante «quero 200 milhões de liras e ir para o Cairo». Aquele tentou fazê-lo vir à razão: «Dá-me o teu revólver» — disse-lhe. «Verás que a justiça terá esse gesto em conta».

Em vão. O pirata obrigou o avião a descer outra vez em Ronchi dei Legionari. Mas aceitou que os passageiros saissem. Convencido de que o Fokker não podia levá-lo ao Cairo, por não ter suficiente autonomia de voo, mandou que seguisse para Roma. Aqui tomaria um aparelho para o Cairo. O piloto, o assistente e o comissário de bordo aproveitaram um erro de táctica do pirata para deixarem o Fokker. Agora era impossível fazer qualquer coisa senão render-se. Era noite. Focos iluminavam em cheio o aparelho. O prefeito da polícia intimou-o por alto falante a render-se. O pirata, em vez de aceder, atirou primeiro uma granada de mão e depois fez fogo com o seu revólver. Um carabineiro ficou ferido numa mão. Entretanto, os seus camaradas abriram fogo.

O pirata caiu, mas podia ter sido uma finta e, assim só às 4 da manhã é que três polícias conseguiram entrar na cabina por uma das janelas. O pirata, viram, estava realmente morto.

CALEIDOSCÓPIO

NOVE MORTOS NUM INCÊNDIO: Morreram hoje de manhã nove pessoas no incêndio de um hotel de Traben-Trabach (R. F. A.) localidade turística das margens do Mosella. Oito clientes ficaram feridos, alguns dos quais gravemente. Uma pessoa foi dada como desaparecida. O incêndio, segundo a Polícia, ter-se-ia declarado pelas 4 horas da manhã no restaurante do hotel Graefinburg por razões ainda desconhecidas. As chamas teriam alcançado ràpidamente os andares superiores. No hotel encontravam-se 42 pessoas, todas de nacionalidade alemã. (F. P.).

UM CARDEAL PROTESTA: O cardeal chileno Raul Silva Henriquez fez uma declaração pública juntando-se ao protesto do país contra a companhia americana Kennecott que requereu em Paris a penhora de 1250 toneladas de cobre chileno. O cardeal acentua que o cobre pertence a soberania chilena, em virtude de um princípio reconhecido pelas Nações Unidas. (F. P.).

THEODORAKIS PODE REGRESSAR: O músico e compositor grego Mikis Theodorakis, que vive exilado no estrangeiro, pode regressar à Grécia desde que se comprometa a não participar em actividades políticas — afirma-se em círculos afectos ao Governo de Atenas, segundo informa a agência DPA. De acordo com os mesmos círculos Theodorakis teria declarado ao jornal de Atenas «Akropolis» que gostaria muito de voltar à Grécia e que para tanto estaria pronto a abandonar toda a actividade política. (A. N. I.).

BAILES

SÁBADO — Das 22 h. às 5 da MANHÃ
nos COMBATENTES
Rua do Possolo, 7 — Telf. 66 18 48 (à ESTRELA)
Com o Conjunto: ROMA 66
e o seu Vocalista «VASCO VILAÇA»
DOMINGO, das 16 h. às 20 h.
Com o conjunto: «6 LATINOS»
e a Voz de RUY MIRANDA
na ACADEMIA AJUDA
Rua D. Vasco, 69 (à Boa-Hora) Telf. 63 72 64
Domingo, às 22 h., com o Conjunto
«ROMA 66»
e o VASCO VILAÇA ao Microfone
Organizações: «MANUEL, TINITA = ÊXITO»
Matinées Grupo A (M. 6 anos
Soirées Grupo C (M. 14 anos)

Almada Negreiros
EXTERNATO
AV. PRAIA DA VITÓRIA, 48-1.º
Tels. 538308 - 538349
Junto ao Teatro Monumental
CICLO PREPARATÓRIO, LICEAL
INSTITUTOS
DIURNO — NOCTURNO
(ABERTAS AS INSCRIÇÕES)

Externato
Sebastião da Gama
CICLO PREPARATÓRIO E LICEAL
ABERTAS AS INSCRIÇÕES PARA O PRÓXIMO ANO LECTIVO
Av. Almirante Reis, 106, 1.º — Telfs. 822776/823531
(Em frente da Cervejaria Portugália)

CETEL
Centro de Estudos Técnico-Económicos
estudos económicos - organização - informática - marketing
rua de ponta delgada, 80 - 1º - lisboa 1

Selecciona para grande Empresa de Produtos Alimentares com sede em Lisboa

CHEFE DE SERVIÇO DE MARKETING

PRETENDE-SE:
— Licenciatura, de preferência em economia ou finanças
— Perfeito domínio das técnicas actuais de marketing
— Preparação no exercício de funções de chefia e de formação
— Treino na definição de políticas e programação de vendas

OFERECE-SE:
— Lugar de elevada responsabilidade, na dependência directa da Administracão da Empresa.
— Remuneração compatível
— Regalias sociais
— Bom ambiente de trabalho

Resposta com curriculum detalhado, incluindo indicação da remuneração pretendida, para CETEL — Selecção de Pessoal.
— Ref.º 72SP 307.

Instituto de Línguas de Algés
Rua dos Bombeiros Voluntários, 29, 2.º — ALGÉS
Telefone 21 49 10
INGLÊS — FRANCÊS — ALEMÃO
PORTUGUÊS PARA ESTRANGEIROS
Das 10 às 12 horas e das 17 às 22 horas excepto sábados
MATRÍCULAS ABERTAS PARA OS CURSOS A INICIAR EM 1 DE OUTUBRO
UAP

DL /DESPORTOS — AUTOMOBILISMO

MAIS DE 100 EQUIPAS INICIAM NA TERÇA-FEIRA O "VI RALLYE INTERNACIONAL TAP"

Com partidas de Amsterdão, Copenhague, Londres, Viena, Milão, Madrid, Porto, Lisboa, Bruxelas, Francfort, Paris e S. Sebastian inicia-se na próxima 3.ª feira o «6º. Rallye Internacional TAP», a mais importante prova de estrada disputada em Portugal e também já integrado entre os mais célebres rallyes do Mundo, situação aliás bem merecida, dados os moldes verdadeiramente internacionais em que a prova se disputa.

Os pilotos saídos das cidades acima indicadas convergirão para Bragança, cidade a partir da qual se fará um percurso comum de cerca de 3000 quilómetros divididos em cinco etapas.

No dia 12 os concorrentes deixarão Ofir às 9 horas da manhã dirigindo-se ao Estoril com paragem por Espinho, Aveiro, Figueira da Foz, Caldas da Rainha, Torres Vedras, Mafra e Sintra, num total de 433 quilómetros. Durante esta etapa disputar-se-ão mais quatro provas de classificação respectivamente na Boa Viagem, S. Pedro de Moel, Montejunto e Autodromo do Estoril, local da chegada. Os concorrentes iniciam também no Autódromo a 3.ª etapa (Estoril-Estoril) perfazendo 310 quilómetros. A Arrábida e a Comenda serão as provas de classificação números 6 e 7, após os quais o rallye se dirigirá para Montejunto (8ª. Prova d · classificação) após passagem por Setúbal, Montijo e Alcochete e atravessando a ponte Marechal Carmona para Norte do Tejo.

Depois de Montejunto o itinerário será por Torres Vedras, Livramento, Mafra, Sintra, Colares, Peninha (9.ª prova de classificação) e, novamente, o Autódromo do Estoril onde a hora ideal de chegada do primeiro concorrente será às 2 h. 12 m. do dia 13. A 4ª. etapa terá 840 km e levará os concorrentes de novo até ao Norte do País, terminando no Porto, depois de disputarem mais dez provas de classificação em Figueiró dos Vinhos, Lousã, Candosa, Arganil, Caramulo, Prestimo, Nespereira, Freitas, Marão e Ermelo.

Depois do Estoril a prova passará por Mafra, Carregado, Cartaxo, Santarém, Tomar, Figueiró dos Vinhos, Poiares, Penacova, Campo de Besteiros, Arouca, Castelo de Paiva, Cavalinho, Amarante e Penafiel.

Depois da 4ª. etapa os concorrentes terão o seu maior período de descanso (cerca de 10 horas) partindo o primeiro concorrente para a 5.ª e última etapa Porto-Estoril às 13,30 horas. Esta será a mais longa e demolidora de todas as etapas, com 1052 quilómetros e doze provas de classificação, em Orbacém, Portela, Gerês, Cabreira, Senhora da Graça, Fridão, Freita, Caramulo, Arganil, Candosa e Lousã. Esta etapa passará ainda por Viana do Castelo, Santa Luzia, Arcos de Valdevez, Vieira do Minho, Amarante, Alvarenga, Buçaco, Poiares, Arganil, Folques, Tomar, Santarém, Arruda dos Vinhos e, finalmente, chegada é no Autódromo do Estoril cerca das 9 h. 30 m. na manhã de domingo, dia 15.

O PALMARÉS DO «TAP»

O Raliye TAP terá este ano a sua 6ª. edição como prova internacional. Antes disso por ser um rallye exclusivamente destinado aos funcionários daquela companhia aérea passando mais tarde a estar integrado no Campeonato de Rallyes da FNAT, até que em 1967 adoptou a designação de internacional. Nesse ano estiveram presentes em prova 73 pilotos 19 dos quais estrangeiros. Os vencedores foram Carpinteiro Albino/ Silva Pereira ao volante de um Renault Gordini. Classificaram-se a seguir António Peixinho/ Jocames (Lotus-Cortina) e Joseph Bourdon/ C. Bertrand (Renault Gordini). A edição de 1968 registou o maior número de sempre em concorrentes inscritos: 190 dos quais apenas 22 conseguiram chegar ao fim. Foi seu vencedor Tony Fall formando com R. Crellin conduzindo um Lancia seguido de Paddy/ Hopkirk/ Tony Nash (Cooper S) e António Peixinho/ Jocames também em Cooper S. Francisco Romãozinho/ Jocames ganharam a prova em 1969, classificando-se a seguir dois Datsuns conduzidos por José Lampreia/ Melville e Chavan/Loyens. Este foi o último ano em que equipas portuguesas se classificaram nos primeiros lugares da prova, o que em parte se justifica pela sua cada vez maior projecção internacional, facto que faz deslocar até nós os melhores pilotos mundiais de rallies. Assim, em 1970, Simo Lampinen Davenport foram os grandes vencedores, seguidos de S. Munari/Bernacchini, ambos em Lancia, marca esta que deste modo bisou a vitória absoluta no TAP. No terceiro lugar classificou-se Waldegaard conduzindo um Porsche e fazendo equipa com Thorzelius.

O ano passado foi a vez do francês Nicolas chamar a si a vitória. Nicolas fez equipa com J. Todt e tripulou um Alpine. O vencedor de 1970, Simo, Lampinen de novo tendo como navegador Davenport e também em Lancia foi o segundo classificado, à frente de Robert Neyret/Terramorsi. Gomes Pereira/Marçalo (Opel) foi a única equipa portuguesa a terminar esta prova em 1971.

Entre os concorrentes presentes este ano terá que notar-se a ausência da equipa oficial da Lancia, uma vez que a estar presente seria indiscutìvelmente uma das favoritas. No entanto estarão presentes quatro Lancias privados que muito contribuirão para uma maior luta e poderão terminar a prova em lugares de destaque, principalmente no caso de Ragnotti. A Alpine disporá de nomes como Nicolas, Peter Smith e Darniche, ao qual será lícito juntar o nome do nosso compatriota Colaço Marques, pelo que será indiscutìvelmente uma das grandes favoritas.

Tonny Fall, outro dos melhores pilotos de rallyes, estará presente ao volante de um Datsun 240 Z que foi de Giovanni Salvi. A marca japonesa terá ainda o inglês Chris Sclater, além dos portugueses António Carlos Oliveira, Celso Vieira da Silva, Raposo de Magalhães, etc.

A Fiat será outra das marcas que pode aspirar a uma vitória final na prova, principalmente através de Sonda, Paganalli e Smania como pilotos de fábrica. Entre os concorrentes portugueses teremos a Equipa Fiat-Torralta, como normalmente constituída por Luis Netto, Mário de Figueiredo, Carpinteiro Albino e Heitor de Morais.

Zazada, António Borges, Américo Nunes, e Giovanni Salvi tentarão dar a vitória à Porsche enquanto Waldegaard, Romãozinho, Bochnicek e Conde de Botelho serão os nomes com que a Citroen contará para bisar a vitória no TAP.

OS PRÉMIOS

Também em prémios o «TAP» rivaliza e bate os melhores rallyes da Europa: 80.000$oo é o prémio para o primeiro classificado e 40.000$00 o 2.º, havendo prémios em dinheiro até ao 10.º classificado. Também nas classificações por grupos e senhoras há prémios monetários além de taças e troféus.

Tudo se conjunga, portanto, para que a 6.ª edição do Rallye Internacional TAP possa ser a mais importante de todas até porque a maioria dos pilotos presentes é da opinião ser esta a mais difícil e simultâneamente ter o melhor traçado de todos os «TAP» disputados até agora.

No domingo em Paris realiza-se uma reunião da Sub-Comissão de Rallyes da FIA onde será discutido a inclusão do Rallye TAP no Campeonato do Mundo de Rallyes.

passaportes
paneuropa
Braamcamp, 11 Telef. 563401 Lisboa

Concurso de Fotografia Turística

Grande Prémio Torralta de Fotografia Turística

Classificação geral 31.ª semana

		1.os Prémios		Menções Honrosas		TOTAL
		atribuídos	pontos	atribuídas	pontos	
1.º	Manuel E. A. Sousa	5	15	3	3	18
2.º	Horácio José da Cruz	2	6	8	8	14
3.º	Reinaldo Viegas	3	9	4	4	13
4.os	António Conceição Matos Paulo Veríssimo da Cruz	2	6	4	4	10
5.os	António Sousa Silva Óscar Saraiva	2	6	3	3	9
6.º	Guilherme Silva	2	6	2	2	8
7.º	José Fernando Ferreira Mendes	1	3	4	4	7
8.º	José de Andrade	1	3	3	3	6
9.os	A. J. Sousa de Almeida José Nuncio Gomes de Carvalho Manuel Aires Ventura	1	3	1	1	4
10.os	António Maria Maia de Lima João Eduardo Portela Belo José Augusto Alves Linda Jones Miguel Gavazzo Noémia de Carvalho	1	3	—		3
11.os	Cipriano Dourado Duarte Nunes da Silva Fernando Augusto Portela Panão Fernando Gomes da Costa	—		2	2	2
12.os	Acácio Fragata Aníbal Sequeira António Cabral Castilho António Jorge Pinto Costa Barros António Matos António Soares da Rocha Artur Rafael Dias Neves Augusto Neves Carneiro Carlos A. P. Nascimento Gertrudes Fiuza Costa Matos J. Pereira Junior José Oliveira Tavares Manuel Oliveira Cardoso	—		1	1	1

PONTOS: Cada 1.º PRÉMIO — 3 pontos
Cada MENÇÃO HONROSA — 1 ponto

BOM APETITE

CASTANHEIRA
DECLARADO DE UTILIDADE TURISTICA
ESTRADA DA TORRE — LUMIAR - TELEF. 790168
ESPECIALIDADES DIÁRIAS
DOMINGO AO ALMOÇO ORQUESTRA PRIVATIVA DESTE RESTAURANTE. (M/14 ANOS)
Encerrado às 2.as feiras.

RESTAURANTE E BAR DO HOTEL ALVORADA
ESTORIL
COZINHA PRIMOROSA E VARIADA
Telef. 26 00 70 (Frente ao Casino)

RESTAURANTE
SNACK-BAR
Colina
Rua Filipe Folque, 46-A
Telef. 560209
AMANHÃ
Pato a colina
Aberto até às 2 horas

RESTAURANTE
antónio
RUA TOMÁS RIBEIRO, 63 (Junto do Metro)
DIÁRIAMENTE AÇORDA DE MARISCO
ABERTO AOS DOMINGOS

RESTAURANTE
QUINTA DE S. VICENTE
Telheiras de Cima, 144
Telef 790211
JANTARES DANÇANTES AOS SÁBADOS E DOMINGOS
c/ conjunto privativo
Premiado pelo S. N. I.
(Maiores de 15 anos)

HOTEL BOTÂNICO
Rua Mãe d'Agua 16 20 • Telefs 3 40 12 13
LISBOA (junto a Praça da Alegria)
O PONTO DA REUNIÃO ELEGANTE
VISITE O NOSSO BAR ONDE ENCONTRA O APERITIVO AO SEU GOSTO

APÓS AS REFEIÇÕES - CHAVE D'OURO - O MELHOR CAFÉ

Banco Borges e Irmão

Índice de cotação das acções (Base: Dez. 65=100)

	29-9-72	6-10-72	Desvio %
GERAL	193,0	193,1	+0,1
METROPOLITANAS	197,5	197,9	+0,2
Bancárias	488,2	490,9	+0,6
Eléctricas	84,1	83,6	−0,6
Industriais	150,4	150,2	−0,1
Diversas	184,4	184,5	0
ULTRAMARINAS	159,7	157,9	−1,1
Angolanas	165,2	163,3	−1,1
Moçambicanas	96,8	96,8	0

OXIDEX, LDA.

AV. JOÃO CRISÓSTOMO, 10-B

INFORMA SEUS FORNECEDORES, CLIENTES, AMIGOS E COMÉRCIO EM GERAL QUE O SNR. JOSÉ ANTÓNIO DOURADO EUSÉBIO, DEIXOU DE SER COLABORADOR DA FIRMA DESDE 31/3/72.

A GERÊNCIA

GRANDE URBANIZAÇÃO EM QUELUZ DE BAIXO

2ª FASE

COMPLETAMENTE VENDIDA A "PRIMEIRA FASE" VENDEMOS LOTES APROVADOS PARA A CONSTRUÇÃO DE PRÉDIOS COM DOIS, TRÊS, QUATRO E OITO PISOS.

* MAGNÍFICOS LOTES DE TERRENO PARA A CONSTRUÇÃO DE VIVENDAS E MORADIAS.

INTERCONSULTA, LDA.

AV. JOÃO CRISÓSTOMO, 71-1º, LISBOA. TEL. 531235·531892

televisão

HOJE

1.º Programa

1.º Período

12.45 Abertura e desenhos animados.
13.00 O Caso da Semana.
13.15 Viver no Campo.
13.45 Telejornal — 1.ª Edição.
14.00 Dó lá si.
14.25 Hoje pode ver.
14.40 Estúdio sem marcação.
15.05 Daniel Boone.
15.55 As flores e o seu mundo.
16.20 Programa feminino.
16.45 Barreira de sombra.
17.15 Teledesporto.
17.45 Concurso hípico Internacional de Lisboa
19.00 A vida continua
19.30 Telejornal — 2.ª Edição.
19.40 E a vida continua.
19.55 Woobinda.
20.20 Ensaio.
21.10 Se bem me lembro.
21.30 Telejornal — 3.ª Edição.
22.00 Os Caminhos de Noele.
22.30 Concerto promenade.
23.30 Telejornal — últimas notícias.
23.40 Meditação e fecho.

2.º Programa

20.30 Abertura e desenhos animados.
21.00 O caso da semana - Viver no campo
21.30 Telejornal — 3.ª Edição.
22.00 Sabe?...
22.40 Dr. Marcus Welby.
23.35 Fecho.

AMANHÃ

1.º Programa

1.º Período

12.30 Abertura e Missa de Domingo.
13.10 O Dia do Senhor.
13.35 Nos bastidores da aventura.
13.45 Telejornal — 1.ª Edição.
14.00 Robin dos Bosques.
14.25 Hoje pode ver.
14.40 Concerto.
15.10 Expedição.
15.35 Tarde de cinema «A Família Fdppny».
16.35 Eurovisão - «Hípico de França»
17.00 Concurso Hípico Internacional da Penina
19.00 T. V. Rural
19.30 Telejornal — 2.ª Edição.
19.45 Os Companheiros.
20.20 TV 7.
21.30 Telejornal — 3.ª Edição.
22.00 Longstreet
23.00 Fados.
23.15 Domingo Desportivo.
23.45 Telejornal — últimas notícias.
23.50 Meditação e fecho.

2.º Programa

20.30 Abertura e dó lá si.
21.00 O Regresso de Lucy.
21.30 Telejornal — 3.ª Edição.
22.00 Festival O.R.T.F..
23.45 Fecho.

Quer aplicar dinheiro na Bolsa?

Preocupa-o a gestão da sua carteira de títulos?

Consulte o DEPARTAMENTO DE TÍTULOS do

BANCO PINTO DE MAGALHÃES

que lhe oferece um serviço perfeito e especializado.

tempo

09.00 H

Em Portugal Continental o céu estava geralmente muito nublado nas regiões do Norte e pouco nublado nas do Centro e do Sul; cairam aguaceiros nalguns locais do Centro e o vento era fraco ou moderado de Sul.

TEMPERATURAS DO AR

09.00 H

PORTO	18.º
COIMBRA	17.º
PORTALEGRE	14.º
LISBOA	18.º
FARO	20.º
FUNCHAL	20.º

TEMPERATURAS EXTREMAS

Régua
Máxima 24,5.º

Penhas da Saúde
Mínima 6.º

TEMPERATURAS NO ESTORIL

Água do mar 17,2.º
Atmosfera 19.º

MARÉS DE HOJE

PREIA-MAR		BAIXA-MAR	
3.53	**4.0 m**	9.29	**0.8 m**
16.09	**4.1 m**	21.47	**0.8 m**
Dia 8			
4.26	**4.0 m**	10.00	**0.8 m**
16.42	**4.0 m**	22.16	**0.8 m**
Dia 9			
4.57	**4,0 m**	10.31	**0,8 m**
17.14	**3,9 m**	22.45	**0,9 m**

PREVISÃO GERAL ATÉ ÀS 24 H. DE AMANHÃ

Diminuição das condições de estabilidade; períodos de céu muito nublado e regime de aguaceiros diminuindo de frequência de Sul para Norte; vento fraco ou moderado nos quadrantes Sul.

AMANHÃ

NASCER ÁS 7.40
OCASO ÁS 19.05

DIA 15	DIA 22	DIA 29	DIA 6

rádio

EMISSORA

1.º Programa

16.00 Rádio Educativa
16.30 Convívio
18.05 Emissão infantil
18.35 Música só música
19.10 Música Portuguesa
20.20 O guitarrista Laurindo Almeida
20.30 A Palavra e a voz pelo rev.º Padre Vieira Pires
20.45 Apeitivo musical
21.00 Momento 72
21.30 Conjuntos
21.45 1.ª Parte de um sarau para militares em Queluz
22.30 Tempo de Jazz
23.05 De um dia para o outro
24.00 Nova noite, nova luz, pelo padre José Teodoro Marques da Silva
00.45 Escala da madrugada.

2.º Programa

15.15 Parte final da ópera Guerra e Paz
17.10 Sinfonia n.º 2 em ré maior
18.00 O Trio Romântico
19.00 O maestro Joseph Keilberth
20.20 Trechos de ópera
20.45 Panoramas da história
21.00 Recital de violoncelo e piano
21.19 Quarteto em ré maior
21.30 Filatelia
21.40 A Sinfonia através dos tempos
23.00 Emissão em línguas estrangeiras

PROGRAMA ESTEREOFÓNICO

21.00 Música ligeira variada
22.00 Música Sinfónica
23.06 Música de Table
00.11 Suites sinfónicas de Debussy e Ravel.

RÁDIO CLUBE

ONDA MÉDIA

16.04 Programa CDC
18.00/21.00 Programa «Movimento» (Realização de Fialho Gouveia)
20.00 Nota de abertura
21.00/24.00 «Quadrante 2-9-0-»
21.03 Rádio Placard
21.15 Hora Luterana
21.32 Impacto
22.30 Quando o telefone toca
23.08 Toiros, sempre toiros.
23.30 PBX
02.00 A noite é nossa
06.00 Diário rural
07.00 Talismã

MODULAÇÃO DE FREQUÊNCIA

16.04 Programa CDC
17.57 O nosso programa
19.04 Vértice
20.00 Nota de abertura
21.02 Boa noite em FM
22.02 Programa à Gô-Gô
23.00 Noticiário; Programa à Gô-Gô (continuação)
00.02 Em órbita-dois
01.02 Banda sonora Sonipol
02.00 Perspectivas
03.00 Fecho

RÁDIO RENASCENÇA

16.00 Radiograma
18.05 Programa Carruagem
18.20 Boletim litúrgico
18.30 Terço e benção da Basílica dos Mártires
19.05 Diálogo
19.30 90 minutos de música popular
21.00 Meditando
21.03 Grande Prémio
22.00 Quando o telefone toca
22.30 Música e canções para o seu fim de semana
23.00 A 23.ª Hora.

EMISSORES ASSOCIADOS DE LISBOA

RÁDIO GRAÇA
06.00 às 10.00 e das 19.30 às 22.00

C. RADIOFÓNICO DE PORTUGAL
Das 10.00 às 12.00 e das 22.00 às 04.00

RÁDIO GRAÇA
Das 12.00 às 14.30

RÁDIO PENÍNSULAR
Das 14.30 às 19.30

farmácias de serviço

AJUDA
Lídia Calçada da Ajuda, 170 (tel. 637318)

ALCÂNTARA
Probidade R de Alcântara, 15-A (tel 638589), **Infante Santo** Rua do Olival, 290 (tel 661003)

ALFAMA
Anunciada Rua do Vigário, 74 (tel 866360)

ALTO DO PINA
Eusil Rua Barão Sabrosa, 104 (tel 841912)

ALVALADE
Rainha Santa Rua Afonso Lopes Vieira, 57-B (à Avenida do Brasil) (tel. 765262); **Alentejo** Avenida da Igreja, 28-B (tel 712682), **Belo** Avenida de Roma, 53-A (tel 776314); **Estados Unidos** Avenida dos Estados Unidos da América, 16-B (tel. 725859)

AMEIXOEIRA
S.Bartolomeu Vila Paulo Jorge, 1 (às Galinheiras (tel. 790969)

ANJOS
Guerra Rua Andrade, 32 (tel. 845513)

AREEIRO
Central Avenida Paris, 2 (tel. 720820)

ARROIOS
Brasil Rua Alves Torgo, 29-31 (tel. 46843)

AVENIDAS NOVAS
Santa Maria, Avenida 5 de Outubro, 283-A (à Feira Popular) (tel. 763016); **Cardoso** Avenida Visconde Valmor, 28-A (à Avenida da República) (tel 772291); **Saldanha** Avenida Praia da Vitória, 53 (tel. 43938)

BAIRRO ALTO
Durão Rua Garrett, 90 (tel. 324166)

BAIRRO DA ENCARNAÇÃO
Ascenso Praça do Norte, 11 (tel 311216).

BAIXA
Frazão Rua das Portas de Santo Antão, 72 (tel 328180).

BENFICA
Marques Estrada de Benfica, 648 (tel. 700096); **Vilex** Estrada de Benfica, 373-B (tel. 780548); **São João** Estrada da Luz, 124-A (tel 783179)

CAMINHOS DE FERRO
Alves de Carvalho Rua Vale de Santo António, 7-9 (tel 480125)

CAMPOLIDE
Imparcial Rua General Taborda, 28 (tel 680931); **Rualto** Alto de Carvalhão, 5-B (tel. 651721)

CAMPO DE OURIQUE
Condestável Rua Coelho da Rocha, 119 (tel. 66606); **Almeida** Rua Silva Carvalho, 136 (tel. 681726).

CHARNECA DO LUMIAR
S. Bartolomeu Vila Paulo Jorge, 1 (tel 790969).

CHIADO
Durão Rua Garrett, 92 (tel 324166)

CONDE REDONDO
Branco Avenida Duque de Loulé, 61 (tel. 45048)

ESTRELA
Gama Calçada da Estrela, 130 (tel 660339)

GRAÇA
Monte (do) Rua Senhora do Monte, 30-A/B (tel 867842), **Progressiva** Rua de Santa Marinha, 18 (tel. 863619)

GRILO
Grijo Rua do Grilo, 25 (tel 385264)

LUMIAR
Paluleia Rua do Lumiar, 122 (tel 790352)

MADRAGOA
Lys Rua da Esperança, 17 (tel 660913)

OLIVAIS
Fernandes Borges, Rua Cidade de Benguela, Lote 300 (Olivais-Sul) (tel 311091), **Central** RuaAlferesBarrilaro Ruas, 7-C (Olivais-Norte) (tel 315539)

PEDROUÇOS
Restelo Rua Duarte Pacheco Pereira 11-C (tel 610741)

PENHA DE FRANÇA
Dimar Rua Conde de Monsaraz, 17-B (tel 842533)

PICHELEIRA
Marluz Calçada da Pichelei-ra, 140-B (tel. 720703-728391)

RESTELO
Restelo Rua Duarte Pacheco Pereira, 11-C (tel. 610741)

SANTO AMARO
SANTO AMARO
Santo Amaro Rua Filinto Elísio, 29-A (tel. 637070)

S.MAMEDE
Cunha Rua da Escola Politécnica, 16 (tel 325455)

S.PAULO
Ultramarina Rua de S.Paulo, 99-101 (tel 321771)

S.SEBASTIÃO DA PEDREIRA
Sirius Rua Fialho de Almeida, 38-A (tel 44000)

LINHA DE CASCAIS

ALGÉS
Branco, Av Comb. G. Guerra, 29 (Telef. 212081)

CAXIAS
Nova, Rua Bernardim Ribeiro, 1-A (Tel 242839)

PAÇO DE ARCOS
Trindade Brás, R. Costa Pinto, 186 (Telef. 24232034)

OEIRAS
Alcântara Guerreiro, P. Residencial dr Augusto de Castro-Lote 10 (Telef. 2430691)

PAREDE
Macau, R. J. Elias Garcia, 60-C (Telef. 2471785)

S. PEDRO DO ESTORIL
S. Pedro, (Telef. 263052)

ESTORIL
Ostende, R. de Espinho, 1 (Telef. 260391)

CASCAIS
Cordeiro, Av Comb. G Guerra, 40 (Telef. 2841419), **Nova,** Est. de Alvide-Fontainhas (Telef. 281044)

LINHA DE SINTRA

AMADORA — **Dias** Av. Marquês de Pombal, Lote 9 (Tel. 934589); **Campos** R. Elias Garcia, 185 (Tel. 930072); **Citadel** R. António Sardinha, 23 D (Tel. 938551)

DAMAIA
Confiança Est. Militar, Lote D (Tel. 9710231)

VENDA NOVA
Girassol

QUELUZ
Zeller R. da República, 83 (Tel 950045); **Correia** L. do Mercado, 3 (Tel. 950906)

CACÉM
Central R Elias Garcia, 55 (Tel 2940034)

MEM MARTINS
Química Est. de Mem Martins, 285 (Tel 2910012)

S. PEDRO DE SINTRA
Valentim (Tel 980456)

SINTRA
Marrazes L dr. Gregório de Almeida, 2 (Tel 980391)

COLARES
Colares Abreja (Tel 299088)

OUTRA BANDA

ALCOCHETE
Gameiro, L António dos Santos Jorge, 15 (Telef 234100)

ALHOS VEDROS
Portugal, Av da Bela Rosa, 8 (Telef 224250)

ALMADA
Castro Rodrigues, R. Capitão Leitão, 21-A (Telef. 270076)

BAIXA DA BANHEIRA
Nova Fátima, Est. Nacional, 221-B (Telef. 224141)

BARREIRO
Normal, Av. Alfredo da Silva, 116 (Telef. 2273035)

COVA DA PIEDADE
Cerqueira, Afonso, P. 5 de Outubro, 18 (Telef. 270254)

MOITA
União Moitense, Av. Dr Teófilo Braga (Telef. 239025)

MONTIJO
Diogo, R. Almirante Reis, 42 (Telef. 230032)

SESIMBRA
Lopes, R. Cândido dos Reis, 67 (Tel. 229028)

SETUBAL
Oliveira L. da Misericórdia (Tel. 22488)

SEIXAL
Godinho L. da Igreja, 51 (Tel. 2218580)

PORTO

1.º TURNO

SUB-TURNO A

Alves da Silva. Av. da Boavista 1016; **Azevedo 9de)** Rua do Meiral, 503; **Gomes Ferreira**, Rua Faria Guimarães, 449, **Nau Vitória** Rua Nau Vitória, 723; **Ordem da Trindade**, Rua Her e Márt Angola, s/n; **Terreiro**, Rua da Reboleira, 21

SUB-TURNO B

Antas (das), Av. Fernão Magalhães, 1076, **Ant. Porta do Olival**, C. Mártires da Pátria, 122, **Falcão**, Rua de Santo Ildefonso, 61; **Ferreira**, Praça D Afonso V, 55-B, **Lousada**, Largo do Campo Lindo, 62

COIMBRA

TURNO C
M. Nazaré, Av. João das Regras, 132 (tel. 23033); **Figueiredo**, Rua da Sofia, 107 - 109 (tel. 22837); **Correia**, Rua Visconde da Luz, 46 (tel. 22834).

cinemas ● cinemas ● cinemas

MONUMENTAL (Tel. 555131)
15.15 - 18.15 - 21.30
(Grupo D - 18 anos)
«A FÚRIA DA RAZÃO» com Clint Eastwood e Harry Guardino

SATÉLITE (Tel 562832)
15.30, 18 50 e 21.45
(Grupo D - 18 anos) 4.ª semana
Sonia Petrova e Lilian Arden «FOGO SAGRADO» (Feu Sacré)
O filme seleccionado para abrir o Festival de Cannes

ALVALADE (Tel 717480)
15.15 - 18.15 - 21 45
Grupo D (18 anos)
A obra prima de Hitchock «A SUSPEITA» com Gary Grant e Joan Fontaine

AVIZ (Tel 47163)
15.30 e 21 45
Grupo B (10 anos)
Colorcoscope - 37.ª semana
Há mais de meio ano em exibição
«TRINITÁ» (COW BOY INSOLENTE) com Bud Spencer e Terence Hill

IMPERIAL (Tél. 821933)
15.00 - 21.00
(Grupo D - 18 anos)
«DÍVIDA DE ÓDIO» e «CHARADA»

APOLO -70 (Tel. 763391)
15.00, 18.15 e 21.45
(Grupo D - 18 anos) 8.ª semana
Technicolor - Prémio Kalimar
O melhor filme estrangeiro de 1970 - DJAMILIA com Natália Arimbassarova
Hoje às 24.00 - Meia-Noite Fantástica
(Grupo D - 18 anos)
«A MORTE PASSOU DE PERTO» com Peter Cushing e Christopher Lee.
Amanhã às 11.00 - Manhã infantil (Grupo A - 6 anos)
«AS GRANDES AVENTURAS DE DONALD» de Walt Disney

ROMA (Tel. 727778)
15.30 - 18.30 - 21.45
(Grupo D - 18 anos)
Um drama sentimental!
CRIME DE AMOR com Nuria Espert e Américo Coimbra.
Estamancolor

ROYAL (Tel. 855037)
16.00 - 20.30
(Grupo D - 18 anos)
«TRAFICANTES DE SONHOS» e «AS MÃOS DO ESTRIPADOR»

CONDES (Tel. 322523/326710)
14.15, 16.30, 18.45 e 21.45
(Grupo D - 18 anos) 3.ª semana
Bronson/Delon
«ADEUS AMIGO»

ODEON (Tel. 326253)
15.15 18 15 e 21.30
(Grupo C - 14 anos)
34.ª Semana de êxito
«NÃO DESEJARÁS O DELICADINHO DO 5.º» com Alfredo Landa, Jean Sorel, Ira de Furstemberg e Isabel Garces.

IMPÉRIO (Tel. 55134/5)
15 15 - 18.30 - 21.30
(Grupo D - 18 anos color)
Lee Marvin e Gene Hackman em «CARNE DE PRIMEIRA»

ESTÚDIO (Tel. 555134/5)
15.30, 18.30 e 21 45
(Grupo D - 18 anos) 6.ª Semana
Um belo conto de amor e morte «AMARGA EXPERIÊNCIA» com Catherine Jourdan e Mathieu Carriére.

CASINO ESTORIL
18 30 - 21.30
(Grupo D - 18 anos)
«VIDAS INQUIETAS»

MUNDIAL (Tel. 538743)
15.15 18.30 e 21.45
)M. 18 anos) 2.ª semana de êxito Enrico Maria Salerno CORAÇÃO FRIO. O drama de um homem só...

EUROPA (Tel. 661016)
15.15 e 21.30
(Grupo D - 18 anos)
DOUTOR JIVAGO

EDEN (Tel. 302768)
As 15.30 - 18.30 e 21.45
(Grupo D - 18 anos)
Eastmancolor Núria Espert e Américo Coimbra em «CRIME DE AMOR»

TIVOLI (Tel. 50595)
Às 15.15 - 18.30 e 21.45
(Grupo C - 14 anos)
Technicolor
Um filme de Paul Newman «OS INDOMÁVEIS» com Paul Newman e Henry Fonda

S. JORGE (Tel. 54152/4)
15.15, 18.15 e 21.30
(Grupo C - 14 anos)
Uma comédia sensacional!
«O GRANDE NEGÓCIO» com Michel Serrault e Claude Brasseur
Amanhã às 11.00 «Cinema com Critério» «AMOR E MORTE» de Robert Bresson
(Grupo D - 18 anos)

ESTÚDIO 444 (Tel. 779095)
15.30, 18.30 e 21 45
(Grupo D - 18 anos) 3.ª semana. Um filme realista «VERÃO 42» com Jennifer O'Neill e Gary Grimes Technicolor
às 0.30 H
O mesmo filme das Sessões da tarde «VERÃO 42»

VOX (Tel. 720808)
15 15, 18.30 e 21.45
(Grupo D - 18 anos)
3.ª semana
«ENCONTRO COM UMA MULHER SÓ». com Candice Bergen e James Caan Desejo de calor humano Technicolor
Hoje às 00.15 - Meia Noite Fantastica
(Grupo D - 18 anos)
«VOLUPIA DO CRIME» com Joan Crawford
Amanhã às 11.00 - Manhã infantil «O URSINHO BRINCALHÃO» de William Hanns
(Grupo A - 6 anos)

POLITEAMA (Tel 326305)
15 15, 18.15 e 21.45
(Grupo D - 18 anos)
2.ª semana
O AMANTE DA URSA MAIOR» com Giugliano Gemma e Senta Berger. Ciclo de terror da meia noite.
(Grupo D - 18 anos)
«QUARTO PRIVADO»

LYS (Tel. 48560)
14.45 - 21.15
(Grupo D - 18 anos)
«O Baile dos Bombeiros» e «O Comissário Pepe»
CMetropolitano: Intendente)

LONDRES (Tel. 731313)
14.15, 16.30, 18.45 e 21.45
Grupo B (10 anos)
Panavision Metrocolor
Um fenómeno chamado Twiggi no jobulogo, music Hall de 1972 «BOY FRIEND» com Twiggi e Christopher Gable.
Hoje às 00.15 «O ACOSSADO» de Jean Luc Godard com J. Paul Belmondo e Jean Seberg
(Grupo D - 18 anos)

BERNA (Tel. 731313)
15.15, 18.30 e 21.45
(grupo D - 18 anos) 2.ª semana. O melhor tempo para se crescer é quando se é jovem.
«DESPERTAR PARA A VIDA» COM Richard Grenna e Claire Bloom Technicolor
Amanhã 11.00 - Manhã infantil (Grupo A - 6 anos)
«APURADOS PARA O SERVIÇO» com Bucha e Estica

outros espectáculos

LISBOA Teatros

COLISEU
21.30 (6 anos)
Grande Companhia Internacional de Circo

VILLARET
20 45 - 23.00 (18 anos)
«Sua Excelência, o Pendura»

VASCO SANTANA
21.45 (18 anos)
«Testemunho inadmissível»

MONUMENTAL
20.45 e 23.00 (18 anos)
«Cá vamos pagando e rindo»

VARIEDADES
20.45 - 23.00 (18 anos)
«A cama dos comuns»

MARIA VITÓRIA
20.45 e 23.00
«Cá vamos pagando e rindo»

LISBOA/Cinemas

PARIS
21.00 (18 anos)
«Leito conjugal»

CINEARTE
21.00 (10 anos)
«Desordem na terra dos gringos»

OLIMPIA
22.00 (10 anos)
«Zorro na corte de Inglaterra»

JARDIM CINEMA
21.00 (10 anos)
«O Bom Pastor»

MOSCAVIDE
21.00 (10 anos)
«O Facho e a Flecha»

MAYER
21.00 (10 anos)
«O grande amor da minha vida»

ARCO ÍRIS
21.00 (10 anos)
«O assalto ao carro blindado»

PROMOTORA
21.00 (18 anos)
«Vejo tudo nu»

LINHA DE CASCAIS

ALGÉS
Stadium
21.30 (6 anos)
«Os Aristogatos»

PAREDE
Royal-Cine
21.15 (14 anos)
«O Preço do amor»

ESTORIL
Casino
18.30- 21.30 (18 anos)
«Vidas inquietas»

CASCAIS
S. José
21.30 (14 anos)
«Mortadela»

LINHA DE SINTRA

DAMAIA
D. João V
21 30 (18 anos)
«Este difícil amor»

VENDA NOVA
Cine Portugal
21.16 (18 anos)
«Que belo patife» e «O espião do chapéu verde».

AMADORA
Recreios Desportivos
21.15 (10 anos)
«O Preço da fome»

QUELUZ
Queluz Cinema
21.15 (18 anos)
«O grito do Alcatraz, à noite sobre os juncos» - «Os caminhos da Violência»

MEM MARTINS
Cine Chaby
21.30 (18 anos)
«Golpe de Mestre».

SINTRA
Carlos Manuel
21.30 (18 anos)
«A solteira e o atrevido»

OUTRA BANDA

BARREIRO
Cine-Barreirense
21.00 (14 anos)
«Vingança de Django»

ALMADA
Incrível
21.15 (18 anos)
«Salário do sangue»

LARANJEIRO
Instrução e Recreio
21.30 (10 anos)
«A Rainha Negra»

PORTO/Teatros

SA DA BANDEIRA
20.45 - 23.00 (18 anos)
«Empresta-me o teu apartamento»

PORTO Cinemas

TRINDADE
21.30 (18 anos)
«A mulher mais bela»

VALE FORMOSO
21 30 (18 anos)
«Isto é espectáculo»

S. João
21 30 (18 anos)
«Curvas na zona»

JULIO DINIZ
21.30 (10 anos)
«A rapariga das violetas»

CARLOS ALBERTO
21.30 (18 anos)
«Um belíssimo Novembro» e «Sal e pimenta»

ÁGUIA DE OURO
21.30 (10 anos)
«Trinitá, cow-boy insolente»

RIVOLI
21.30 (18 anos)
«Crime de amor»

OLYMPIA
21.30 (14 anos)
«Direito por linhas tortas»

NUNO ALVARES
21.45 (18 anos)
«As viúvas»

COLISEU
21.30 (10 anos)
«A grande evasão»

BATALHA
21.30 (18 anos)
«O Mensageiro»

ESTÚDIO
21.30 (14 anos)
«O Recado»

ODEON
21.30 (10 anos)
«Não sou digno de ti»

AVENIDA
21 30 (10 anos)
«O Muro do Atlântico»

PASSOS MANUEL
21.30 (18 anos)
«As mil e uma noites»

COIMBRA

TIVOLI
21.30 (18 anos)
«Curvas na zona»

AVENIDA
21.30 (18 anos)
«Taking Off»

GIL VICENTE
21.30 (18 anos)
«O baile dos bombeiros»

SOUSA BASTOS
21.30 (10 anos)
«Trinitá - Cow-boy insolente»

BARS BOITES restaurantes típicos DANCINGS

PRINCIPE NEGRO — Dancing com variedades **Calçada da Glória, 2 Telef. 368987**

EL CID — Dancing com o conjunto «X 4» **Rua Bernardo Lima, 18-A** (Ao Conde Redondo). **Tel. 560538**

FANTASMA — Dancing-Caveau com variedades — Ballet Leny Dancer's Show todas as noites uma atracção surpresa. **Rua Gomes Freire, 145-B.** Aberto todos os dias até às 05.00 h.

TOSCO — Dancing com Variedades. **Rua do Conde Redondo 53-A Tel. 531562).**

TAMILA — Marão e s/conjunto «Matinées» todos os dias. Encerra aos domingos. **Avenida Duque de Loulé, 69. Telef. 534117.**

D. QUIXOTE — Com Carlos Villaret, Virgílio Neves. Aberto até às 5 h. da madrugada. **Rua da Trindade, 9 Telef. 327109.** Encerra aos domingos.

HIPOPÓTAMO — Com Helder Reis. Encerra aos domingos. **Av. António Augusto de Aguiar, 5-A. Telef. 48384.**

TERRAÇO DAS ESTRELAS (HOTEL EMBAIXADOR) — ConjuntoOliver) **Av. Duque de Loulé, 73. Telef. 530171.**

ADEGA MACHADO — Cantam Ivete Pessoa. Esmeralda Amoedo. Tina Ferreira. Fernando Maurício Fados de Coimbra por Loubet Bravo Armando Hilário. Tocam Liberto Conde. Rafael Marques e José Vitela Fandangos pelo Grupo Típico de Vila Franca de Xira.

LUSO — Grande elenco de folclore, fado de Lisboa por Augusta Ermínda e José Luís Tomar; **fado de Coimbra por Américo Silva. Os ARAUTOS em canções portuguesas e internacionais. Travessa da Queimada, 10 Tel. 362889.** Aberto todos os dias.

CASEBRE — Cantam Carlos Barra, Deolinda Rodrigues, Nazaré Maria e Susana. Tocam Carvalhinho e Júlio Gomes. Os Arautos. Folclore pelos Cinco. Típicos de Vila Franca de Xira. **Encerra às 2.ªa feiras. Rua da Barroca, 133 Tel. 369760**

FRAGATA REAL — Elenco: Beatriz da Conceição e Maria Jô, Joaquim Campos em fado Lisboa, João Queirós em Fado Coimbra, o acompanhamento de António Parreira e Francisco Gonçalves. Folclore os 5 de Vila Franca. Artistas convidados Ana Rosmaninho e Natália dos Anjos. **Travessa de S. Miguel, 22, — Alfama, Tel. 868552.**

CACO — Dancing c/música ambiente com singular quarteto. **Rua Camilo Castelo Branco, 23-A.**

VIELA — **Rua das Taipas, 14 Tel. 327256** O Restaurante realmente típico onde Sérgio apresenta todas as noites o seu elenco privativo Encerrado ao domingo.

FORCADO — Elenco: Mariana Silva, Isabel de Oliveira Francisco Martinho, Maria de Portugal, João Alberto, Manuel Martins Folclore pelos 5 Típicos de Vila Franca de Xira. **Ar condicionado. Rua da Rosa, 221-Telefone 368579.**

SANZALA — Dancing. C/M Tho Bandeira. Jantares e ceias até às 5 da mánhã Av. Marechal Carmona, 2 (C. Grande) Telef. 790177.

NINA — Dancing com atracções **Rua Paiva de Andrade, 7-13 Tel. 34859/368197**

BICO DOURADO — Boite de nuit, atracções internacionais, das 01 H. e 30 às 03 H. e 30, **R. da Misericórdia, 12 Tel. 368649.**

SOLAR DA HERMÍNIA — Herminia Silva, hoje e sempre **Largo Trindade Coelho n.º 10 e 11** Encerra aos domingos **Tel. 320164**

CASINO ESTORIL — Jogo autorizado Variedades internacionais **Telefones 26451, 264526, 264596, 264621 e 264946.**

CLUB 107 (Boite) — Rua da Madalena 107, Lisboa-Tel. 860078.

DL
RENASCENÇA GRAFICA S A R L
PROPRIETARIA DO
DIARIO DE LISBOA
ADMINISTRAÇÃO GERAL
REDACÇÃO E PUBLICIDADE
RUA CASTILHO, 185-1.º,2.º E 4.º
TELEF 654531/2-3-4
SERVIÇOS TECNICOS
RUA LUZ SORIANO 44
RUA DA ROSA, 57
END TEL DIBOA TELEX 1363
LISBOA PORTUGAL

COLISEU
HOJE às 21.30
(Grupo A 6 anos)
Um êxito sensacional
GRANDE COMPANHIA INTERNACIONAL DE CIRCO
As maiores atracções
AMANHÃ
À tarde, às 16 horas, entrada gratuita às crianças dos 6 aos 10 anos.
À NOITE, às 21.30
(Grupo B - 10 anos)

VIAGENS EXCURSÕES CRUZEIROS
paneuropa
Braamcamp, 11/Telef. 563401/Lisboa
MODA/73
IMODA-ZURIQUE
PRET-A-PORTER-PARIS
Avião-Hotel-Visitas
21 a 27 de Outubro
ESC.: 5.930$00
Inscrições imediatas nos nossos escritórios ou pelos telefones 563401

EXPLICAÇÕES
cepelt
EXTERNATO
R. D. ESTEFANIA, 48
Telf. 42959

NOVO CASINO ESTORIL
AMANHÃ
«MATINÉE»
ÀS 17 HORAS
CHAS McDEVITT & SHIRLEY DOUGLAS
● FREDIANI BROTHERS
● MARIA DO ESPÍRITO SANTO
● BENTYBER DANCERS
Música para dançar
«Os Mozambeats»
Jirina's Combo
Ferrer Trindade e sua orquestra
Maiores de 14 anos
PREÇOS
Chá completo 40$00
(taxas e impostos não incluídos)
Ambiente climatizado

FILMITALUS
APRESENTA

LICEU 72/73
CRISFAL
EXTERNATOS
Av. da República, 83 e 52
Telfs. 779047/769620

INSCRIÇÕES
cial
CENTRO DE LÍNGUAS
LISBOA T. 533733
COIMBRA T. 20569

ABRIRAM AS ESCOLAS PRIMÁRIAS

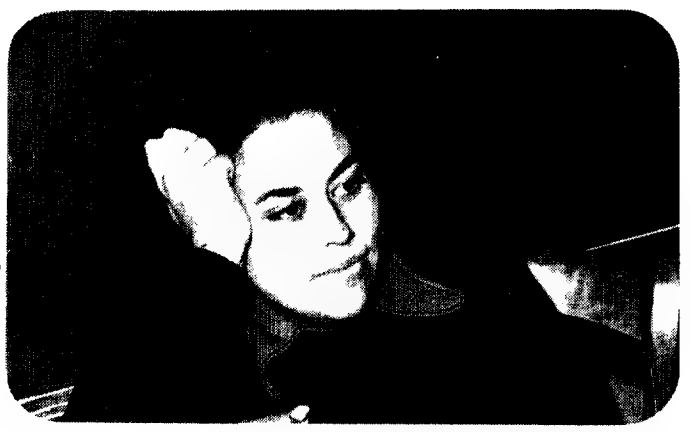
Os factos atestam sobejamente que o ano lectivo que agora se inicia merece as esperanças do reformismo que tem orientado a modernização do ensino. A demonstrá-lo estão uma enorme série de alterações que abarcam todos os graus de aprendizagem; são reformas de faculdades, são cursos de reciclagem ou especialização, é a criação de cursos nocturnos no ensino liceal, é a criação de novas escolas primárias, é a possibilidade de acesso à universidade para maiores de 25 anos, sem o 7.º ano, ou ainda a promessa de aprovação de um projecto-lei, já aprovado pela Câmara Corporativa, que institua a coeducação no ensino primário. Tudo isto, e muito mais, faz do ano de 1972/73, um balão de ensaio da metodologia (e da sua eficácia - até ideológica) que tem presidido aos sectores responsáveis por ela.

Assim, no campo da educação primária, cujas actividades escolares começam hoje, é maior a afluência do que a registada em anos anteriores. Apelando para os números, poder-se-á fazer uma ideia do que irá movimentar o novo ano lectivo neste sector: no ano de 1971/72 as matrículas nas 1.ª, 2.ª, 3.ª e 4.ª classes eram de 930.825 e as matrículas nas 5.ª e 6.ª classes eram de 56.802. Destes totais, encontravam-se matriculados no ensino oficial 879.106 alunos.

No ano lectivo de 1969/70, existiam no continente e ilhas 17.190 escolas às quais correspondia um número de 22.961 professores, acrescido de 2.581 regentes escolares. A situação muda-se, de certo modo, pois que este ano foram criadas 783 escolas e 461 postos escolares. Por outro lado irão ser preenchidas por regentes 350 vagas das Escolas do Magistério Primário, numa tentativa de promoção dos mesmos. A cada um deles será entregue o subsídio de 1.000$00 mensais durante os meses de frequência do curso, cuja duração ainda espera definição por despacho ministerial.

A verba destinada a material didáctico para o ano de 1972 é de 17.500 contos e o Instituto de Assistência Social Escolar irá dispender neste ano lectivo um subsídio de 5.000 contos para o mesmo fim.

A preocupação de renovar os conhecimentos dos quadros, preocupação cada vez mais conhecida em todos os sectores da produção, está também patente nos cursos que precederam a reabertura das aulas do ensino básico. Só no mês passado, a Direcção Geral do Ensino Básico levou a cabo um curso de especialização de professores encarregados de bibliotecas escolares, um curso de monitores do Ensino Primário, realizado em Lisboa, Porto e Coimbra, com professores de todos os concelhos e um curso de adjuntos de director escolar. Além destes, outro se irá iniciar, ainda este mês, para inspectores do Ensino Primário, com uma duração de seis meses.



Prof.ª Maria Rosalina: «O professor primário carece de promoção profissional»

OS PROFESSORES PRIMÁRIOS

Os professores primários que são os pilares do ensino expõem os problemas, as carências e o abandono a que estão votados. Escolhem uma profissão, umas vezes por vocação, e outras pela força das circunstâncias e não se vêem recompensados num trabalho que, em muitos casos, chega a atingir os limites do apostolado.

Ouvimos três mulheres, professores primárias, já que a percentagem do sexo feminino é muito mais elevado em relação ao masculino.

Maria Margarida Leal Nunes exerce a profissão há 14 anos. E sempre numa velha escola do Bairro. Entrou para o Magistério Primário depois da desistência, por motivos de doença, do curso de engenharia química.

«Como não queria ficar em casa, a cozer meias, resolvi optar pelo Magistério. Aliás a maior parte dos membros da minha família são professores primários.»

Como encara a sua profissão?

«Cheia de espinhos; se o menino passa é muito inteligente... se reprova é a professora que não presta para nada...»

A professora da escola da Rua da Rosa em pleno coração do Bairro Alto, analisa as condições das crianças que habitam aquele meio. **«Aparecem muitos filhos de pais incógnitos. Desde que cá estou já consegui que cinco miúdos fossem perfilhados. Este ambiente é terrível: tabernas, casas de jogo, prostituição. Às três horas da tarde a rua está repleta de mulheres de má nota. Por tudo isto as crianças vêem para a escola já, demasiado vividas e com defeitos de educação.»**

Em seguida D. Margarida Leal Nunes aborda as carências da escola no respeitante a instalações, material didáctico, cantinas, sanitários...

«Nas cantinas dão uma sopa sem calorias e um bocado de pão. Mesmo assim ainda há crianças que como vêem, em jejum, para a escola comem três ou quatro pratos de sopa. Por outro lado os edifícios são velhos. Este quase que nos cai em cima. Os professores pedem à Câmara para fazer obras mas raramente são atendidos. Quando o sr. ministro vai visitar alguma escola é sempre a do Bairro de S. Miguel que é uma escola-modelo.»

O professor primário precisa de promoção não só no aspecto económico como intelectual e profissional.

«Fiz há pouco um curso de actualização que mesmo sendo dado à pressão foi de certo modo interessante. Conclusões positivas verdadeiramente não as pudemos tirar porque o período de tempo era muito limitado. Disseram-me que receberíamos instruções dentro destes dias mais próximos. Começaram as aulas e essas instruções ainda não chegaram.»

O ORDENADO NÃO CHEGA

Maria Rosalina Fortunato de Carvalho quando entrou no Magistério Primário, aos 16 anos, não sabia bem o que predendia ser. Como os pais gostavam que fosse professora fez-lhes a vontade. Hoje, com nova anos de serviço, no ensino, está a acabar, ao mesmo tempo, o curso de Finanças.

«No primeiro e no segundo ano de exercício de profissão ainda me senti realizada mas depois vi que não estava, pois não tinha estímulos de qualquer ordem. Tenho-me mantido sempre como agregada porque isso me dá maiores possibilidades de estudar».

Maria Rosalinda ganha 2900$00 iliquidos. Paga 800$00 de quarto e come na cantina universitária. Mesmo assim a família tem de lhe mandar, de vez em quando, algum dinheiro porque o ordenado como se vê é escasso.

«Fiz um curso de aperfeiçoamento, de cinco dias, num Bairro de S. Miguel e nunca vi resultado nenhum. O ano passado mandaram-me para uma escola de Rua das Pretas onde dei aulas de educação física e depois não me disseram mais nada».

Ainda falando da impossibilidade de promoção profissional dos professores primários Maria Rosalina acrescenta:

«Não há verbas para adquirir material didáctico. Por vezes temos conhecimento de novos métodos nas sem dinheiro não podemos fazer nada. Por outro lado os livros, no nosso País, são caros. Com a reforma do ensino esperava-se que o ensino primário também fosse abrangido mas nada disso aconteceu. À medida que a sociedade evolui exige-se cada vez mais dos professores primários».

Este é o panorama de uma profissão que devia ser dignificada tal como merece. Existem para cima de 25000 primários que se queixam da não resolução dos seus problemas.

INSTITUTO DE NOVAS PROFISSÕES
MEMBRO DA ASSOCIAÇÃO MUNDIAL DE FORMAÇÃO PROFISSIONAL TURISTICA
Curso de
Turismo com Guias Interpretes (oficialmente aprovado pelo Centro Nacional de Formaçao Turistica e Hoteleira) Aulas diurnas e nocturnas Dezenas de guias-interpretes e numerosos técnicos de Turismo habilitados com este curso têm visto solicitada a sua colaboração por grande numero de entidades publicas e privadas ligadas ao Turismo
Outros cursos
Secretariado aulas diurnas e nocturnas • **Cinema e Televisão** • **Superior de Relações Públicas e de Publicidade**
Superior de Organização e Gestão de Empresas
Informaçoes
INSTITUTO DE NOVAS PROFISSÕES
AV. DUQUE DE LOULÉ, 47 1.º TEL 555319 556011 LISBOA 1
TIMBRE

NELLA MAISSA INTERPRETA FERNANDO LOPES GRAÇA

Crítica de MÁRIO VIEIRA DE CARVALHO
Na Pág. dois

SHOW

BUÑUEL na pág. três

AMÉLIA REY-COLAÇO em Tempo de Ibsen

EM FOCO
NAS PÁGINAS INTERIORES

MARIA DEL MAR BONET E MARCOS RESENDE

Maria del Mar Bonet, uma menorquina que canta e pensa em catalão, um nome dos mais importantes da nova música espanhola. Ela chegou a Barcelona há cinco anos. Vinha de Menorca e trazia na bagagem o desejo enorme de aprender a trabalhar em cerâmica e uma meia dúzia de canções da sua terra. Cinco anos depois, a cerâmica ficou para trás e a música ao de cima. Maria del Mar compõe as suas próprias canções e segue inexoràvelmente os princípios que a si própria se impôs: «Temos que ser, acima de tudo, honestos connosco», afirma. E compre. O sucesso, se atendermos ao facto de se tratar de uma autora-intérprete não comercial, está bem traduzido nos oito discos que gravou em cinco anos e nos mais de trezentos recitais efectuados em toda a Espanha. Cantando, apenas, em catalão, o que é sintomático. Nuno Gomes dos Santos fala-nos de Maria del Mar na página oito.

Marcos Resende, o excelente pianista brasileiro que há anos está radicado no nosso país, fez sensacionais declarações a José Jorge Letria. Uma análise sobre o «showbusiness» em Portugal e sobre o grupo no qual está integrado o «Status»: dois pontos quentes da entrevista da página doze.

DISCOTECA

● Texto de
MÁRIO VIEIRA DE CARVALHO

Fernando Lopes-Graça, «Nove danças breves», «Sonata n.º 2». Intérprete: Nella Maissa (piano). Columbia, Stereo, 8E 054 40183. Preço: 188$50.

MÚSICA DE PIANO DE LOPES GRAÇA

INTERPRETADA POR NELLA MAISSA

Lopes Graça

Basola Maissa

Lançado há dias no circuito comercial, este disco contém duas obras de Lopes-Graça produzidas ao longo da década de 1938-48. As **Nove danças breves** foram escritas **durante** esse lapso de tempo (começadas em 1938, terminadas em 1948) e a **Sonata n.º 2** data de 1939. Percorrendo a tábua cronologica das obras musicais do compositor (1), observamos o seguinte: a) é em 1938 que Lopes-Graça empreende a harmonização de canções populares portuguesas, o que de certo modo marca uma viragem no seu estilo e nas preocupações de músico-criador; b) essa viragem é concretamente assinalada, nos dez anos seguintes, por três colectâneas de vinte e quatro canções populares (versões para canto e piano) e uma de nove (versões para voz e orquestra) e pela orquestração de **Três danças portuguesas;** c) do mesmo período são os dois concertos para piano e orquestra, a Sinfonia, as **Estelas funerárias** (também para orquestra), o intermédio coreográfico **Promessa** e a primeira versão da **História Trágico-Marítima** (ambas para voz e orquestra); d) há ainda dezenas de canções **de intervenção** «próprias para grupos vocais ou instrumentais populares» di versas obras para canto e piano sobre textos poéticos portugueses **(Três Sonetos de Camões, Três Sonetilhos** de José Gomes Ferreira, **Cantares** de Carlos de Oliveira, **Trovas**, etc.) ou estrangeiros **(Chanson du sixième hiver** de Louis Aragon, **Six old english songs,** etc), além de algumas obras corais; e) na música instrumental de câmara é de assinalar o facto de só existir mais uma obra para piano solo **(Sete Bagatelas)**, além das contidas neste disco, embora o piano intervenha nas restantes obras instrumentais de câmara (um **Quarteto** e um **duo**). Na década assim delimitada pelas **Nove danças breves** e pela **Sonata n.º 2** só havia até agora gravações comerciais do segundo concerto para piano, das **Estelas funerárias** e das **Três danças portuguesas**. Não deixa de ser interessante verificar, portanto, que o **lied** deste período da produção de Lopes-Graça, apesar do seu esmagador predomínio, não beneficiou ainda do conjunto de circunstâncias mais ou menos fortuitas que entre nós determinam a edição de um disco (2).

Mas o que mais importa agora é situar as **Nove danças breves** e a **Sonata n.º 2**, tentar determinar em que medida e de que maneira é que elas reflectem a tal viragem de 1938, que lugar ocupam na obra puramente pianistica do seu autor, enfim, que haverá nelas de constante e de episódico dum compositor em evolução.

PIANO: O INSTRUMENTO MAIS UTILIZADO POR LOPES-GRAÇA

O piano é, de longe, o instrumento mais utilizado por Lopes-Graça, quer a **solo**, quer como suporte da música vocal, quer integrado em agrupamentos de câmara. As **Variações sobre um tema popular português**, que marcam o início da sua actividade criadora (1927), foram escritas para piano, e o piano está presente em muitas das obras-primas geralmente consideradas como pontos culminantes da sua obra (no **Canto de Amor e de Morte,** por exemplo, tanto na versão original de câmara como na versão orquestral). Isso deve-se desde logo ao facto de Lpoes-Graça se ter preparado a fundo como pianista durante a sua passagem pelo Conservatório e, nomeadamente, de ter frequentado, logo após a conclusão do Curso Superior de Piano, a Aula de Virtuosidade de Mestre Viana da Mota, obtendo o primeiro lugar quando, mais tarde, prestou provas de concurso para a vaga de professor daquela disciplina (não chegaria a acupá-la por motivos extra pianísticos). Como pianista tem mantido desde sempre uma certa actividade pública, embora mais intensa na fase inicial, e nos anos dos concertos da «Sonata», o que de resto ficou assinalado por alguns acontecimantos marcantes: foi ele quem introduziu em Portugal a música de piano de Hindemith e Schoenberg (em 1934-35). Embora não se decidisse pela carreira de concercista, o pleno domínio da técnica de execução há-de ter influenciado, como aliás seria de esperar, a sua prática de compositor. Era a este ponto que queríamos chegar, não apenas para dar uma razão plausível do enorme peso relativo que o piano ocupa na sua obra, mas ainda para dar como adquirido o conhecimento duma constante dessa obra, no sector puramente pianístico: a de que qualquer das páginas destinadas por Lopes-Graça ao piano **solo** é sempre, de toda a evidência, escrita por quem sabe explorar até ao limite as potencialidades técnicas, expressivas, e de linguagem **específicas** do instrumento. A **Sonata n.º 2** e as **Nove danças breves** exemplificam-no soberbamente.

A **Sonata n.º 2** coroa talvez, o processo de amadurecimento do compositor, de auto-revelação da sua própria personalidade, procurada nos dez anos precedentes, os primeiros da sua actividade criadora. É certo que as **Variações** de 1927, ouvidas hoje, já prenunciam muito do que Lopes-Graça viria a ser depois, até mesmo a conexão com o **popular**, e que a **Sonata n.º 1**, também para piano, de 1934, é já uma obra definitiva, admirável mesmo, relevando duma grande frescura e beleza de ideias e dum perfeito equilíbrio formal. É certo também que **O menino de sua mãe**, obra-prima do **lied** e um dos pontos culminantes da sua música, data de 1936. Mas a **Sonata n.º 2** é porventura a primeira obra, pelo menos no domínio da música de piano, em que Lopes-Graça se retrata de corpo inteiro. Só não o afirmamos peremptóriamente por desconhecermos ainda grande parte da sua produção dos anos trinta.

Se, em certo sentido, a Sonata n.º 2 representa a síntese final dum primeiro estádio evolutivo e por isso está ligada a uma linha que vem de trás, as **Danças breves** situam-se já dentro duma segunda fase, são já o fruto da exploração dum novo filão que então começa a merecer a atenção sistemática do compositor: o recurso às fontes genuínamente populares. Para quem ainda suponha que a música de Lopes-Graça se caracteriza pela ligação estrita e directa a essas fontes, dizer o que dissemos da **Sonata n.º 2** e ao mesmo tempo negar que nela existe essa ligação poderá parecer contraditório. Mas se pensarmos nos caminhos que o compositor desbravou prevalentemente a partir de 1961, o nosso ponto de vista sai reforçado. Entretanto, a respeito de toda esta questão das relações entre criação musical e documentos etnomusicológicos e do papel que assumem na obra de Lopes-Graça, convém precisar alguns conceitos (a benefício da boa compreensão do que aproxima e distingue uma da outra as obras contidas no disco a que nos estamos referindo).

DO POPULAR AO ERUDITO

A propósito das suas versões de concerto para canto e piano de canções populares, escreveu Lopes-Graça que esse trabalho implica **«um tratamento em extensão e profundidade de todas as sugestões que a canção portuguesa pode oferecer sob o ponto de vista da expressão, do ritmo, da harmonia, e mais características psicológicas e morfológicas, e que se traduzem principalmente na parte instrumental, visto que conservei sempre à melodia toda a pureza e identidade originárias»** (3). Portanto, nas versões para canto e piano, e bem assim nas harmonizações para coro ou nas orquestrações de material popular, o compositor trabalha directamente sobre um documento folclórico autêntico, e em função dele, procurando tirar todo o partido possível das potencialidades estéticas que ele contém, embora, na medida em que o recria e o traz para outro plano, não deixe de lhe imprimir o seu cunho pessoal.

Pode acontecer, porém, que o compositor se sinta atraído pelo material popular segundo uma perspectiva diferente aproveitando-o apenas como motivo de **inspiração**, digamos assim, tomando a canção popular, ou apenas um fragmento dela, como ponto de partida mais ou menos remoto da sua própria imaginação. Exemplo desta atitude na obra de Lopes-Graça sugestivo, até pelo título são as **Onze glosas** para piano (1950). E também a **Passacaglia** da Sinfonia (1944) em que o tema variado é popular (como nas **Variações** de 1927).

Familiarizado e identificado com o carácter musical dum povo, pode ainda o artista integrar os dados essenciais da música popular na sua própria linguagem e criar ritmos e melodias que, sendo da sua exclusiva invenção, mais parecem folclore autêntico. **Folclorismo imaginário** se chamou a este fenómeno que surge frequentemente nas obras de Lopes-Graça (**Divertimento**, de 1957, **Concertino para piano, cordas, metais e percussão**, de 1954, etc.).

Finalmente — quarta hipótese — o cunho marcadamente português pode diluir-se na textura da obra a ponto de já não ser reconhecível algo directamente aparentado com a música popular: o que nela então se respira é a própria individualidade musical dum povo, duma civilização, duma cultura. Digamos que é este o caso da **Sonata n.º 2** e que as **Nove danças breves** oscilam entre uma atmosfera deste tipo e o **folclorismo imaginário** (mais sobressaliente talvez na 1.ª, na /:ª na 5.ª e na 7.ª danças).

MÚSICA DE EXPRESSÃO IBÉRICA

Falámos em «cunho marcadamente português» e, no entanto, seria mais justo falar, a respeito duma parte muito considerável da obra de Lopes-Graça, em «cunho marcadamente **ibérico**». Com isto estamos e referir-nos não tanto ao **espanholismo** deliberado de música como a das **Quatro Canciones de Federico Garcia Lorca** (1954), mas à tonalidade ibérica que Lopes-Graça empresta à sua maneira de se afirmar músico português, à forma como sempre sublinha na sua linguagem o que, na música portuguesa, é denominador **comum à música espanhola**, ou melhor, às músicas ibéricas. Trata-se duma constante da sua obra que tem persistido ao longo de mais de quatro décadas de criação musical contìnuamente renovada. E o curioso é que neste aspecto também as **Variações sobre um tema popular português** têm um valor singularmente profético: o iberismo surge logo nos primeiros compassos, durante a exposição do tema. Depois poderíamos citar, entre muitas outras peças, o andamento central da **Sinfonia**, a **barcarola** do concertino de piano, e precisamente a **Sonata n.º 2** e as **Nove danças breves**. Aliás, afigura-se-nos que, duma maneira geral, esse iberismo se afirma tanto mais quanto mais o compositor se afasta dos dados **imediatos** do folclore nacional. Digamos mesmo: na **Sonata n.º 2** e nas **Nove danças breves** afasta-se o suficiente desses dados imediatos para nelas perpassar o iberismo (particularmente evidente nos andamentos extremos da Sonata e na 3.ª e 9.ª danças).

Mas para além de tudo o que pudéssemos ainda dizer a respeito destas obras, da impressão subjectiva que delas recebemos, do «sentido dramático» e da «carga poética» que delas se desprende, cremos que de certo modo se lhes aplicam as seguintes palavras de Jorge Peixinho, referindo-se a outra obra do mesmo Lopes-Graça: «testemunham a beleza de uma profunda emoção corporizada através de um grande rigor construtivo» (4).

A INTERPRETAÇÃO DE NELLA MAISSA

Pianista portuguesa de origem italiana, Nella Maissa, há muito fixada entre nós, tem assumido uma posição cultural importante no panorama musical do nosso país. Antes de mais, porque é realmente uma artista de grandes recursos, e depois porque se tem dedicado sèriamente ao repertório contemporâneo, inclinação rara entre os nossos pianistas de primeiro plano, tanto mais rara quanto é certo que Nella Maissa mantém um repertório actualizado de música de autoria portuguesa.

Este disco, que supomos ser o primeiro ogravado por Nella Maissa, é produto da profundidade com que tem estudado a um tempo a música contemporânea e a música portuguesa.

Caracterizam a sua interpretação a clareza, a plasticidade das linhas e dos volumes sonoros, a valorização do elemento percutivo, a exploração de todos os recursos tímbricos do piano em função das intenções expressas ou implícitas nas harmonias ou nos registos lançados ao papel pelo autor. Seria interessante comparar esta interpretação das suas obras com a de Maria da Graça Amado da Cunha, fixada em fita magnética não comercializada há talvez cerca de vinte anos. Mas as más condições técnicas dessa antiga gravação — ou, pelo menos da cópia que temos em nosso poder — por contraste com a qualidade estereofónica deste disco, e as modificações supervenientes, introduzidas nas próprias obras pelo autor, que tornam impossível determinar onde acaba a indicação textual e onde começa a comcepção pessoal de cada uma dos intérpretes, impede-nos de estabelecer o confronto.

Resta indicar que a capa é da autoria de Henrique Ruivo e que a contracapa contém uma análise das obras, da autoria de Francice Benoit.

(1) Publicação da Associação Académica da Faculdade de Direito de Lisboa, 1966

(2) Salvo se o disco da H M V muito antigo, com canções populares interpretadas por Arminda Correia (canto) e o autor (piano) contiver canções deste periodo

(3) — F. Lopes Graça, «A Musica Portuguesa e os seus problemas», Porto, 1944, p. 175

(4) — Publicação da A.A. da Faculdade de Direito, acima referida, p. 6

LUIS BUÑUEL

A FORÇA DOS SÍMBOLOS

Um quarto. Para lá da janela, o cemitério de Montparnasse, as árvores. Luis Bunuel habita num hotel tranquilo do bairro que sempre escolhe quando vem rodar um filme em Paris e que foi outrora o seu quando vivia num apartamento da rua Pascal, na época surrealista. Um quarto de hotel simples, dois maples, uma mesa, uma cadeira. Bunuel aí recebe os seus amigos e fala hoje do seu filme «O Discreto Encanto da Burguesia».

«Este filme pertence ao campo do «Anjo Exterminador», diz. «Tenho três campos. O campo surrealista, que é o do «Anjo Extreminador», o campo realista, que é o de «Tristana», e o campo teológico, o da «Via Lactea». Não me interessa nada a teologia, mas com a «Via Lactea» quis exprimir o conflito do pensamento humano e esse fenómeno de heresia que existe tanto na arte como em política.»

OS SEUS FILMES NASCEM DE UMA IMAGEM:::

— De uma imagem ou de uma pequena ideia. Este nasceu desta imagem: umas pessoas, uns burgueses, reunem-se para um jantar que não poderá ter lugar. Foi o mesmo com o «Anjo Exterminador»: algumas pessoas reunem-se numa sala e não conseguem de lá sair. Por que razão se torna impossível o jantar? Porque não é possível atravessar o limiar de uma porta? estas perguntas fi-las eu **depois**. E pesquisei, imaginei. «O Discreto encanto da Burguesia» é um filme de achados, de aparições, um filme de inspiração irracional — e não baseado num pensamento dirigido — um filme livre, sincero e que saíu assim.

Uma imagem impressiona-me, e eu guardo-a, não a analiso, não me interrogo sobre o modo como se me impôs, se nasceu de uma associação de ideias, se de uma emoção, se de um sonho, se de uma lembrança. Nós, os surrealistas, deixamo-nos invadir assim pela imagem. E o «Un Chien Andalou» era já uma série de imagens.

— **A estrada por onde caminham os burgueses do filme não será precisamente uma dessas imagens?**

— É. De repente pensei numa estrada — que aliás aparece no filme como um **leit-motiv**. E pensei que podíamos apresentar esses burgueses, uma primeira vez, normais, uma segunda vez, maçados, uma terceira vez, fatigados, feridos. Depois senti que era preciso conservar a imagem tal e qual, na sua «inocência», para não suscitar uma interpretação simbólica, para que não se dissesse: é o fim da burguesia, é a sociedade que não sabe para onde vai. Mas hão-de encontrar com certeza símbolos, neste filme, como sempre se encontram. Nunca empreguei símbolos expressamente. Aqui não é o bem nem o mal, simplesmente pessoas que caminham por uma estrada.

—**Já tinha o filme pronto há muito tempo?**

— Trabalhei nele dois anos e meio. Não foi tudo a seguir, é claro, mas o bastante para ter feito quatro versões antes desta que é a definitiva. Escrevi o guião sem receber um tostao (I) para não me sentir obrigado. Procedera assim com a «Via Lactea», e foi Serge Silberman, o produtor deste filme que insistiu para que eu rodasse «O Discreto Encanto da Burguesia». Queria absolutamente que eu fizesse o filme, e eu recusava-me obstinadamente a fazê-lo. Receava não poder resistir à tensão nervosa das filmagens. Mas Silberman insistiu tanto — veio ter comigo cinco vezes ao México, e duas vezes a Madrid — que acabei por ceder.

Hoje estou contente porque foi uma espécie de vitória física sobre mim mesmo. E agradeço a Silberman. Mas também estaria contente se não tivesse rodado o filme. Sou um pouco niilista, não ligo muito ao que faço.

— **Em 1965 e em 1967 disse não querer continuar a fazer cinema.**

— Sim, nessa altura tinha um desejo íntimo de paz, tinha vontade de viver tranquilamente o resto dos meus dias. Depois duvidei da minha decisão, enfraqueci, e reencontrei aquele amor do ofício que julgara perdido. E continuei, e continuo. Agora já não torno a dizer nada, não quero que me julgem caprichoso.

«Para este filme tive muitas facilidades. Através de uma pequena televisão ligada às máquinas de filmar podia controlar no ecran tudo o que se passava, e ser ao mesmo tempo realizador e encenador. A princípio sentia-me sobretudo **camaraman**, e interessava-me mais na composição do que na acção. Depois «rectifiquei», e tornei as duas acções compatíveis. Gostaria de filmar nas mesmas condições, se vier a fazer outro filme.

— **Evoca outra vez a burguesia...**

— A burguesia está no meu campo, muito mais do que o proletariado. Já estava no «Anjo Exterminador», e sinto uma atracção pelas suas contradições. Mas sou muito pouco intelectual, ajo por intuição mais do que por reflexão. Depois vem a crítica. Quando pensei nessas pessoas que se reunem para jantar, «vi» logo que se trataria de burgueses. Daí o título do filme. A burguesia tem um certo **charme** mas o adjectivo «discreto» dá-lhe logo um sentido irónico.

Os títulos, é um pouco como as imagens, e o filme poderia ter-se chamado «A mesa manca». Não estou a brincar. Para os surrealistas o título era uma criação, essencial, e completava a obra. No Anjo exterminador não havia exterminação mas há, creio, uma relação oculta entre o título e o filme. Talvez se dê o mesmo com este.

Quero tornar a dizer que nenhum dos meus filmes se baseia numa reflexão **a priori**. As minhas fontes são o lado «negativo», o grotesco, o humor negro, mas sem o premeditar. De cada vez se depara com as minhas tendências, as minhas obsessões, as minhas manias. Todos os meus filmes têm um parentesco entre si.

— **A morte, neste, está muitas vezes presente.**

— Ainda o instinto. Tenho um movimento de atracção-repulsa pela morte e ela é-me sempre presente. A ideia de morte vem-me com muita frequência. Mas neste filme, é verdade, há muitas mortes. Ao narrar a história a um amigo meu, contámos dezassete. Com os espectros.

— **E Deus?**

— A religião tocou-me muito, na infância, mas aos quinze anos perdi a fé. Se evoco a religião, é porque ela tem uma importância muito grande no mundo. E se falo de catolicismo, é porque o conheço melhor do que o **zen**. Mas não me sinto obsecado pelo problema de Deus. Resolvi-o há muito tempo.

—**Porquê neste filme, um bispo8 E um bispo-jardineiro?**

— Para mostrar a burguesia, precisava de um representante da Igreja. Era pois fácil tirar partido de um bispo, e o facto de ele ser jardineiro fá-lo circular de maneira mais cómica.

Cenas do filme «Tristana» de Buñuel

DOS SONHOS E DOS CAPRICHOS

— **Que pensou do seu filme, ao vê-lo, no outro dia?**

— Era a primeira vez que o via, e a última. Só gosto de ver uma vez os meus filmes, ao lado de meia dúzia de amigos. Para com este senti na sala um magnetismo especial que me agradou. Sim, tenho o horror de rever os meus filmes. Em Nova Yorque entrei com o meu filho num cinema que apresentava «Tristana», mas vim-me embora ao cabo de duas bobines.

Chega o momento em que nos sentimos tão saturados do nosso trabalho que já não podemos vê-lo. Depois de montar este filme, não me senti doido de alegria, mas naquela noite, depois de o ver, achei-o melhor. Com certeza porque estava com os meus amigos.

Por exemplo,

gosto do sonho do sargento, com a rua, os fantasmas. É um sonho que eu próprio tive e preocurava a minha mãe por entre as sombras. Os outros sonhos são diferentes, num tom brincado. São como caprichos, podia tirá-los a todos e o filme seria a mesma coisa. Menos divertido, talvez. Sabe, eu não gosto muito de falar dos meus filmes, gosto mais de os deixar falar.

— **Regressa todas as noites a este hotel de Montparnasse e deita-se cedo...**

— Sim, preparo a minha refeição e deito-me às oito e meia. Tenho necessidade de fugir ao ruido actual e de encontrar um momento para repousar interiormente. Em seis meses só saí quatro vezes à noite. Levo uma vida de monge.

SÓ TEJADILHOS DE AUTOMÓVEIS

— **«O monge», não era, exactamente, o título de um filme que ia fazer?**

— Era, mas as coisas não se arranjaram nesse sentido. É Ado Kyrou que está a fazê-lo. Se não começo logo a filmar um filme que concebi, deixa de me interessar. Realizá-lo mais tarde seria para mim como se o «repetisse». Não, nessas condições o filme torna-se um cadáver e não tenho que o ressuscitar. De resto, para mim as filmagens são uma espécie de acidente, porque os meus filmes existem na minha cabeça, já montados.

— **Como se sente na nossa época?**

— Sinto-me muito pouco violento, actualmente. Violento sou-o, sim imaginativamente. É claro que me mantenho fiel às revoltas do meu passado mas hoje, na confusão ideológica, as minhas ilusões estão quase perdidas e não posso, por experiência própria, ter confiança nos novos regimes políticos. Para mim, agora, a explosão demográfica está na base de todas as catástrofes modernas. Tenho um sentimento de ternura pela natureza e é por isso que me apaixono pela ecologia. Para onde vai o mundo? Ignoro-o. Muito poucas pessoas, julgo eu, se sentem felizes com a nossa época, que é interessante mas angustiante.

Uma das minhas obsessões é o automóvel. Paris desaparece, só se vêm tejadilhos de automóveis e as vezes tenho vontade de fugir, de me retirar para cima da coluna de Simeão Estilita. Vou sempre a restaurantes vazios, mesmo que sejam maus prefiro-os àqueles restaurantes á cunha, onde quarenta pessoas sorridentes e plácidas, esperam. Creio na multidão ideológicamente organizada, mas fujo da multidão desorganizada.

Embora pessimista quanto ao futuro da humanidade, não sou um homem triste, nem um homem amargo, pelo contrário. Vivo misturado com os outros habitantes do mundo. Vive, logo estou contente.

Mas isolo-me do que me oferece a sociedade. Do que eu gosto é de beber um copo com os amigos, falar com eles, e divertirmo-nos juntos.

Parece-me que a juventude sente uma angústia semelhante à que eu posso sentir com a minha cidade. Em Maio de 1968 essa mocidade saía para a rua com todos aqueles slogans muito surrealistas. Não sabia para onde ia e o seu grande impulso exprimia a angustia do nosso tempo.

Em Maio de 1968 filmava eu a «Via Lactea». De manhã, dirigia-me à Sorbonne e também passeava na rua defronte. Espiritualmente tinha necessidade de ver aqueles jovens, de saber o que faziam, o que pensavam. Eu não fazia nada, era um observador, mas tinha por eles uma simpatia romântica.

— **Costuma ler?**

— Leio com prazer, isto é, com dor, livros sobre a sobrepopulação, o consumo, a destruição, a poluição, a ecologia — como este, com um título maravilhoso: «Primavera silenciosa» — livros que exprimem a tristeza e a ferocidade da nossa sociedade. Os fenómenos actuais, os problemas «activos» actuais, do nosso mundo, eis o que mais me preocupa

Mas basta, tenho de parar, não quereria fazer uma conferência excathedra nem pôr-me a filosofar.

— **Mas sobre esses problemas, gostaria de fazer um filme?**

— Quereria, sim, quereria filmar esses problemas e tratá-los romanescamente para que atingissem o público. Normalmente seria um filme muito caro mas eu penso que como sempre, poderia trabalhar com pequenos meios e num ambiente pouco dispendioso. Não sou um científico, e o meu filme poderia muito bem começar pela imagem de um cego que passeia por uma avenida, o resto sairia pouco a pouco.

Palavras recolhidas por Yvonne Baby

(I) Na realidade, o escritor do filme é o meu colaborador Jean-Claude Carrière. Eu dou-lhe as ideias mas não escrevo uma linha, nem sequer uma proposição.

BREVE NOTA SOBRE "WHAT'S UP DOC"?

● Texto de **JOSÉ JORGE LETRIA**

Barbara e Ryan: uma dupla de sucesso

Não há muitas semanas ainda, uma página deste suplemento foi dedicada ao último filme de Peter Bogdanovitch, intitulado «What' s Up Doc?» e protagonizado pela conhecida cantora Barbra Streisand e por Ryan O' Neill, um actor de razoáveis recursos, revelado no popularíssimo «Love Story». Da leitura das notas contidas no texto de promoção, divulgado pela casa distribuidora, e da recolha de algumas opiniões ficou-nos, antecipadamente, uma certa má vontade contra «What' s Up Doc», que, cerca de um mês mais tarde, em Londres, tivemos oportunidade de rectificar, após uma leitura, tanto quanto possível cuidadosa, do filme.

De Bogdanovitch, um realizador muito interessante (deixemos os restantes adjectivos para crítica especializada) conhecíamos já «The Last Picture Show», filme revelador de uma técnica apreciável, e de uma visão «sui generis» da América. Com efeito, neste filme, Bogdanovitch retratava com fidelidade e, até, com alguma amargura, grande parte da sua geração que, em plenos anos cinquenta, queimou os últimos cartuchos deleitando-se em salas opacas de fumo, com os grandes clássicos do «western». O realizador revelava, também, com uma certa nostalgia o clima das primeiras experiências vitais que nessa altura se começavam a assumir tìmidamente.

Filme, a um tempo autobiografico e politico, na medida em que funcionava como o relatório amargo do «tempo perdido» «Last Picture Show», servido por uma apreciável maturidade técnica e por uma invulgar linearidade narrativa, aguçou-nos, como se calcula, a curiosidade para trabalhos seguintes de Bogdanovitch que, apenas com trinta e poucos anos ocupava já um lugar destacado na galeria dos grandes realizadores americanos.

Assim, depois de, em «The Last Picture Show», ter lançado um adeus amargo à geração de cinéfilos que se perdeu na contemplação passiva de «clássicos», em salas obscuras, Peter Bognadovitch, bem apoiado financeiramente, lançou mão de uma história cheia de frivolidade e de situações carregadas de humor e dirigiu «What' s Up Doc?» que numa primeira leitura representa, em termos de seriedade, um grave retrocesso no tocante ao filme anterior. No entanto, olha-se bem para o filme e descobre-se, a pouco e pouco, o seu fascínio, o seu grande poder evocativo, a sua capacidade de fazer de cada imagem um prodígio de agilidade e bom gosto. Claro que «What' s Up Doc?» está povoado de situações sem qualquer margem de leitura. O próprio argumento, embora superdivertido, nada acrescenta às intenções louváveis que se manifestavam em «The Last Picture Show». Bem preparados tècnicamente os actores limitam-se a sustentar a comicidade dos «gags», sem grandes rasgos nem excessivo rigor. Trata-se, em suma, dum filme feito para divertir, não havendo ao longo das suas imagens senão a preocupação de construir uma espécie de antologia dos clássicos do humor e da comédia no cinema. Assim, durante a exibição de «What's Up Doc?», depois de ultrapassada a má-vontade inicial, breves «flashes» levam-nos a pensar nos grandes filmes de Capra, de Hawks, e de Cukor, cujos momentos de génio nos surgem aqui evocados pela câmara de Bogdanovitch.

Deste modo e de forma um tanto surpreendente, a nossa opinião sobre o realizador sofreu em pouco tempo várias alterações: começámos por sublinhar a qualidade de «Last Picture Show», para logo a seguir duvidarmos de «What' s Up Doc» que, por último acabou por convencer-nos, não obstante a fragilidade do seu argumento. Enquanto o filme não chega a Portugal aqui deixamos esta nota, espécie de homenagem antecipada, a um nome que, segundo cremos, dará ainda muito que falar.

EM TEMPO DE IBSEN

D. AMÉLIA REY COLAÇO:

A ARTE NÃO TEM POLÍTICA

● Reportagem de
ROGÉRIO VIDIGAL
Fotos de:
JOSÉ TAVARES

Do elenco fazem parte, ainda, Varela Silva, Paulo Renato e Curado Ribeiro

Prepara-se no teatro da Trindade, o início da temporada da Companhia Rey Colaço-Robles Monteiro. Quando a noite desce, cresce a azáfama dos ensaios. Para começo prepara-se «Heda Gabler», de Henrique Ibsen, em tradução de Correia Alves e encenação de Amélia Rey Colaço, «muito assistida por Pedro Lemos», no dizer da directora da Companhia.

Elenco: Paulo Renato, Varela Silva, Curado Ribeiro, Mariana Rey Monteiro, Josefina Alves, Elisa Lisboa, Maria Bénard. Portante sete actores para construirem Ibsen em palco português.

IBSEN E OS SUBSÍDIOS

Falamos com Amélia Rey Colaço num dos camarins do Trindade. A senhora, de 74 anos, dedicados ao seu teatro, mostra-se particularmente afável e disposta a falar, apesar da falta de tempo. No palco tudo se apresta, ara que os ensaios recomecem. Falamos de Ibsen: um autor do século passado. O porquê, qual a oportunidade, qual o interesse, hoje, no nosso País.

A razão é que Ibsen foi um dos maiores autores do século XIX e, para além disso, um dos precursores do teatro de vanguarda, que hoje está a ser, novamente, descoberto e representado no mundo inteiro. Uma companhia com as responsabilidades do Nacional tem obrigação de dar a conhecer as obras fortes do teatro universal.

Eduíno de Jesus disse, em pequena biografia de Amélia Rey Colaço: «actriz versátil, inteligente, culta, e empresária que tem procurado, com elevação e dignidade, manter a linha conservadora do teatro em Portugal».

A companhia recebe um subsídio anual do Governo. Até que ponto esse subsídio condicionará a escolha das peças de um ponto de vista ideológico?

Temos um subsídio do Ministério da Educação Nacional o que dá à companhia muita força e apoio. Dentro dos limites que nos são possíveis procuramos ultrapassar tudo isso. Esse subsídio constitui um limite às nossas responsabilidades.

Mas até que ponto uma verba fixa, por parte do Governo, vos obriga?

— A arte não tem política. A arte, como o artista, pertence ao público, pertence a todos, a todas as ideias, a todas as correntes. E tem sido essa a nossa felicidade, na medida em que a companhia do Nacional que deu a conhecer os maiores autores de teatro ao público português: desde Pinter a Duerrenmatt a Max Frisch. São estes os nomes mais representativos dos modernos autores de teatro.

D. Amélia era solicitada do palco.

O CONVITE

Paulo Renato trabalhou durante muito tempo ao lado de Laura Alves, na Companhia de Vasco Morgado. Pela primeira vez ele trabalha no Nacional.

— Pois, a minha estadia aqui deve-se a um convite e mais nada. Nada de especial. A D. Amélia necessitava de mais um actor, suponho eu, porque nunca lho perguntei. Sai da companhia do Vasco porque preferi o convite da D. Amélia.

Com Renato desceram ao camarim, para uma pequena conversa, Varela Silva e Curado Ribeiro. Todos eles dispostos a falar de alguns problemas. Como, agora do ponto de vista do actor, o da oportunidade de Ibsen, aqui e agora. Todos eles compartilham, mais ou menos, do ponto de vista da sua directora:

— Pois, a oportunidade de Ibsen em Portugal é bastante de considerar na medida em que o nosso teatro vive uma adolescência e, portanto, tem o que poderíamos chamar a sua fase secundária. Tal como os dramaturgos da sua época, que são os precursores do teatro moderno, são essenciais, em Portugal, para o desenvolvimento do nosso meio teatral, diz Paulo Renato.

Amélia Rey Colaço num ensaio de leitura

A peça vai sendo apurada

Por seu turno Varela Silva refere a importância passada e prsesente do autor em questão. E continua:

— A oportunidade deste autor acontece sempre que se quer fazer teatro. Em todos os países do mundo, incluindo a Inglaterra de tantas tradições neste campo, dedicam-se neste momento a Ibsen. A mim, como actor, interessa-me, tal como me interessa Strindberg ou Tchekov.

Fala, depois, da peça naquele país, onde ele esteve há pouco. Para Varela Silva, Osborne não mexeu naquilo que o autor escreveu, não modificou nenhuma situação, apenas traduziu e adaptou, «o que acontece sempre que se fazem traduções».

— Resumindo: se o autor norueguês tem interesse para os ingleses que têm um teatro a sério, é natural que o tenha para nós.

Curado Ribeiro:

Creio que os factores mais importantes já foram referidos pelos meus colegas. O movimento que se gera à volta deste escritor de teatro não deve ser desprovido de razão. Ele tem pontos essenciais para a evolução. Marca um escalão que podera servir para abrir horizontes e fomentar um Teatro moderno.

A CRÍTICA (OS CRÍTICOS)

A Paulo Renato, que abandona uma empresa de carácter particular, para ingressar numa Companhia dirigida por um delegado governamental e subsidiada, como já dissemos, pusemos a questão da ideologia dos espectáculos e respectivos compromisso. No entanto, foi Varela Silva quem primeiro falou dizendo que se trata de um problema que diz respeito à empresa, o da escolha das peças. Curado Ribeiro também se pronuncia:

A sua pergunta é curiosa. Normalmente, a crítica culpa os intervenientes num espectáculo, achando que a partir do momento em que eles desempanham um papel, estão a dar a sua adesão, achando que eles são os responsaveis. Mas, a verdade é que o actor nunca escolhe a peça que representa, tal como o jornalista não escolhe o jornal em que escreve. O actor e, grandemente, matéria plástica, barro moldável e não um ser pensante.

Neste momento, intervém Paulo Renato. Que não está de acordo, porque o actor é um ser pensante. Que o actor tem a sua ideologia.

— O actor não tem que a exibir enquanto na sua condição de actor. Parece-me que os ingleses não pensariam em mandar ao tribunal de Nuremberga o Alec Guiness por ele fazer o papel de Hitler. Nós temos que fazer textos já escritos. Repare que não tenho nada contra a crítica.

— Mas eu estou contra a crítica assinala Curado Ribeiro. *Estou contra a crítica como ela se faz em Portugal. Estou a dizer isto com os pés no chão.*

Paulo Renato:

— Não estou contra a crítica se tiver coragem de dizer mal de mim. Quando dizem mal dos papéis que eu desempenho é que eu não concordo. Se disserem mal da forma como eu desempenho um determinado papel, está bem.

— É preciso ver que a maioria dos críticos faz crítica do texto que leram e não da peça que foram ver, representada. Ora isso é crítica literária não é crítica de teatro. Por outro lado, quando fala de nós, ele fala de uma coisa que não conhece. Nós temos que conhecer esta profissão, temos regras, temos disciplina quando se trata de fazer um espectaculo. É muito normal os criticos não conhecerem a profissão. A maioria acha sensacional que o actor meta os papéis na cabeça quando isso não é verdadeiramente importante isto, disse de seguida, Varela Silva. Ao que Curado Ribeiro acrescentou:

O actor não gosta que o ignorem. A critica refere-se «grosso modo» às pecas que são representadas e ignora o trabalho de 30 ou 40 pessoas que deram o seu esforço para fazer aquele espectáculo. Como se sentiria ele se os 300 ou 400 leitores não tivessem lido a sua crítica?

PEÇAS: QUE FARIA?

Quase todos os actores ambicionam, um dia, fazer a peça que consideram adaptada ao seu temperamento, gosto e opcões. Daí a nossa pergunta: Qual a peca que mais gostaria de fazer, neste momento?

Os actores continuaram impassíveis. Disseram:

Paulo Renato:

Não lhe posso dizer. Ha, digamos, trinta mil pecas e eu conheco meia duzia delas. E muito dificil. Tenho profissão de actor como acto de fe, porque me parece ter um pouco de expressão. A mim interessa-me representar. Não me parece pertinente ter uma peça que gostaria de representar.

Curado Ribeiro:

— Gostaria de refazer papéis antigos para os fazer melhor. Gostaria de voltar a fazer o Napoleão que fiz nesta mesma Companhia e o papel que fiz no Tartufo, na versão Marsillac.

Varela Silva:

— Gostaria de ter idade e forma física de fazer Jesus Christ Super Star que vi há pouco em Londres. Gostaria de representar Butler e de fazer as «Bruxas de Salem», do Miller.

MICHAEL RITCHIE

UM N

"CANDIDA

MICHAEL RITCHIE

Michael Ritchie um novo «candidato» aos postos cimeiros do cinema americano, esteve em Portugal. Vindo de Veneza, aqui passou alguns dias de férias. Entre o Algarve e o norte do País, Ritchie concedeu conferência de Imprensa em Lisboa. Terminada esta, Ritchie tinha connosco uma hora apalavrada. Calmamente, mas com grande entusiasmo nas palavras que escolhe, com um sorriso que ora é alegria sincera, ora um misto de cinismo carregado de segundas intenções, Ritchie vai respondendo, vai dialogando, transformando a conversa num prazer, desvendando uma inteligência aberta e uma lucidez invulgar no cinema americano. Nasceu em Waukesha, Wisconsin, EUA, há trinta e três anos. O pai, professor de psicologia na Universidade de Berkley, para aí o levou. Mais tarde, estudou História e Literatura, em Harvard e os seus trabalhos ressentem-se desta formação universitária. Na Faculdade descobriu também o teatro.

Aos vinte e cinco anos, era realizador de televisão. Trabalhou em inúmeras **séries**, para onde dirigiu episódios vários: **«Dr Kildare»**, **«The Big Valley»**, **«The Outsider»**, **«The Man from the U.N.C.L.E.»**, **«Run for Your Life»**... Muitos destes episódios transitaram seguramente pelo **écran** da televisão portuguesa. Robert Redford «descobriu-o» no pequeno **écran** e entregou-lhe a direcção de **Downhill Racers**, um belo filme sobre corredores de **ski**, suas ambições e limites. O filme passou por Lisboa a grande velocidade e pràticamente ninguém o viu. Chamava-se **Os Corredores da Montanha**. Para ele chamamos de novo a atenção dos **habitués** das reprises e das clássicas. No ano seguinte dirige dois filmes **«Prime Cut»** e **«The Candidate»**. O primeiro será projectado em Portugal pròximamente, com o título **«Carne de Primeira»** (no cinema Império) e o segundo aparecerá nos dias de Novembro, no **écran** do Monumental, traduzido à letra. **«O Candidato»** fala-nos da ascensão de um advogado americano que aparece lançado , pelo Partido Democrático, na corrida a um lugar de senador nos EUA. Discreto, sóbrio, inteligente e desenvolto, **«The Candidate»** é retrato de uma realidade escaldante, dado em tom de quotidiano. Ritchie aprecia bastante esse seu filme. Não o disse, mas depreende-se da conversa. Gosta bastante menos de «Prime Cut», filme estropiado pelos produtores.

E a conversa principia...

__ **Como apareceu no cinema?**

__ Principiei pela televisão, onde dirigi diversos episódios das séries **Dr. Kildare** e **The Man from the U.N.C.L.E.** (Mr. Solo). Durante quatro anos realizei filmes para a televisão. Alguns devem ter sido vistos aqui em Portugal...

__ **... quase todos os das séries do Dr. Kildare e de Mr Solo...**

__ Na América, a televisão é quase uma escola. Muitos realizadores de cinema americano principiaram por trabalhar para a televisão. John Frankenheimer, Sidney Lumet, Franklin Schaffner, por exemplo... Quase todos os novos cineastas americanos se estrearam na televisão. Em 1969, Robert Redford procurava um realizador para um filme que iria interpretar __ **Downhill Racers (Os Corredores da Montanha**, na sua tradução portuguesa) __ sobre **ski** e procurou-me para saber se estaria interessado...

__ **... «Os Corredores da Montanha» foi estreado, no ano passado, em Portugal, para nós constituiu uma verdadeira revelação, mas foi desastroso num plano comercial...**

__ ... Não teve sucesso nenhum em nenhuma parte da Europa, pois foi muito mal distribuido pela **Paramount**. A produtora desinteressou-se completamente. Por exemplo, eu nem sequer fui convidado a vir à Europa ajudar a lançar o filme e quase não se fez nenhuma publicidade à volta dele!

__ **Falando de «Os Corredores da Montanha». Que pretendeu com a obra? Por exemplo: para nós foi extremamente interessante descobrir um tipo de narrativa que congregava um lado documental muito acentuado e uma ficção de grande sobriedade, onde se procurava analisar um certo tipo de alienação que o desporto e as competições desportivas provocam...**

__ ... Já viu **The Candidate?...**

__ **Já. Os processos mantêm-se e até ao nível da ficção existe um grande paralelismo entre os dois filmes...**

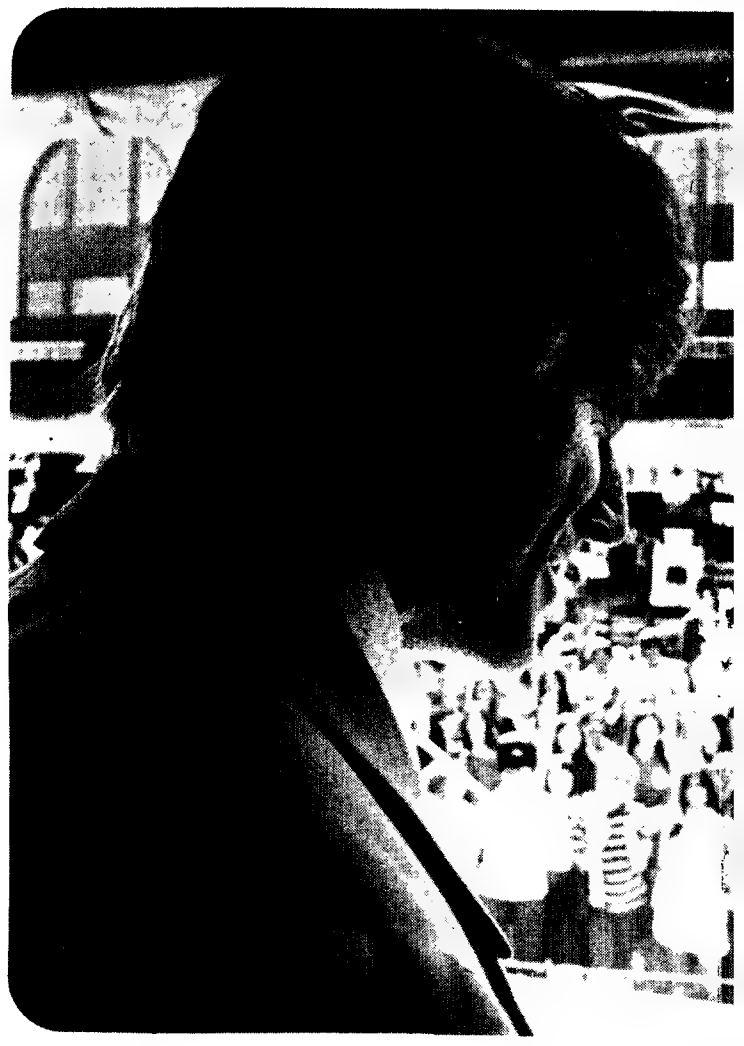
__ ... Realmente os dois filmes são muito similares. Num plano de processos, as técnicas são muito semelhantes, mas não só nesse plano. Ambos os filmes falam de vencedores e do preço da vitória. No fim do **The Candidate**, Bill McKay (Robert Redford) chega à conclusão de que triunfou, mas pergunta-se o que é que isso significa. Pergunta: **«O que é que eu vou fazer agora?»** O que é que aconteceu? Comecei por fazer isto e acabei por fazer isto... (Michael Ritchie balanceia as mãos, descobrindo os pólos de uma alternativa)... O que é que vou fazer agora. O protagonista de **«Os Corredores da Montanha»**, se fosse tão falador como Bill McKay, diria certamente a mesma coisa. O melhor exemplo que lhe posso dar foi-me oferecido por uma mulher que viu o filme muito cedo, ainda quando o exibiamos para testes de público. Perguntámos-lhe: «O que é que aconteceu ao candidato no fim do filme» e ela respondeu que era como uma mulher que tinha tido o seu primeiro filho. Sabia que a sua vida tinha mudado completamente, mas não sabia como ou porquê. É isto que acontece no fim dos dois filmes... **«Os Corredores da Montanha»** trata de homens como... Mark Spitz, se quiser, o americano que ganhou cinco medalhas de ouro nas Olimpíadas. Pergunto eu: O que é que lhe aconteceu **agora**? Ele é o número **um**, o **melhor**. E, no entanto, o que é que isso quer dizer, ser o melhor nadador do mundo, o mais rápido?... Foi convidado para Hollywood para interpretar filmes de Tarzan. Será isso o que quer o homem que nada mais depressa do que qualquer outro?

Tanto em «Os Corredores da Montanha», como em «The Candidate» existe uma influência evidente do cinema directo, das técnicas de televisão...

__ Absolutamente. Trabalhei durante algum tempo com homens como Leacock ou os irmãos Mason, que são muito famosos na América, num estilo muito próximo do cinema-verdade. Esta minha influência do cinema directo exprime-se, sempre que pode. Alguns filmes permitem desenvolver essa raiz documental. Outros não. É o caso de **"Prime Cut,"** que não é um filme documentário.

__ **Esses dois filmes de raiz documental, como é que os concebeu? Principiaram por pretender ser documentários sobre uma realidade determinada, onde se introduzia uma pequena ficção, ou pelo contrário, tudo começou como um argumento de ficção onde o lado documental ganhou um papel decisivo?...**

__ Em ambos os filmes tinhamos em mente um documentário e criámos uma história que funcionasse para o que pretendíamos mostrar. E tinhamos que ser muito cuidadosos com essa história para que esta não ultrapassasse a realidade. Por exemplo: em



Eis o «Candidato»

Claire (Hackman) com Chapellet (Robert Redford), em «Os Corredores da Montanha»

NOVO ATO"

quase todos os filmes acerca de política há uma tendência para a construção de argumentos muito melodramáticos, com grandes situações de tensão...

__ **Um dos aspectos de «The Candidate» que nos interessa particularmente é precisamente essa construção discreta, sem grandes momentos dramáticos...**

__ Pretendeu-se isso mesmo, porque equivale à realidade. O filme é muito verdadeiro. Por exemplo, em muitos filmes sobre corridas que Hollywood produziu antigamente, no final da história, o vencedor beijava a rapariga e oferecia o dinheiro ganho a um velho paralítico para se tratar, tudo isto porque os filmes desse tempo tratavam de exaltar a figura do vencedor e tudo se reduzia a isso, com um belo cozinhado... Em «Os Corredores da Montanha», nada disso acontece.

__ **Viu um filme chamado «O Candidato» (The Best Man), primeira obra de Franklin Schafner?**

__ Antes de começar o nosso filme, vimos e discutimos todos os outros filmes políticos feitos nos EUA. Acabámos por chegar à conclusão de que os filmes políticos americanos nunca tinham sido honestos. **The Best Man** foi um filme de estreia, pretendia-se um documento sobre Kennedy e Nixon e Harry Truman mas, de facto, não era nada verdadeiro.

__ **Em «The Candidate» haverá algumas sugestões sobre MacCarthy? Ou sobre MacGovern?**

__ Quando fizemos o filme tinhamos MacCarthy como referência. Porque MacCarthy era um homem muito bom. Não pensámos em MacGovern, porque ninguém pensava ainda em MacGovern. Em Novembro de 1971, quando começámos o filme, ninguém julgava possível MacGovern como candidato. Ninguém lhe dava ainda muita atenção...

__ **... Precisamente. Tal como Bill MacKay, de «The Candidate», MacGovern aparece de súbito, lançado no caminho político...**

__ ... Isso foi o que veio depois a acontecer. Sabe? Fizemos um filme seis meses antes da campanha presidencial e, quando o apresentámos em Julho de 1972, toda a gente disse: «Mas, á MacGovern!» E nós dissemos: «Não, não é bem assim! Não é nada MacGovern». A verdade é que a realidade acabou por nos copiar o filme. Foi impressionante. Vemos MacGovern discursando na televisão, dizendo coisas muito semelhantes às que aparecem no filme. Os filmes publicitários da sua campanha são parecidíssimos com os que surgem em **The Candidate**. Foi impressionante, mas apaixonante, porque nos permitiu ver quanta verdade, quanta realidade captámos no nosso filme. É bom sabermos que fomos honestos.

__ **Qual a sua posição frente a MacGovern?**

__ Trabalhei para MacGovern nas primárias da Califórnia. Agora só vou regressar à América em fins de Outubro, um mês antes das eleições. Tenho pena de não ter podido ajudar mais, mas depois de ter feito dois filmes, merecia inteiramente umas férias. Quem dera, porém, que eu pudesse ter sido mais activo durante a campanha...

__ **Você realizou já três filmes. Ainda quase não falámos de «The Prime Cut»** (em português: **«Carne de primeira»...**

Entrevista conduzida por LAURO ANTÓNIO

__ Trata-se de um filme muito diferente de **"The Candidate."** Mais difícil de falar. É um filme muito estranho... (Apontando para um cartaz de **Prime Cut** que se encontrava numa das paredes da sala onde decorria a conferência de Imprensa). Olhe para este cartaz: vemos Lee Marvin com uma metralhadora, Gene Hackman com uma faca de carniceíro, uma rapariga despida, com um carimbo no ombro (**Prime Cut**), uma vaca, flores... É um retrato muito honesto, porque tudo isto aparece no filme.

__ **Gene Hackman, para além da faca de carniceiro, tem uma bandeira americana servindo de alfinete de gravata...**

__ É exactamente o fato de Lindsay Johnson, quando dá festas no Texas. O filme começa num matadouro. Nós vemos, ou não vemos, um homem transformado em salsichas e as salsichas são enviadas pelo correio para Lee Marvin, em Chicago, com uma nota, que diz: «Este é o último enviado da Mafia que tenta cobrar o que quer que seja de mim. Por favor, não me mandem mais nenhum». O homem que envia as salsichas é Gene Hackman. Este é o início do filme (gargalhada de Michael Ritchie). Mas, em vez de ser um filme grotesco, **"Prime Cut"** poderia ter sido musicado por Francis Lai e fotografado por Claude Lelouch. Tudo muito romântico. O público vê o filme e pergunta: «Mas o que é isto?» Na América tem sido muito controverso. É um filme sobre a violência, sobre a tolerância da violência, mas não é como outros filmes violentos. Não é, por exemplo, como **The Godfather**, mas muito mais como **O Feiticeiro de Oz**, lembra-se?, com a Judy Garland. A minha filha de cinco anos viu o filme e achou-o muito engraçado. Mas muita gente viu o filme na América e diz que é horroroso, violento e desagradável. Tanto em França, como em Inglaterra, a película também teve uma recepção muito controversa...

__ **Você e Robert Redford aparecem associados nos seus dois filmes mais importantes. Que tipo de relações mantêm ao longo das filmagens? Haverá influência recíproca?**

__ Isso é relativamente complicado. Em **"The Candidate,"** tanto Redford como eu aparecemos associados ao filme desde início. Todo ele foi construído a partir de conversas havidas entre mim e Redford baseando-nos na análise de uma ideia base já existente. Não é muito vulgar este trabalho em comum entre o realizador e o actor (**a star**), mas o caso de Redford é diferente da grande maioria. Ele é muito inteligente e temos ideias muito semelhantes sobre uma série de coisas...

__ **Como é que se deu dirigindo Lee Marvin e Gene Hackman, dois homens violentos, e Robert Redford, um não violento?...**

__ Bem, o caso de Gene Hackman é especial. Só é um homem violento a partir de **"The French Connection."** Na realidade é um homem muito sensível é simpático. Lee Marvin é mais difícil de dirigir, é mais uma «estrela de cinema» do que um actor...

__ **De qualquer forma, parece-nos um grande actor. Ainda o recordamos em «Contrato para Matar», de Donald Seigel...**

__ ... **The Telegraph** diz que esta é a melhor interpreteção de Lee Marvin, desde **"The Killers"** (Contrato para Matar). Mas também há quem diga que não...

__ **Também gostámos muito de o ver em «À Queima-Roupa», de John Boorman...**

__ ... **«Prime Cut»** tem muitos pontos de contacto com **"Point Blanc."** Mas, enquanto este é contado a sério, **«Prime Cut»** é cómico... Julgo!

__ **Mas teve dificuldades a dirigir alguns deles?**

__ Oh, há sempre dificuldades. Por exemplo tive muitas dificuldades a dirigir Gene Hackman em **«Os Corredores da Montanha»** e quase nenhumas em **«Prime Cut»**... Tive também muitas dificuldades a dirigir Peter Boyle, o **manager** da campanha de **«The Candidate»**... Acaba por resultar muito bem no filme, mas foi muito difícil trabalhar com ele.

__ **Como foi possível um realizador tão jovem como você (33 anos) ter já no activo três filmes de fundo, qualquer deles bastente importante, quer num plano de produção, como no dos intérpretes?...**

__ Penso que tive muita sorte... Mas não nos podemos esquecer que hoje em dia na América os jovens são cada vez mais chamados para o cinema. Dão-se cada vez mais, oportunidades a jovens directores. Por exemplo, Francis Ford Coppola (**The Godfather**) é tão novo como eu, o mesmo acontecendo a William Friedkin (**The French Connection**), Peter Bogganovich (**Target** ou **The Last Picture Show**)... Há muitos e muitos novos cineastas na América...

__ **... Você o que pensa deles?**

__ Prefiro falar de filmes, do que de autores. Não acredito muito na possibilidade de se falar de «autores». Não penso que, por se ter feito um bom filme, um filme honesto, se seja já um «autor». Gosto muito de **"Point Blanc,"** mas não gosto de nenhum outro filme de Boorman. Gosto de **"The Godfather,"** mas não gosto de mais nenhum filme de Ford Coppola. Aliás, **"The Godfather"** também sofreu muito maus tratos dos produtores. Coppola tinha vinte minutos a mais que cortou, os produtores disseram que não e voltaram a pôr os vinte minutos no filme. Alteraram o fundo musical. Gosto de **"The French Connection"** mas já não gosto de **"Boys in the Band,"** do mesmo Friedkin. Há muito poucos directores na América que possam dizer: «Este filme é meu!». A forma como se fazem filmes na América não o permite. Eu tenho razões de queixa em relação a **«Prime Cut»**, Coppola em relação a **"The Godfather"** e assim por diante.

Lauro António conversando com Michael Ritchie

Um «corredor da montanha»

MARIA DEL MAR BONET

UMA MAIORQUINA QUE PENSA E CANTA EM CATALÃO

De Sevilha escreve
NUNO GOMES DOS SANTOS

Dela se diz que possui uma das melhores vozes de Espanha. Nascida na ilha de Maiorca há vinte e quatro anos, gravou oito discos até à data, todos em Barcelona, cidade onde se fixou vai para seis anos. Nome: Maria del Mar Bonet.

PROJECÇÃO

Sintomàtico: em duas crónicas escritas em Espanha, três nomes da que poderia chamar-se (à semelhança do que se passa em Portugal) «nova música espanhola» entraram, obrigatòriamente, nelas: Jorge Cafrune e Aguaviva, na primeira e, agora, Maria del Mar Bonet. Três nomes que entraram, muito naturalmente, no quotidiano dos poucos dias que passei por Espanha. Quer isto dizer que a música espanhola «virada para a frente» conquista adeptos de dia para dia, de tal modo que se vêem cartazes nas ruas falando dela (deles), se lêem artigos em jornais e revistas, se realizam espectáculos com inusitada frequência.

Foi na revista «Lectures» que topei numa tarde dedicada à leitura (a única), uma sensacional entrevista com Maria del Mar Bonet. Não resisti à tentação de passar a fronteira contrabandeando algumas das respostas da fabulosa cantora-autora.

CATALÃO

Mais de trezentos recitais em cinco anos: um número que não deixa margem para dúvidas. Maria del Mar canta em catalão.

«**Não creio que me prejudique cantar só em catalão. Fiz há pouco uma digressão pelo norte e pelo centro de Espanha e todos os teatros se encheram, todos os dias, de gente não catalã, como seria natural. Que deveria cantar em castelhano? Não estou de acordo. Perderia uma grande parte da minha responsabilidade. De resto eu aprendi a falar e a pensar em catalão. Por isso, quando quero expressar-me e o meu melhor meio de expressão é a canção** faço-o em catalão».

DINHEIRO COMÉRCIO

Jo seré nigul culque dia
i el vent em portará
a qulsevol lloc
jo será terra un dia
i de mi naixerà
el xiprer...

É por isso que Maria del Mar diz:

«**É provável que, se cantasse nos dois idiomas, ganhasse mais dinheiro. Mas o dinheiro só me interessa até certo ponto. Quero dizer com isto que se não desfruto fazendo uma coisa, prefiro não a fazer. Deixei a cerâmica, de que gostava muito, porque vi que com a música, com a canção, poderia dar mais de mim mesma. Ora se, para cantar, tiver de deixar de ser eu, já não me interessa**».

Numa altura em que se fala muito na comercialidade das canções, Maria del Mar Bonet afirma:

«**Acho graça aos que dizem que o mais importante é ser muito comercial. São maneiras de var as coisas porque, para mim, não é assim. Muitas vezes, a maioria, as coisas comerciais são coisas primárias e fáceis. Eu não me imagino a cantar letras dessas que fazem rimar a razão com coração», «cariño» com «niño», «enamorado» com entusiasmado» e coisas do estilo... Creio que me seria impossível cantar assim. Parecer-me-ia mentir cantar coisas que não sinto. Acima de tudo há que ser honrado connosco mesmos».**

TRABALHO

Quando lhe perguntaram quantas horas dedicava por dia à canção, Maria del Mar respondeu: «**todas!**». Ela «treina» a sós, de manhã, e ensaia de tarde com quatro músicos estudantes que ùltimamente a acompanham regularmente. Para ela, cantar e compor são coisas que estão extraordinàriamente ligadas: «**Eu preferia que alguém cantasse composições minhas do que ser eu a cantar coisas de outras pessoas, mas o que me dá maior prazer é ser eu a cantar as minhas próprias canções**».

POESIA

Maria del Mar chegou a Barcelona no ano de 1968. Na bagagem um objectivo: aprender a trabalhar em cerâmica. Depois, logo nos primeiros tempos da sua estadia na Catalunha, entrou para o conjunto «**Els Setze Julges**», onde permaneceu até ao fim. Meses depois gravava o seu primeiro disco a solo, com canções populares maiorquinas. O segundo, porém, era já composto por canções que ela mesmo tinha composto e escrito.

«**De ella se ha dicho que posee una de las mejores voces del pais. También que sus canciones son auténtica poesia**» (M.J.D.P.).

O «DIÁRIO DE LISBOA» VENDE-SE NO PORTO

O «Diário de Lisboa» encontra-se à venda nas tabacarias de Leça, Matosinhos, Foz, Avenida da Boavista, Carvalhosa, Rotunda da Boavista, Carvalhido, Praça Marquês de Pombal, Rua de Costa Cabral, Constituição, Praça da República, Bonfim e Antas (a partir das 19 e 30)

CARAVELLI O MAESTRO DOS DOIS MUNDOS

Caravelli: nome do maestro que é convidado de honra do Festival da Canção dos Dois Mundos que vai ter a sua segunda edição no nosso país dentro de um mês. Muito possívelmente, o nome de Caravelli dirá pouco à grande maioria das pessoas. Por isso não será em vão que aqui se apontarão alguns dados biográficos do director de orquestra e arranjador que tanta fama tem granjeado noutras paragens.

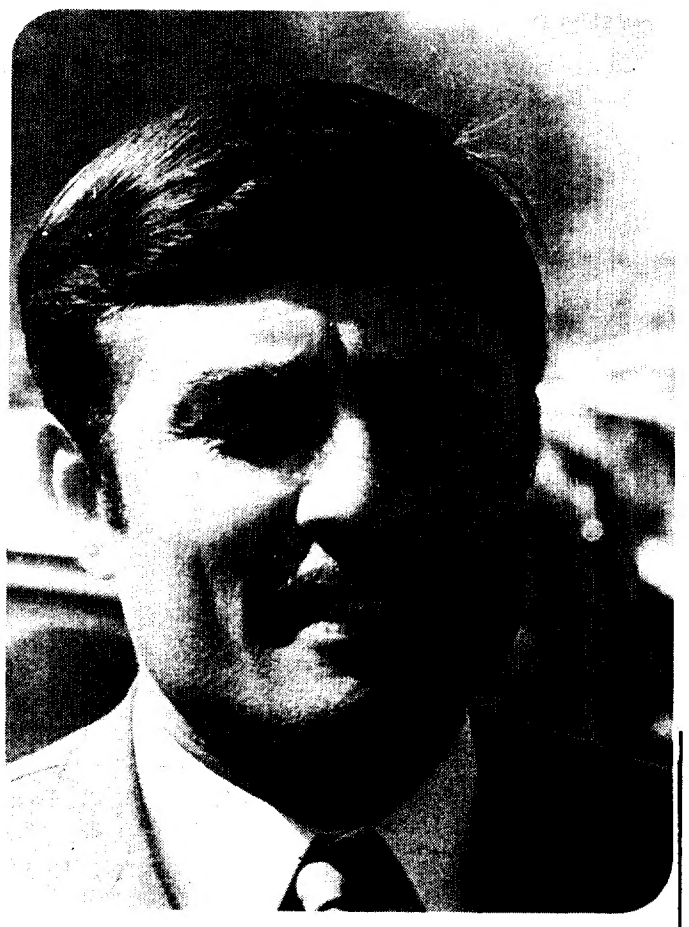
Nasceu em Veneza em 1930, de pai veneziano e mãe francesa. O seu irmão, pianista, acompanhava pelo mundo inteiro os cantores clássicos italianos.

Os estudos musicais de Caravelli seguem, portanto, os itinerários familiares.

Em 1947, toda a família Caravelli se instala em Paris. Caravelli inicia, então, a frequência definitiva do Conservatório da capital francesa. Mas a sua formação clássica não o impede de se sentir profundamente atraído pela música de Variedades e pelo Jazz.

Em 1950 vêmo-lo a acompanhar grandes vedetas internacionais. Caravelli começa, por esta altura, a sonhar com a formação de uma grande orquestra, na qual pudesse empregar a sério o seu estilo definido. É sua esta afirmação: **«Uma canção, uma melodia, é como uma mulher bonita: a beleza intrinseca está aí, mas um lindo traje embeleza-a ainda mais...»**

Em 1959, Nova York. O seu sonho vai poder, finalmente, realizar-se.



UMA ORQUESTRA, ENFIM!

Em Nova York, Caravelli é apresentado a Ray Ventura. Expõe-lhe, tímidamente, as suas ideias, mas interrompe-se bruscamente para dizer: **«Tudo isto é impossível»**. Não era.

Ray Ventura estava conquistado e Caravelli assina contrato. Nascia, deste modo, a orquestra Caravelli.

O novel director de orquestra pôde, assim, concretizar as suas ideias. Não as abandonou nunca e, enquanto outros maestros procuravam afincadamente os grandes êxitos estrangeiros para os relançar em França, orquestrados, Caravelli faz arranjos sobre êxitos franceses. E dá-se o volte-face: são os americanos que começam a procurar os discos de Caravelli e não este maestro que interpreta êxitos americanos!

Caravelli trabalha 15 horas por dis e não descura um único pormenor dos seus arranjos. Vêlo-emos em breve entre nós. Teremos, tudo o leva a crer, provas disso.

PROVA ANUAL DO DIREITO AO ABONO DE FAMÍLIA E ASSISTÊNCIA MÉDICA

Em complemento das instruções que tenham sido ou venham a ser distribuídas directamente pelas caixas de previdência, considera-se conveniente informar a todos os interessados as disposições legais em vigor com as alterações recentemente introduzidas, relativas à prova anual do direito ao abono de família e à assistência médico-social.

I — DECLARAÇÃO ANUAL DE MANUTENÇÃO DO DIREITO

Através de declarações directamente feitas pelos interessados em impresso próprio gratuitamente fornecido pelas caixas de previdência, deverá ser comprovado que se mantêm as condições de que depende a manutenção do direito ao abono de família e à assistência médico-social dos beneficiários em relação aos seus familiares.

A entrega deste documento nas Caixas de Previdência deverá ser efectuada **até 11 de Outubro de 1972.**

II — PROVA DE ESCOLARIDADE

1. Escolaridade obrigatória:

A escolaridade obrigatória observa-se até aos 14 anos de idade e só cessa com a habilitação do ciclo complementar do ensino primário (aprovação no exame da sexta classe) ou do ciclo preparatório necessário para o ingresso em qualquer ramo do ensino secundário.

Passa a ser da competência das instituições de previdência a verificação da prova do direito ao abono de família em relação aos beneficiários que estejam a receber abono por descendentes cuja idade os sujeita à escolaridade obrigatória, **pelo que os beneficiários ficam dispensados de entregar nas instituições certificados escolares de matrícula ou de habilitação.**

2. Escolaridade facultativa

Os descendentes que tiverem completado 14 anos só conferem direito ao abono de família e à assistência médico-medicamentosa até aos 18 anos 21 ou 24, se, respectivamente, estiverem matriculados em curso secundário, médio ou superior, com comprovada frequência escolar.

Os menores que sofram de incapacidade que impossibilite a matrícula em qualquer dos cursos referidos, conferirão direito àqueles benefícios até aos 16 anos desde que seja efectuada prova de frequência em escolas de reeducação para anormais.

Assim, para comprovação das correspondentes situações escolares, devem os beneficiários entregar nas respectivas caixas de previdência **até 31 de Dezembro de 1972,** consoante as situações documento passado por estabelecimento de ensino comprovando a frequência até ao final do ano lectivo de 1971/72 e a matrícula na época escolar de 1972/73.

Prova de invalidez

Não se observa qualquer limite de idade ou condição de escolaridade para os descendentes que sofram de invalidez geral.

Os beneficiários que estejam no uso de direitos por descendentes nas referidas condições, devem apresentar também **até 31 de Dezembro de 1972,** atestado passado por médico do posto clínico que os abranja, provando que se mantêm a incapacidade.

Qualquer esclarecimento referente a situações específicas ou informações mais detalhadas sobre o teor da presente informação será prestado pelos respectivos serviços das caixas de previdência.

Lisboa, Outubro de 1972

A DIRECÇÃO DA FEDERAÇÃO DAS CAIXAS DE PREVIDÊNCIA E ABONO DE FAMILIA

ENGENHEIRO AGRÓNOMO

1 — Empresa agrícola moderna e em desenvolvimento deseja para responsável de produção um técnico que preencha as condições seguintes:
— Capacidade de chefia e espírito empreendedor e inovador.
— Capacidade de trabalho, estando disposto a estudar e a exemplificar as várias tarefas, mesmo manuais e o seu encadeamento e possível mecanização.
— Capacidade de estudo e observação, a partir de uma boa preparação científica de base, e interesse pela aplicação concreta e a experimentação.
— Possibilidades de deslocação aos núcleos de produção, de cuja coordenação ficará responsável.
2 — São motivos de preferência na selecção das respostas:
— O desenvolvimento com que se situar em relação a cada um dos pontos anteriores.
— O desenvolvimento e rigor de apresentação do «Curriculum Vitae» que deve acompanhar a resposta. Mencionar expressamente a idade, a situação militar, ano da formatura.
3 — Oferecem-se:
— Enquadramento numa gestão orientada pelos mais modernos princípios de «management».
— Valorização contínua e relações internacionais.
— Vencimento inicial de Esc.: 12 000$00, se no início da carreira, mas maior se de mais idade e/ou possuidor de experiência profissional.
4 — Resposta a este jornal, ao n.º 642 no prazo de 4 dias. Guarda-se absoluto sigilo.

se o leite não lhe cai bem
DIESINE é a solução
ALIMENTO LÁCTEO

rico em proteínas, cálcio
e fósforo de que você
e seus filhos
tanto necessitam,
(sem o inconveniente da gordura
e sal que foram
eliminados)

EM TODOS OS SUPERMERCADOS E BOAS CASAS DE ALIMENTAÇÃO

hífen

MÚSICA JOVEM

10

Na tabela de vendas nacional o título «Pop Corn» ocupa ainda folgadamente o primeiro posto. Nos restantes lugares não se verificaram alterações de vulto. «Cigano do Amor» continua entretanto a vender bem e o «Tango dos Pequenos Burgueses» mantem-se na tabela.

1	«Popcorn» (-) The Popcorn Makers	6	«Melody»
2	«Cigano do Amor» (10) Francisco Petrónio	7	«Oooh-wakka-doo-wa-k-ka-day2 (-) Gilbert O'Sullivan
3	«Conquistador» (-) Procol Harum	8	«Tango dos pequenos burgueses» (-) José Jorge Letria
4	«Godfather» (-) Andy Williams	9	«Popcorn» (3) Rod Hunter
5	«Song sung blue» (-) Nail Diamond	10	«Look at yourself» (7) Uriah Heep

Consultadas as seguintes discotecas: Carmo, Sasseti, Universal e Valentim de Carvalho.

Os "mais" das etiquetas

Alvorada	GREAT HITS Simon e Garfunkel	O SEGREDO QUE EU TE DISSE Maria Valejo
Arnaldo Trindade	MORNING HAS BROKEN Cat Stevens	CANTIGAS DO MAIO José Afonso
Clave	POPCORN The Popcorn Makers	
Estúdio		PRIMEIRO AMOR Maria da Fé
Grande Feira do Disco	LET THE PEOPLE SHOUT Barbara Potts	MELODIAS DE SEMPRE
Movieplay	PIPOCAS The Popcorn Makers	À VECES LLEGAN CARTAS Paulo de Carvalho
Phonogram	RUN TO ME The Bee Gees	RECADO A LISBOA João Braga
Rapsódia	ANGIOLINA Sérgio Endrigo	Ó GALIZA MINHA TERRA Corina
RCA	WITHOUT YOU Nilsson	ORA BATE BATE Teresa Tarouca
RR	TARDE DE TOROS Banda Taurina	FADOS Jorge Quaresma
Tecla	**MEDITERRÂNEO Joan Manuel Serrat**	**BONS TEMPOS Natália dos Anjos**
Sasseti	SAGRAÇÃO DA PRIMAVERA Strawinsky	TANGO DOS PEQUENOS BURGUESES José Jorge Letria
Valentim de Carvalho	POP CORN The Popcorn Makers	CAMARÁDA José Cid
Zip	MAMINA Dalida	PEDRO SÓ Manuel Freire

NO ESTRANGEIRO

LONDRES — O pianista Rob Woodward e a sua mãe são, no momento, os dois nomes mais famosos no panorama da «Pop-music», o que para eles constitui uma grande surpresa.

Os dois formam metade do último conjunto que obteve êxito de um dia para o outro com o seu primeiro disco. E, segundo o baterista Nigel Fletcher, «Mouldy Old Dough» prepara-se para ter ainda maior sucesso. O mais engraçado de tudo foi que nunca se encarou sériamente o acetato, o mesmo acontecendo com o conjunto, o do Lieutenant Pigeon.

A senhora Hilda Woodward, a mão de Rob, foi a mais surprendida de todos ao saber que o conjunto do filho obtivera tão grande êxito. Contudo, não deixa que o sucesso lhe suba à cabeça. Não fará aparições em público, além de uma actuação recente para a televisão, e o conjunto nunca mais gravará, provàvelmente, outro disco. Rob e Nigel, juntamente com Steve Johnson, o outro elemento de Lieutenant Pigeon, fazem parte de outra orquestra, a Staveley Makepiece.

«Mouldy Old Dough» foi primeiro gravada em Fevereiro, mas não despertou qualquer interesse. Depois, passou a ocupar lugar cimeiro na tabela de classificação da Bélgica e na semana passada estava em segundo lugar na Holanda. Esta semana surgiu imediatamente em terceiro lugar nos «Dez Mais» de Londres.

Gary Glitter, que obteve êxito em todo o mundo com «Rock and Roll Parts One and Two» há algumas semanas, aparece com outro clássico de «Rock» na tabela da Grã-Bretanha. «I Didn't Know I Loved You ('Till I Saw You Rock and Roll)» ocupa o nono lugar em Londres.

Mac Davis, o homem que escreveu «In the Ghetto», o grande sucesso de Elvis Presley, surge com o seu primeiro grande êxito nos Estados Unidos esta semana com «Baby, Don't Get Hooked on me», que ocupa agora a posição cimeira.

Mac foi, também, o autor de vários outros grandes êxitos, incluindo «Something's Burning» para Kenney Rogers.

A seguir, os «Top Ten» da semana em centros mundiais escolhidos, com a classificação da semana passada entre parêntesis:

LONDRES

1 (3) «How I can be Sure»: David Cassidy
2 (1) «Children of the Revolution»: T. Rex
3 (__) «Mouldy old Dough»: Lieutenant Pigeon
4 (8) «Wig-Wam-Bam»: The Sweet
5 (7) «Too Young»: Donny Osmond
6 (2) «Mama we'are all crazee now»: Slade
7 (4) «It's four in the morning»: Faron Young
8 (__) «You're a lady»: Peter Skelern
9 (__) «I didn't know I loved You»: Gary Glitter
10 (__) «Come on over to my place»: Drifters

NOVA YORK

1 (2) «Baby don't get hooked on me»: Mac Davis
2 (1) «Black and white»: 3Dog Night
3 (4) «Everybody plays the ful»: Main Ingredient
4 (6) «Ding a ling»: Chuck Berry
5 (7) «Go all the way»: Raspberry
6 (3) Saturday in the park:» Chicago
7 (9) «Ben»: Michael Jackson
8 (__) Burning love»: Elvis Presley
9 (__) «Use me»: Bill Withers
10 (__) «Good foot-Part 1»: James Brown

BONA

1 (1) «Hello-A»: Mouth And Macneal
2 (3) «Popcorn»: Hot Butter
3 (2) «Eine Neue Liebe (A New Love)»: Juergen Marcus
4 (4) «Little Willy»: Sweet
5 (6) «Song Sung Blue»: Neil Diamond
6 (5) «Metal Guru»: T. Trx
7 (8) «Sylvia's Mother»: Dr. Hook And Medicine Show
8 (9) «Let's Dance»: Cats
9 (7) «School's Out»: Alice Cooper
10 (__) «Rock'n'Roll, Part 1»: Gary Glitter

HONG-KONG

1 (2) «Play Me»: Neil Diamond
2 (5) «Burning Love»: Elvis Presley
3 (1) «Goodbye To Love» Carpenters
4 (4) «Living In Harmony»: Cliff Richard
5 (.3) «Alone Alain (Naturally)»: Gilbert O'Sullivan
6 (6) «Saturday In The Park»: Chicago
7 (7) «Honky Cat»: Elton John
8 (.8) «Rub To Me: Bee Gees
9 (9) «Oh-Wakka-Doo-Wakka-Day»: Gilbert)'Sullivan
10 (10) «For Emilly, Whenever I May: Simon And Garfunkel

ESTOCOLMO

1) «Sister Jane»: New World
2 (2) «Popcorn»: Hot Butter
3 (3) «Sister Jane»: Peter Holm
4 (4) «I've Found My Freedom»: Mac And Katie Kissoon
5 (5) «Song Sung Blue»: Neil Diamond
6 (6) «Don't Go Down To Reno»: Tony Christie
7 (__) «Hello-A»: Mouth and McNeal
8 (8) «Sylvia's Mother»: Dr. Hook And The Medecine Show
9 (__) «Bara Dej (Only You)»: Svensson
10 (__) «White Fire»: Blades

AMESTERDÃO

1 (1) «I'll Never Drink Again»: Alexander Curly
2 (5) «México»: Les Humphries Singers
3 (6) «Sugar Me»: Lynsey De Paul
4 (2) «Mouldy Old Dough»: Lieutenant Pigeon
5 (8) «Bottom's Up»: Middle of the Road
6 (4) «Vaya Con Dios»: The a Cats
7 (9) «Wig-Wam Bam»: The Sweet
8 (__) «Mama We're All Crazee Now»: Slade
9 (3) «Popcorn»: Anarchic System
01 (__) «Stand By Me»: Golden Earring

DE TODO O MUNDO

Filme de lattuada

ROMA. A radiotelevisão italiana vai transmitir o filme de Alberto Lattuada «La Tempesta», extraído do conto com o mesmo título do escritor russo Pusckine. São principais interpretes Silvana Magnano, Van Heflin, Viveca Lindfors, Geoffrey Horne, Vittorio Gassmann, Aldo Silvani, Fulfia Franco, Cláudio Gora, Jovangec, Guido Celano, Cristina Pajani e Oscar Homolk. Esta pelicula foi rodada em 1958.

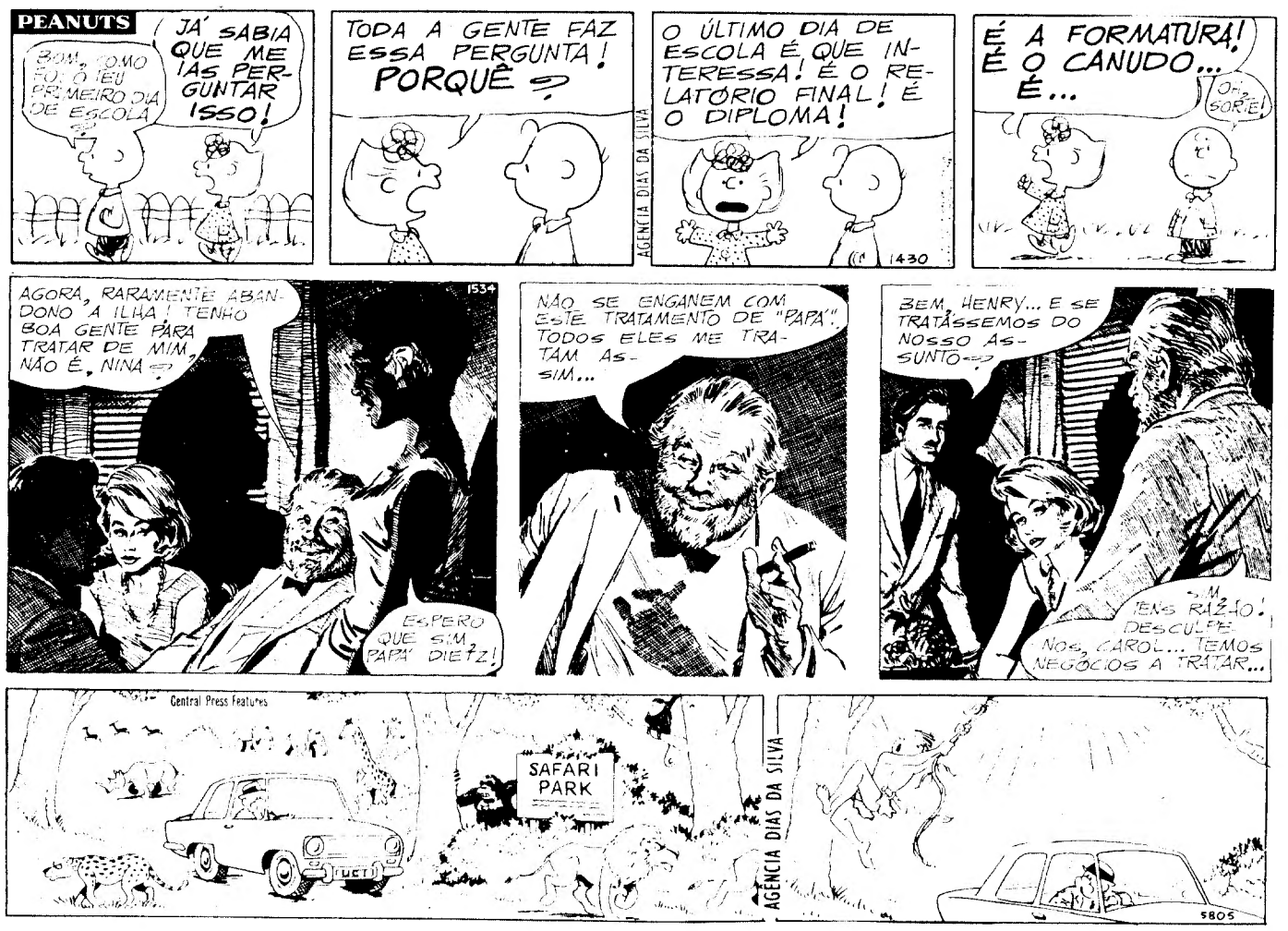
Terror à italiana

ROMA. O realizador Mario Bava, italiano especializado em filmes de horror, vai começar a rodar em Roma uma pelicula com o título «Il Diavolo e Il Morto», com Telly Savalas, Elke Sommer, Sylvia Koscina, Alida Valli, Alessio Orano e Gabriele Tinti. O argumento é de Roberto Natale e Giorgio Maurini. Trata-se de uma produção do norte-americano Alfred Leone.

Evocação de Lenny Bruce

HOLLYWOOD — Vai ser produzida uma película biográfica sobre o falecido comediante Lenny Bruce, baseada na peça de Julian Barki «Lenny».

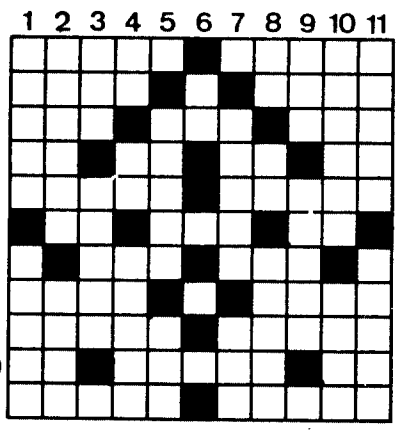
«Aguaviva», o célebre agrupamento espanhol que continua a dar cartas no país vizinho e não só, enquanto não lança o seu próximo disco vai espalhando, por diversos sítios, o seu talento (seu e de quem os dirige...) com as palavras e a música dos seus dois albúns: Poetas Andaluces e Apocalipsios. zeis uma coisa que, por cá, não se faz nem pouco mais ou menos. Talvez não precisemos...



PASSATEMPOS CRUZADOS

COM PROVÉRBIO

PROBLEMA N.º 10216



HORIZONTAIS:

1 Imagina (fig.). Dinheiro (pop).
2 Cidade do Estado de São Paulo (Bras). Camareiras.
3 Espaço de trinta dias. Sadio. Renque.
4 Viração. Aqui. Nota musical. Sufixo que designa estado.
5 Um gosto em meio de muitos dissabores (fig). Associação de malfeitores e de gatunos que existia na Sicília.
6 Batraquio. Antepassado. Nome que os Egípcios davam ao Sol.
7 O mesmo que ion. Senhora.
8 Azáfamas. Doente.
9 Fruta seca, especialmente uva. Dais mios.
10 Quarto. Soluçam. Nome de letra.
11 Muito grande (falando-se de coisas inanimadas). Nome do deus-peixe a quem os Caldeus atribuiam o mérito de ter civilizado o seu país.

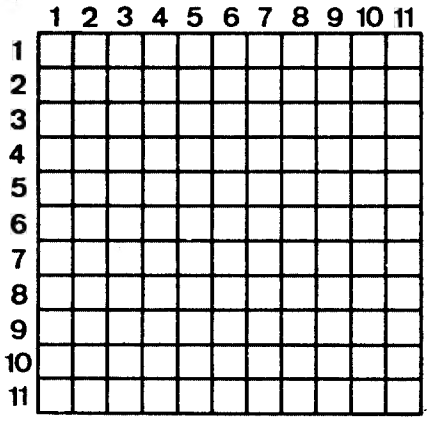
VERTICAIS:

1 Macaco (Gir.) Sarja de seda, fina e preta, com que se faziam mantilhas para senhores.
2 Realizar. Planta leguminosa utilizada em culinária.
3 Despidos. Mulheres.
4 Tempo do verbo haver. Cento e um em romano. Igualmente.
5 Ilha do mar Jónio. Patrão.
6 Em a.
7 Freguesia do concelho de Macedo de Cavaleiros. Extremidade do braço.
8 Autores (abrev). Deusa da Lua entre os Egípcios. Bruma.
9 Fecha as asas para descer mais depressa. Penhasco.
10 Campónia. Raspe a terra.
11 Guarnecera de asas. Costuras.

Resolveu completamente este problema?
Procure agora em segundo passatempo o PROVÉRBIO nele inscrito.

NOVA MODALIDADE

PROBLEMA N.º 6372



HORIZONTAIS:

1 Aqui. Ferida aberta. Preposição latina que designa movimento.
2 Ave pernalta. Fileira. Greda branca.
3 Divisão de uma casa. Reis.
4 Senhor. Convoca. Abreviatura que se usa em música.
5 Já. A flor, o escol o que há de melhor na sociedade.
6 Enfiada. Nome de jogo.
7 Passara em silêncio.
8 Compare.
9 Espinho. Nome que os Muçulmanos dão ao seu Deus. Possui.
10 Duzentos e dez em romano. Constava.
11 Golfo do mar da China entre as penínsulas da Indochina e Malaca. Gritos.

VERTICAIS:

1 Parara. Patas.
2 Sente desgosto (fig). Pronome pessoal.
3 Aluminio (s.q). Ombro. Mau cheiro.
4 Ermida ou habitação do solitário indiano. Cobalto (s.q).
5 Tempo do verbo haver. Cidade da Inglaterra.
6 Espírito. Sinal ortográfico.
7 Galio (s.q). Calcularas.
8 Dissera. Alternativa.
9 Magnate natural. Pronome demonstrativo.
10 Terra arroteada de novo. Afasto.
11 Perda. Conjunção.

SOLUÇÃO DO PROBLEMA N.º 10215

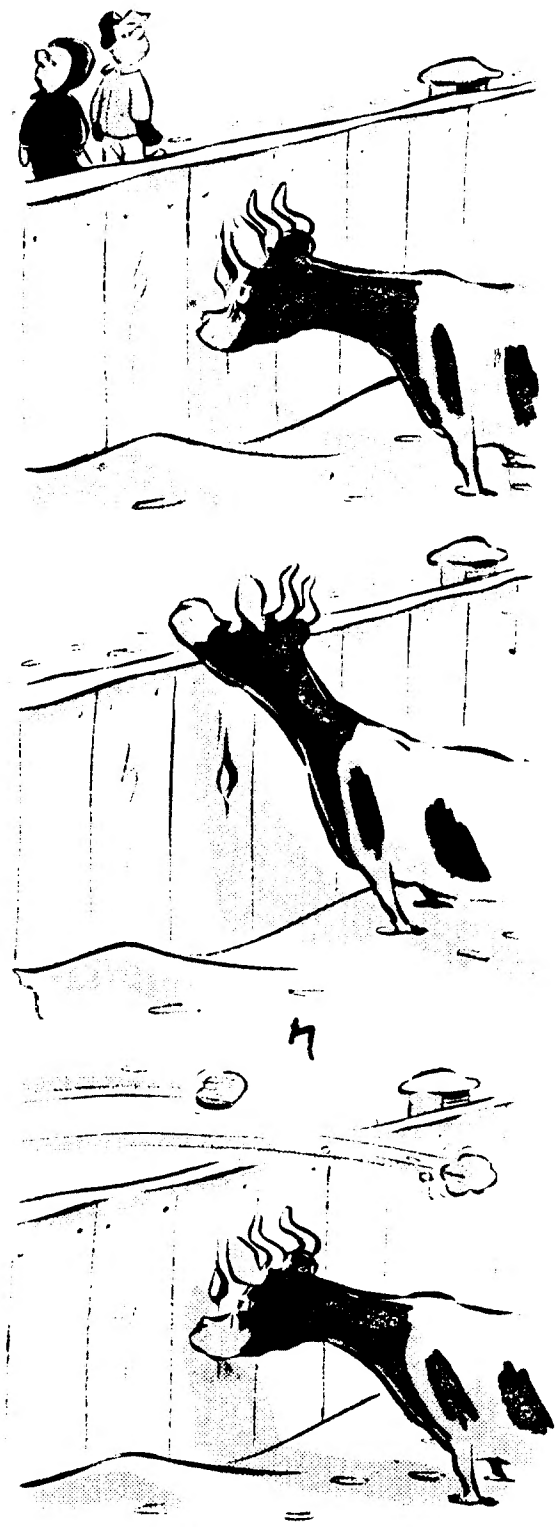
HORIZONTAIS	VERTICAIS
1 EM. MAIO. Mab.	1 Essa. Atacar.
2 Sabem. Inata.	2 Mão. Varais.
3 Soe. Abro. Er.	3 BEBE. O. BOI.
4 Balão. Pau.	4 Me. Empo.
5 Vi. Er. Ror.	5 Amale. Pá.
6 Aa. Roeras.	6 Barrariam.
7 Trompa. Ga.	7 Oiro. Cara.
8 Aa. Parco. In.	8 NO. REGO. Aí.
9 Cibo. Ia. Aah.	9 Ma. Pera. Arc.
10 Aso. Tarar.	10 Ateara. Ia.
11 Maiçor	11 Baru. Sonhar.

SOLUÇÃO DO PROBLEMA N.º 6371

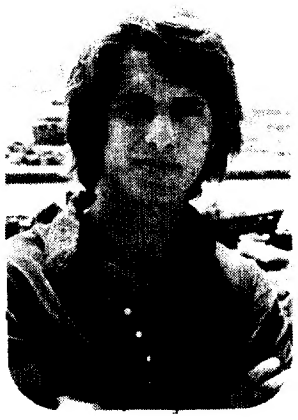
HORIZONTAIS	VERTICAIS
1 D. A. Apego. Ab.	1 Daiji. Agros.
2 Amigo. Acama.	2 Amaina. Ioda.
3 Jará. Apar.	3 Ira. Marres.
4 Jia. Pôs Ana.	4 Agá. Cama. As.
5 In. Cálio. Ho.	5 Pó. Para. Poe.
6 Amar. Nina.	6 Sol. Dia.
7 Amadora.	7 Ga. Sino. Usa.
8 Gira. Odre.	8 Oca. Oiro. Oc.
9 Ror. Pau Ais.	9 Apa. Nadava.
10 Odeão. Sovas.	1 Amanhã. Rias.
11 Sasse. Acaso.	11 Barão. Cesso.

PROVÉRBIO EM MAIO, BEBE O BOI NO REGO.

SEM PALAVRAS



AUTÓPSIA AO "SHOW BUSINESS" PORTUGUÊS



«Não entendo por que não se dão oportunidades a grupos como o «Status».

● Texto de: JOSÉ JORGE LETRIA ● Fotos de RUI PACHECO

MARCOS RESENDE: "OS EMPRESÁRIOS SÃO UM FACTOR DE RETROCESSO"

«Trabalhamos muitas horas diàriamente»

Há aproximadamente cinco anos, o pianista brasileiro Marcos Resende fez as malas e veio para Portugal, disposto a terminar a sua licenciatura em Medicina. A música, porém, absorvia-o excessivamente acabando por se profissionalizar em definitivo, abandonando o curso, no momento em que fundou o agrupamento «Status» no qual deposita agora todas as suas esperanças. Antes disso, contudo, tocou com numerosas formações, e foi um dos elementos de base do conjunto que suportava musicalmente o extinto «Pop-25».

Decepcionado com o panorama musical português que confessa não conhecer em pormenor, por falta de oportunidades, e com o pouco espirito de iniciativa dos nossos empresários. Marcos Resende traça um perfil desencantado do «métier» em Portugal, e fala-nos da sua vontade de tentar no estrangeiro a sorte que por aqui lhe tem sido recusada.

MISTÉRIOS...

Empenhado em dar ao seu grupo um suporte profissional e financeiro razoàvel, Marcos não perde tempo com rodeios: os factos são para ele demasiado claros para poderem ser, pura e simplesmente ignorados. Assim Marcos entende que...

«Só num país como Portugal a promoção dada a cerdúzia de escudos. Os empresário são, dum modo geral muito mesquinhos. Mas há mais casos: o Paulo de Carvalho, por exemplo, teve em Portugal, logo à partida, uma promoção semelhante à que teve no Brasil, o Roberto Carlos há alguns anos. Contudo, nem assim conseguiu ganhar a estabilidade e a segurança a que tem direito: Há mistérios que não consigo compreender.»

Só que, não é verdade. Bem vistas as coisas Marcos até percebe muito bem como tudo se passa. Embora hesitante, acaba por explicar com alguma ironia.

«Em Portugal as pessoas que podiam contratar o «Status» ou o Paulo contia despejar o saco. Cinco anos chegaram-lhe para entender muita coisa que, de inicio, lhe parecia estranhamente inexplicável. Mas agora tudo é diferente.

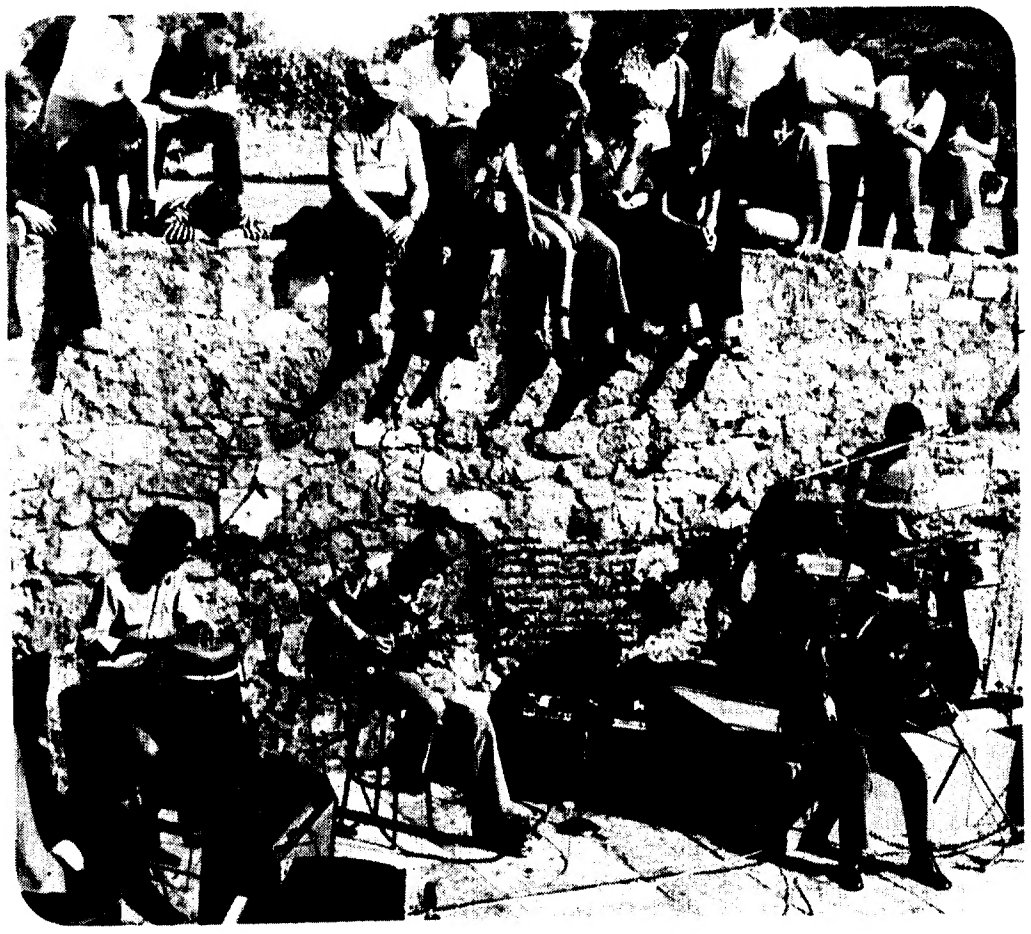
«À maioria dos empresários que funcionam nestes termos sai-lhes o tiro pela culatra: convencidos de que estão a servir o público estão apenas a contribuir para lhe agravar velhos vicios. Este ma, de resto, parece estar generalizado. Aqui ninguém está disposto a arriscar um milimetro sequer. Preferem todos jogar pelo seguro. A maioria das pessoas ou defende o velho cançonetismo, ou, em plena segunda metade do século vinte, está convencida de que só ópera é que é cultu-

NOVAS AQUISIÇÕES

«O «Status» parece ter atingido agora a sua forma definitiva. Entraram dois elementos (um baixo, e um baterista) nos quais acredito plenamente). Creio que nestes últimos meses o grupo evoluiu bastante do ponto de vista de segurança musical. Conseguimos definir uma base ritmica, a partir da qual desenvolvemos individualmente a nossa própria linguagem. Somos básicamente, um grupo de características instrumentais. Há a propósito disso, um pormenor interessante: supunhamos a principio que muita gente ia reagir mal ao nosso tipo de, música, mas, aos poucos, chegámos à conclusão de que, mesmo em bailes, havia gente que interrompia a dança só para nos ouvir tocar. Isso é significativo».

Marcos é um profissional consciente e ambicioso. A partir das suas ideias pretende que «Status» se transforme num agrupamento de grandes recursos, apto a ultrapassar o provincianismo que ainda marca o panorama musical português.

«Suponho que, á custa de muito trabalho, o nosso som está a melhorar de semana para semana. Desenvolvemos a maioria dos temas a partir de ideias que eu forneço aos restantes elementos e que eles exploram e analisam consoante o seu gosto e a sua tendência musical. No entanto, por maior que seja a nossa maturidade musical não temos possibilidades de a pôr à prova, uma vez que o «showbusiness» é, aqui, ainda muito incipiente. É isso que faz com que eu tenha a ambição de sair daqui com o grupo e de o por a tocar lá por fora».



«Infelizmente o público ainda não está preparado para certas coisas»

tos artistas não resulta. Nós, por exemplo, desde que aparecemos pela primeira vez em público tivemos da imprensa, em geral, um apoio e uma simpatia que são invulgares. No entanto, nem assim conseguimos arranjar contratos suficientes para pagarmos grande parte do material necessário para as nossas actuações. Passámos o mês de Setembro sem um único contrato. Alguns deles, só não os assinámos, por uma insignificante margem de meia

nuam nos «shows» que organizam a contratar cançonetistas medíocres e agrupamentos folclóricos. Primeiro porque os cançonetistas lhes enchem a casa e, em segundo lugar, porque há um país a promover turisticamente e eles querem dar uma ajuda. Sabemos como estas coisas são. Não sabemos?

TIRO PELA CULATRA

Apesar da sua aparente calma, Marcos vem disposto

ra. Enganam-se todos redondamente».

SEM POLÍTICA...

Marcos é essencialmennte um músico e serve-se disso como argumento. Ora reparem:

«Quando toco estou exclusivamente virado para a música que faço. Nada mais. Que se tirem oportunidade a certas pessoas que utilizam a canção como instrumento de consciencialização, eu não aceito, mas compreendo, agora que so-

fram das mesmas limitações aqueles que fazem música pela música, eu já não posso admitir. Apesar de ter as minhas ideias, quando toco, não estou a pensar no conflito do Vietname, nem em coisas que impliquem, de forma clara, uma tomada de posição politiva. Isso é outra questão.»

É, afinal, por isso...

«que eu estou em Portugal há cinco anos e mal conheço as pessoas do mesmo ofício, ao ponto de ter dificuldade de me pronunciar sobre o seu nível musical. Acredito, inclusivamente, que haja muita gente bem apetrechada tècnicamente a tocar em casa para deleite dos amigos de família. Ora, isso é lamentável, numa terra onde há tão pouca gente a tocar razoàvelmente. No fundo, eu não sou contra o fado nem contra a canção tradicional, sou contra tudo aquilo que pode contribuir para a paralização do progresso. Neste caso, o musical. Lamento, no fundo, que não haja, como no Brasil, público que permita a coexistência de géneros totalmente diferentes, que vão do romantismo piroso do Nelson Ned, às experiências do Milton Nascimento. O público, no fundo, tem medo de manifestar as suas preferências e o artista acaba, por ter medo de revelar a sua verdadeira face. Quando vim para Portugal tive logo receio de tocar «bossa-nova» julgando que iam dizer que era um capricho de brasileiro.»

MÚSICA É NEGÓCIO

Marcos é uma figura surpreendente: para além da sua serenidade existe uma certa violência no modo como diz as coisas. Aqui fica anotado o pormenor.

«Não tenham ilusões: a música é um negócio como outro qualquer. É preciso que os empresários se convençam disso. Doutro modo, não vão longe. Se estão à espera que grupos como o «Status» reduzam os «cachets» para os poderem contratar estão enganados. Além de termos material caríssimo para pagar temos a nossa dignidade profissional, que resulta, entre outras coisas, das muitas horas que trabalhamos diàriamente para conseguirmos ter um nível aceitável. Por isso, é natural que os artistas estrangeiros quando cá vêm se queixem, caso do Claude Nougaro. No meio disto tudo, há situações perfeitamente ridículas: no Verão passado fomos convidados por uma jovem dum curso de férias para darmos um concerto. Aceitámos ir tocar graciosamente ao estádio universitário. Deslocámo-nos por conta própria, etc. Quando nos preparávamos para tocar cortaram a corrente eléctrica com medo que fossemos destruir alguma coisa. As pessoas têm a cabeça cheia de fantasmas. Quem reagiu mal foram os estudantes estrangeiros que levaram uma bela impressão de Portugal. É com isto que as pessoas normalmente não contam. Para além disso estou perfeitamente disposto a não dar «borlas»: só a minha aparelhagem custa tanto como um automóvel. Estou convencido que os empresários, a raciocinarem assim, são factores de retrocesso na música portuguesa.»

TENDÊNCIAS

À laia de epilogo Marcos fala-nos ainda, por alto, das tendências musicais que norteiam o trabalho do grupo e das hipóteses reais de lançamento além fronteiras.

«Não é fácil neste momento falar de tendências e de estilos. Mesmo circunscrevendo a resposta à minha pessoa torna-se difícil. Tenho, como é de prever, influências da música «rock» (Brian Auger e Keith Emmerson) e do «jazz» (Herbie Hanck e Keith Jarret). Porém, todas elas se diluem no peso que têm sobre mim os rítmos afro-americanos. No que diz respeito aos restantes elementos só eles o poderão dizer. Quanto a projectos, tenciono fazer um disco com temas meus apoiado pelo «Status», e tentar o lançamento no estrangeiro que talvez não seja muito difícil pois não há muitos grupos a tocarem o nosso tipo de música.»